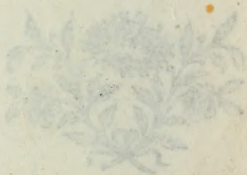
# HISTORIA
DOS
# DESCOBRIMENTOS,
E CONQUISTAS
DOS
# PORTUGUEZES,
NO NOVO MUNDO
TOMO IV.

LISBOA
NA OFFICINA DE ANTONIO GOMES.
MDCCLXXXVI.
*Com licença da Real Meza Cenſoria.*

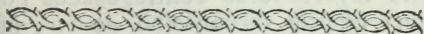
Vende-ſe na logea da Viuva Bertrand e Filhos, Mercadores de Livros junto á Igreja dos Martyres ao Xiado, em Lisboa.

# HISTORIA
## DOS
## DESCOBRIMENTOS,
## E CONQUISTAS
## DOS
## PORTUGUEZES,
## NO NOVO MUNDO.

## LIVRO XIII.

Ann. de J. C. 1550. 1551.

D. JOAÕ III. REI.

D. AFFONSO DE NORONHA VICE-REI

A Noticia da morte de D. Joaõ de Castro trazida a Portugal causou muita inquietaçaõ na Corte, e posto que elle devia confiar na grande experiencia de Garcia de Sá, que lhe succedeo, com tudo a sua grande idade causando todo o reccio, ElRei se determinou a enviar hum novo Vice-Rei, cujo merecimento conhecido o podesse des-

Ann. de J. C. 1550. 1551.

D. João III. Rei.

D. Affonso de Noronha Vice-Rei

descançar sobre o Estado das Indias, onde se precizava d'hum homem de cabeça. Para o que pós os olhos em D. Affonso de Noronha, filho do Marquez de Villa-Real. D. Affonso era entaõ Governador de Ceuta; tinha-se distinguido nas guerras d'Africa, e tinha a reputaçaõ de hum bom Official.

Nomeando ElRei o Vice-Rei, augmentou as suas honras, e os seus soldos, deixou na sua disposiçaõ a nomeaçaõ do General do mar, e para o lisongear mais tomou o seu parecer sobre os outros empregos das Indias que eraõ da nomeaçaõ da Corte, e só nelles proveo pessoas do seu gosto. Estes favores foraõ contrapezados por huma espécie de conselho de 10, ou 12 pessoas que lhe nomeou, e de quem elle devia tomar os pareceres, ou quando elle os consultasse, ou quando elles se intrometessem de motu proprio a dar-lhos para o bem do serviço. El-Rei ajuntou a isto longas instruçoens tocantes á Religiaõ, e á Policia, que eu teria gosto de contar, porque podem ser uteis para todas as Colonias. Porém nada he mais ordinario do que os regulamentos das Cortes, e nada mais mal executado, principalmen-

mente nos paizes remotos. Huma circunſtancia muda tudo, e os que tem o poder na maō achaō ſempre pretextos muito eſpecioſos para voltarem as ordens da Corte em ſeu proprio proveito, e fazerem ſó o que lhes agrada. Tem elles quaſi a ſegurança de ſerem attendidos. E os ſubalternos naō ignoraō que he perigoſo o contradizelos, e ainda mais eſcrever, ſe elles o chegaō a deſcubrir, para os acuſar, e criminar.

ANN. de J. C. 1551.

D. JOAŌ III. REI.

D. AFFONSO DE NORONHA VICE-REI

O novo Vice-Rei partio de Lisboa no primeiro de Maio de 1550. com huma eſquadra de 5 navios, dois mil homens d'embarque, quazi todos os Officiaes maiores dos diverſos poſtos, e muita nobreza. Foi a jornada feliz até o cabo de Boa eſperança, aonde os navios ſe ſepararaō. O Vice-Rei paſſando por fora da Ilha de S. Lourenço, teve os ventos de Eſte, e foi demandando a Ilha de Ceilaō aonde chegou em Outubro. D. Alvaro da Gama e Ataide, que commandava o quinto navio, ainda que naō pode partir ſe naō a dezoito do mez, por ter o navio mal arrimado, e muito tombado, com tudo foi hum dos primeiros que chegou, ſeguindo a meſma derrota, e tendo ferrado o porto no

meſ-

Ann. de J. C. 1551.

D. JOAÕ III. REI.

D. AFFONSO DE NORONHA VICE-REI

mesmo tempo, e fazendo a viagem, assim como a fizera em outro tempo Antonio de Saldanha. Sobre o que reparaõ os Auctores Portuguezes, pois parece que o mar acatava, e obedecia aos descendentes do Almirante descubridor da India, porque a nenhum dos Filhos, Netos, e Bisnetos deste illustre, e celebre Portuguez, que todos fizeraõ a mesma viagem, lhes succedeo disgraça alguma no mar.

O Rei de Cota recebeo o Vice-Rei com todas as honras que pode idear, e havendo-lhe representado a fidelidade comque sempre fora unido á Coroa de Portugal, empenhou-o pollos seus prezentes, e pollos seus bons modos, a prometer-lhe que mandaria hum prompto soccorro para o ajudar contra seu irmaõ, a quem a facilidade comque lhe perdoara só servira de motivo para de novo se rebellar contra elle.

De Ceilaõ, partio o Vice-Rei para Coulam, e da hi para Cochim aonde o deixámos, e aonde vimos que chegara demaziado prestes para tirar a Cabral a maior victoria que os Portuguezes podiaõ vencer n'estas Regioens. Triste annuncio dos accontecimentos de hum governo taõ mal principiado.

Naõ

Naõ se havendo aproveitado desta occasiaõ oportuna, dispoz-se Noronha a partir para Goa, sem fazer a guerra, nem a paz com os Reis alliados, excepto com o Samorim, de quem recebeo os Embaixadores; e sem que se soubessem as condiçoens do tratado; nem o que se havia passado na Ilha de Ceilaõ, com hum filho de Madune Rei de Ceitavaca, a quem deo huma audiencia particular, mas ninguem della penetrou o motivo, e decisaõ.

ANN. de J. C. 1551.

D. JOAÕ III. REI.

D. AFFONSO DE NORONHA VICE-REI

Proveo antes de fazer-se á vela para Goa os differentes postos, expedio os navios de Carregaçaõ, e em hum delles se embarcou Cabral. Despachou ao mesmo tempo cinco navios para o estreito de Méca, dos quaes deo o mando a Luiz Figueira, depois de o tirar a Jeronimo de Castello-Branco, o qual estimulado disso, desafiou D. Fernando de Menezes filho do Vice-Rei, que o havia pedido para Luiz Figueira a quem apadrinhava.

Depois de se despedir do Rei de Cochim embarcou-se, e vizitou de passagem as fortalezas de Challa, e de Cananor, deixou D. Antonio de Noronha, filho do Vice-Rei D. Garcia, com vinte embarcaçoens de remo, para

Ann. de J. C. 1551.

D. João III. Rei.

D. Affonso de Noronha Vice-Rei

ra cruzar na Coſta do Malabar, e dahi foi a Goa, aonde foi recebido com todas as honras, e feſtejo publico, o que ſempre neſſas occaſioens accontece aos que de novo vem.

Os Nayres apaixonados do defunto Principe de Bardella deraõ ainda hum grande attaque de repente á Cidade de Cochim, e derramaraõ muito ſangue, e obraraõ grandes crueldades logo depois da partida do Vice-Rei. Acudindo porém os Portuguezes os reprimiraõ. Foi ſanguinolenta a acçaõ, e nella ſe perderaõ cincoenta Portuguezes. Eſta foi a ultima de Cabral, e fez-ſe á vela para o Reino.

Eſtava renovada a guerra na Ilha de Ceilaõ. Madune, que ſó havia eſperado a partida do Vice-Rei, eſtava na campanha, e fazia grandes deſtroços. Só eſtavaõ cem Portuguezes em Cota, e Columbo, ás ordens de Gaſpar de Azevedo, que ſervia de feitor, e Alcaide mór. O Rei logo os fez armar, e nomeou General das ſuas tropas a Tribuli Pandar ſeu cunhado, indo eſte procurar o inimigo, em varios encontros o maltratou, obrigou-o a paſſar o rio de Calane, e acampou d'aquem deſte rio.

Como a armada eſtava ao pé, foi

Ann. de J. C. 1551. D. Joaõ III. Rei. D. Affonso de Noronha Vice-Rei

foi ao acampamento o Rei de Cota, levado da curiosidade de ver comer os Portuguezes em hum terrazo ou varanda aonde estavaõ, chegou-se a huma fresta, e eisque hum tiro de arcubuz sem pontaria certa o matou. Por muito tempo foraõ tidos os Portuguezes por authores de huma taõ grande aleivosia, nem se duvida que Madune houvesse peitado alguem para similhante acçaõ. Porém para os desculpar, muito tempo depois se disse, que hum Portuguez chamado Antonio de Barcellos, confessara á hora da morte, que havia morto o Rei de Cota, por acazo, fazendo pontaria a hum pombo bravo.

Causou esta morte grande abalo nos espiritos, mas como se ignorava o auctor, naõ se pode pensar na sua vingança. Naõ ficou nos coraçoẽs mais do que odio, odio proporcionado a idéa do crime, e á horrivel ingratidaõ a respeito d'hum Rei como aquelle, que naõ tinha feito outra coisa, se naõ bem aos Portuguezes; mas as circuustancias em que se achavaõ os obrigou a dissimular.

Tribuli Pandar levantou logo o campo para tornar para Goa, para fazer as ultimas honras ao defunto Rei, e fazer reconhecer em seu lugar o

Prin-

ANN. de J. C. 1551.

D. JOAÕ III. REI.

D. AFFONSO DE NORONHA VICE-REI

Principe Dramabella o mais velho dos ſeus proprios filhos, que ſendo naſcido d'huma irmã do Rei morto, devia ſucceder-lhe, ſegundo as Leis da Genecocracia eſtabelecida neſta Ilha. Tinha elle já ſido reconhecido em Portugal havia alguns annos. O Rei de Cota ſeu tio fazendo-ſe vaſſallo da Coroa, enviou huma eſtatua que repreſentava eſte moço Principe, com hum rico Diadema todo coberto de pedras, ſupplicando a ElRei de Portugal que o fizeſſe coroar, e confirmar como ſeu herdeiro ligitimo, e a ceremonia foi feita em Lisboa, com muito eſtrondo, e apparato.

Iſto naõ impedio Madune para ſe fazer herdeiro. Pretendeo que o Reino lhe eſtava devoluto pela morte de ſeu irmaõ, com preferencia a ſeu ſobrinho. Solicitou o eſpirito dos grandes, porém inutilmente. Tribuli Pandar feito primeiro Miniſtro, e achando-ſe na frente de hum exercito, ſuſtentou os direitos de ſeu filho pela via das armas, e o fez com fortuna.

Com tudo inſtruido o Vice-Rei d'eſta revoluçaõ, e obrigado pelo novo Rei, a hir ſoccorello, pôz no mar huma poderoſa armada para paſſar para á Ilha de Ceilaõ. Moſtrou bem

pe-

pela ſua conducta, que tinha ſido levado menos pela juſtiça da cauſa d'eſte Principe, do que por huma avareza inſaciavel, de que ſe acharáõ poucos exemplos ſimilhantes. Porque apenas deſembarcou em Columbo, começou a fazer violentas inquiriçoens para deſcubrir onde eſtavaõ os theſouros do Rei defunto, como ſe elles lhe pertenceſſem de direito. Naõ ſendo ſatisfeita a ſua avida curioſidade metco em ferros os principaes Modeliares, ou Fidalgos do Reino, e á força de tratos, e tormentos procurou tirar d'elles hum conhecimento que naõ tinhaõ.

Anno de J. C. 1551.

D. JOAÕ III. REI.

D. AFFONSO DE NORONHA VICE-REI

Eſta barbara conducta alienou furioſamente os animos, e obrigou mais de 600. dos principaes a paſſar para o campo inimigo. A pezar d'iſto naõ achando o que procurava, fez dar buſca ao Palacio do Rei, e lhe fez tirar todo o oiro, prata, joias, e pedras que alli ſe acharaõ. A quantia ſó do dinheiro amoedado paſſou de cem mil cruzados, fora o que ſe deſencaminhou.

Depois d'huma taõ violenta extorſaõ, que naõ podia ſer ordenada por algum titulo decente, o Vice-Rei tirou ainda a eſte deſgraçado Principe 200$ Pardáos em compenſaçaõ das

deſ-

Ann. de J. C. 1551.

D. João III. Rei.

D. Affonso de Noronha Vice-Rei

despezas que tinha feito para esta guerra, cem mil pagos logo, e os outros cem mil depois, sem limitaçaõ de termo, com tanto que fosse regulado, que elles ajuntassem as suas tropas para hirem combater Madune, o qual naõ abandonariaõ sem o fazerem presioneiro, ou sem o destruirem inteiramente. Foi outro sim regulado que o Vice-Rei repartiria igualmente com o Rei os despojos que tirassem do inimigo.

Em execuçaõ d'este tratado, o Rei de Cota vendeo logo as joias, e pedras preciozas, a baixela d'oiro, e prata do seu serviço, e que tinha salvado do roubo do seu Palacio com este pretexto. Disto fez 80 ☩ Pardáos, que deo ao Vice-Rei, que com isto se contentou por entaõ.

O exercito composto de 4 ☩ Ilheos, e de 3 ☩ Portuguezes, que tinhaõ o Rei de Cota, e o Vice-Rei na sua frente, se pôz em marcha. Os desfiladeiros em que Madune se tinha fortificado, foraõ tomados por viva força, e este Principe obrigado a salvar-se nas montanhas acompanhado sómente de cem homens. A Cidade de Ceitavaca naõ tendo o seu Rei para a defender, abrio as suas portas ao Vice-Rei, que fazendo-as logo fe-

char

ANN. de J. C. 1553.
D. JOAÕ III. REI.
D. AFFONSO DE NORONHA VICE-REI

char, a entregou ao ſaquo como ſe tiveſſe ſido tomada por aſſalto. Alojou-ſe depois no Palacio do Rei, onde fez o meſmo que tinha feito nos de Cota, e de Columbo. Saqueou do meſmo modo o Pagode, que tinha n'outro tempo reſpeitado, e que eſtava cheio de riqueſas immenſas em Idolos de ouro, e de prata, carregados de pedraria, e outros moveis do meſmo metal, e valor deſtinados para os ſacrificios, e ſerviço do Templo. Tudo foi carregado nos livros de conta do Eſtado; porém d'hum modo groſſeiro, e confuzo, e que dava hum vaſto campo para ſatisfazer o intereſſe peſſoal á cuſta do ſenhor, a quem moſtravaõ atribuilo.

Metade da pilhagem pertencia de direito ao Rei de Cota, conforme o ajuſte feito; porém achavaõ meio de o fruſtrarem em tudo, com o pretexto de terem eſgotado o theſouro das Indias, com a poderoſa armada, que tinhaõ feito a fim de o ſoccorrer. Em fim eſte pobre Principe pedindo, que ſegundo o tratado lhe deſſem 500 homens para ſeguir Madune, que ſem ceſſar naõ deixava de ſe reſtabelecer, e de tornar a começar a guerra com mais força que

nun-

Ann. de J. C. 1553.

D. Joaõ III. Rei.

D. Affonso de Noronha Vice-Rei

nunca, recusaraõ-lhos, por elle naõ estar em estado de pagar os 20∯ Pardáos, que faltavaõ para os cem mil que devia dar logo. O Vice-Rei com este pretexto julgou ter direito de faltar á sua palavra, e fingindo estar com pressa de hir dar ordens aos Navios de transporte, que deviaõ partir para Portugal, tomou o caminho de Columbo. Deixou 200 homens em Cota para guarda da Cidade, e da Ilha, e nomeou Alcaide Mór a Fernando Carvalho, que devia residir em Columbo.

Antes de se embarcar o Vice-Rei quiz ser pago dos 20∯ Pardáos que se lhe naõ deviaõ, fez toda a diligencia para apanhar Tribuli Pandar, pai do Rei, o qual sendo disto avisado se salvou. Em falta d'este D. Affonso fez prender o Vigario Geral, que foi apanhado só, e a quem fez responsavel desta soma. O Vigario para sahir da prisaõ, foi obrigado a vender hum cinto d'oiro por 5∯ pardáos que entregou, e fez huma obrigaçaõ pelos outros 15∯.

Finalmente Noronha quiz ainda antes de partir obrigar o Rei a fazerse Christaõ, como se tudo o que elle acabava de fazer naõ devesse ter dado a este Principe a maior aversaõ d'huma Religiaõ taõ dezacreditada por pessoas

ſoas cujos exceſſos faziaõ horror aos meſmos Gentios, e barbaros. Porém eſte Principe eſcuſando-ſe por eſtar mal ſeguro em hum Trono ainda vacilante, e attacado por hum competidor tal como ſeu Tio, e que obraria contra todas as leis da politica, e ſe exporia a huma revoluçaõ inevitavel, deo-lhe com tudo por fiador da boa vontade que tinha hum dos ſeus parentes que elle pôde fazer Chriſtaõ. O Vice-Rei aprovou as ſuas raſoens, trouxe comſigo o parente, que lhe deo por penhor, e o fez paſſar para Portugal, donde depois de ſe ter baptiſado, tornou para ás Indias, e ſe eſtabeleceo em Goa.

ANN. de J. C. 1553.

D. JOAÕ III. REI.

D. AFFONSO DE NORONHA VICE-REI

Joaõ Henriques, a quem o Vice-Rei tinha deixado, quando partio, a ordem d'apanhar o pai do Rei, e de o enviar a Goa ſem outro motivo que o de o reſgatar, tentou no principio fazelo com deſtreza; porém o Rei que penetrou as ſuas intençoens, lhe rogou, que quizeſſe ſuſpender huma tal ordem, e que fizeſſe attençaõ ſó á circunſtancia dos tempos: Que ſeu pai eſtava actualmente com o Principe de Corlas ſeu primo, com quem tratava o ſeu cazamento com a filha d'eſte Principe. Que com o favor deſta ali-

Ann. de J. C. 1553. D. João III. Rei. D. Affonso de Noronha Vice-Rei

liança tudo ſe reuniria contra Madune, que tinha entrado nos ſeus Eſtados, e ameaçava a huma nova guerra. Henrique era homem de bem, capacitou-ſe d'eſtas razoens, e deo hum ſalvo conducto para o pai do Rei, que voltou logo para Cota, donde reſolveo marchar ao inimigo para o impedir de ſe fortificar mais.

Morrendo Henrique neſta viagem, Diogo de Mello, que tomou o ſeu lugar, ſem tomar os ſeus ſentimentos, naõ teve reſpeito algum á alliança feita; e attrahindo o pai do Rei a Cota na boa fé, o meteo em ferros na torre onde guardavaõ a polvora. Tres dias depois deſta priſaõ, Duarte Deça, de quem já temos falado, e que fez depois tanto mal ás Molucas, tomando o Governo, a mãi do Rei, mulher de grande valor, e que indignada do tratamento feito ao ſeu eſpozo tinha ſahido de Cota, e tinha levado tropas, procurou no principio tratar amigavelmente do ſeu livramento. Porém Deça longe de eſcutar as ſuas propoſiçoens, fez-lhe a ſua priſaõ mais cruel. O Rei, e a Rainha naõ ſe deſcorſoaraõ, e crendo que ſe Tribuli Pandar ſe fizeſſe Chriſtaõ, ſeria hum meio ſeguro de o tirar dos ferros,

ro-

rogaraõ aos Padres de S. Francifco que trabalhaffem na fua converfaõ. Eftes Portuguezes cheios de zelo fe empregaraõ nifto com todo o feu coraçaõ, e o baptizaraõ em fegredo, com medo que Deça fe oppozeffe a ifto. Com effeito indignou-fe tanto, quando foube o que fe tinha feito, que augmentou o pezo das cadeas ao feu prefioneiro, prohibio aos Padres de S. Francifco que o viffem, e o teve muito mais fechado.

Ann. de J. C. 1553.

D. JOAÕ III. REI.

D. AFFONSO DE NORONHA-VICE-REI

A Rainha mãi recorreo entaõ ao artificio. Seduzio alguns Portuguezes á força de dinheiro. Eftes fazendo rebentar huma mina da parte do Convento dos Francifcanos, tiraraõ o pai do Rei da fua efcravidaõ. Tanto que elle efteve em liberdade, pôz-fe na frente das tropas, que a Rainha fua efpofa lhe tinha preftes, efpalhou-fe como huma torrente fobre toda a Cofta de Galle, abateo todas as Igrejas, paffou á efpada todos os Ilheos Chriftaõs que lhe cahiraõ nas maõs, queimou hum navio d'hum Portuguez que eftava no eftaleiro prompto para fer deitado ao mar, e fe pôz em eftado de fazer guerra aos Portuguezes a ferro, e a fogo.

Deça abifmado deftes progreffos

Ann. de J. C. 1553. D. João III. Rei. D. Affonso de Noronha Vice-Rei

teve mais facilidade em escutar as representaçoens do Rei de Cota, que lhe fez comprehender o perigo em que o metia de perder huma Coroa que conservava a fé, e homenagem da de Portugal, e o prejuizo que d'isso resultaria ao Rei seu Senhor, e a todos os da sua naçaõ. A paz foi feito, e jurada, e logo o Rei fez contar a Deça mil crusados em consequencia da obrigaçaõ que este contractou de lhe dar 50. homens. Porém Deça ao ajustar, e ao receber offereceo só 20 para os quaes fez novas extorsoens, e naõ os deo.

O que entaõ houve de mais terrivel he, que no mesmo tempo Deça se ajustou com Madune', que o tinha corrumpido com os seus prezentes. O negocio naõ foi taõ secreto, que o Rei de Cota naõ fosse d'isso avisado, o que o obrigou a retirar as suas tropas por temor d'alguma traiçaõ. Com tudo o pai do Rei vendo esta intelligencia do commandante Portuguez, e de Madune, e temendo ser a victima, procurou reconciliar-se com este ultimo, e fez hum tratado com elle, pelo qual devia esposar huma filha de Madune, que era viuva, e esta tinha huma filha, que havia casar com o seu fi-

filho ſegundo, irmaõ do Rei de Cota. O Rei de Cota ſabendo deſte tratado ſe afligio muito, vendo-ſe abandonado de ſeu proprio pai, e ſentia bem que ſeu pai reduſido a huma triſte ſituaçaõ trabalhaſſe menos na ſegurança da ſua peſſoa, do que a meter-ſe elle meſmo no perigo de ſer deſapoſſado dos ſeus Eſtados. Porém eſte tratado naõ ſe effectuou por entaõ: a velha Rainha, avo do Rei, e mái de Madune, lhe impedio a execuçaõ, indo ella meſma procurar Tribuli Pandar, a quem fez comprehender as conſequencias terriveis d'huma alliança taõ pernicioſa.

Ann. de J. C. 1553.

D. Joaõ III. Rei.

D. Affonso de Noronha Vice-Rei

Fernando Carvalho, que ſuccedeo a Duarte Deça, naõ ſe comportou melhor do que elle, porque recebendo quinhentos cruſados para dar 50 ſoldados, negou os ſoldados, e naõ reſtituio o dinheiro que tinha recebido. O Rei de Cota naõ deixou de continuar a guerra, desbaratou Madune ſem o ſoccorro dos Portuguezes, e o obrigou a recorrer á ſua clemencia; ao que ſe ſeguio a paz entre eſtes Principes, e cazamentos de que o projecto ſe tinha quebrado.

ElRei D. Joaõ III. indignou-ſe muito com a conducta que o Vice-

Ann. de J. C. 1553.

D. João III. Rei.

D. Afonso de Noronha Vice-Rei

Rei tinha tido a respeito do Rei de Cota, e sobre as queixas que este Principe lhe tinha feito, ordenou que tudo lhe fosse restituhido. Esta era só huma pequena parte da justiça que lhe devia ser feita, e pode ser que nesta occasiaõ se poderia aplicar o que disse o Sophi a hum Embaixador d'ElRei de Portugal na sua Corte. „ Elle lhe „ preguntou: a quantos Vice-Reis, e „ Governadores ElRei seu Senhor ti- „ nha feito cortar a cabeça? e sobre „ isto o Embaixador lhe respondeo que „ elle naõ tinha usado desta severi- „ dade com algum; sendo assim, acres- „ centou elle, naõ conservará muito „ tempo o que adquirio com tanto tra- „ balho. „

Este castigo taõ leve foi causa de que esta mesma ordem fosse tam mal executada, que o Rei de Cota naõ cobrou 20$ Pardáos se naõ em differentes termos, e que lhos davaõ com huma maõ para lhos tornarem a tomar com a outra com usura. Foi igualmente causa que os Commandantes que se succediaõ huns aos outros em Ceilaõ, aproveitando-se d'huma parte do máo exemplo do Vice-Rei, e da outra contando com a fraquesa, ou espécie de dissimulaçaõ do governo

que

que naõ ſabia punir taõ grandes exceſſos, excediaõ muito os ſeus predeceſſores em materia de roubos, de injuſtiças, e de perfidias. Com effeito Affonſo Pereira de Lacerda, que veio depois de Fernando de Carvalho, ſe ajuſtou ainda mais claramente com o inimigo, recebendo dinheiro de duas partes, e Madune que era por extremo meigo, e velhaco, dirigio os negocios com tanta habilidade, que fazendo guerrear pelas ſuas intrigas aos Portuguezes com os ſeus amigos, e ſeus aliados, excitou entre elles huma guerra civil, onde teve o goſto de os ver brigar, e ſe deſtruirem mutuamente, e augmentar as eſperanças, que tinha concebido de expulſar huns, e ſubmeter inteiramente os outros.

ANN. de J. C. 1553.

D. JOAÕ III. REI.

D. AFFONSO DE NORONHA VICE-REI

O Vice-Rei eſtando para tornar da ſua viagem de Ceilaõ para Cochim alli ſoube, que o Rei de Cambe, hum dos 18 Principes confederados do Malabar, retardava a carga dos navios, que deviaõ tornar para Portugal, occupando os rios, e correndo ſobre todos os que traſiaõ mercadorias para Cochim. O negocio parecendo d'hum exemplo perigoſo, e d'huma grande conſequencia para o futuro, reſolveoſe

Ann. de J. C. 1553.

D. João III. Rei.

D. Affonso de Noronha Vice-Rei

ſe no Conſelho, que marchariaõ inceſſantemente contra eſte Principe, e que ſe naõ pouparia nada para o deſtruir. Depois deſta reſoluçaõ o Vice-Rei tomou todas as pequenas embarcaçoens que pôde achar, e formando huma armada de 4ȣ Portuguezes, foi procurar o inimigo que tinha hum campo de 30ȣ homens, com os quaes tentou em vaõ impedir o deſembarque. A vanguarda Portugueza commandada por D. Fernando de Menezes filho do Vice-Rei, fazendo recuar os inimigos, e ganhando o terreno, todo o reſto deſembarcou ſem trabalho. Alli houve com tudo hum combate mui vivo, oude foraõ mortos quaſi quarenta Portuguezes, entre os quaes ſe acharaõ algumas peſſoas de diſtinçaõ. O exercito victorioſo fez eſtrago, ſaqueou as Cidades, e principalmente os Pagodes, cortou os páos das palmeiras, e deſſolou as terras. Depois o Vice-Rei, contente da ſua expediçaõ, ſe retirou para Cochim, d'onde partio depois para Goa, deixando em Cochim D. Fernando de Menezes ſeu filho com 500. homens, ſubſtituindo a ſeu ſobrinho D. Antonio de Noronha, por cauſa d'huma ferida que recebeo neſta ultima acçaõ, outro D. An-

Antonio de Noronha filho do Vice-Rei D. Garcia, para commandar no seu lugar a armada que andava a corso sobre a Costa do Malabar.

ANN. de J. C. 1553. D. JOAÕ III. REI. D. AFFONSO DE NORONHA VICE-REI

Com tudo Luis de Figueira que tinha sido enviado com sinco fustas para o Estreito para ter noticias dos Frotas dos Turcos, deixando escapar a occasiaõ de combater hum celebre Armador Turco chamado Zafar, que corria estes mares com sinco galiotas, o encontrou depois para sua infelicidade. Figueira attacou-o com hum valor que o corsario naõ póde deixar de admirar; porém sendo abandonado no combate pelos Capitaens das outras quatro fustas, foi morto, e a sua fusta tomada pelo inimigo. Estes Portuguezes que fugiraõ entaõ, mostraraõ que naõ eraõ da tempera dos homens, que tinhaõ combatido debaixo dos Albuquerques, e que as Indias os tinhaõ amolecido mais, que os soldados d'Anibal o tinhaõ sido com as delicias de Capua. Hum d'elles naõ ousando mais tornar ás Indias, foi deitar-se sobre as Costas da Abissinia, onde entrou no serviço do Imperador da Ethiopia. Os outros tendo o animo de virem a Goa, foraõ presos, e livres por tempos; porém

Ann. de J. C. 1553. D. Joaõ III. Rei. D. Affonso de Noronha Vice-Rei

rém viveraõ ſempre depois no deſprezo da ſua naçaõ, que naõ ſofre os fracos. Com tudo tiveraõ pouco depois companheiros da ſua infamia por hum caſo todo ſimilhante.

Solimaõ Imperador dos Turcos, hum dos maiores Principes que tiveraõ os Muſulmanos, altivo com as proſperidades d'hum longo Reino, e dos progreſſos rapidos que tinha feito nas tres partes do antigo Mundo, eſtava muito attento a adiantar as ſuas conquiſtas da parte da Arabia, e da Perſia. A tomada d'Adem o tinha infinitamente liſongeado: quaſi no meſmo tempo os ſeus Generaes ſe tinhaõ apoderado de Baçorá para ſima da embocadura do Tigre, e do Euphrates, o que lhe tinha feito conceber a eſperança de ſe fazer Senhor de todo o Golfo Perſico. No fim do Vice-Reinado de D. Joaõ de Caſtro era que os Turcos tinhaõ entrado neſta ultima praça pelo favor d'alguns Principes Arabes. Os Portuguezes ſentiraõ entaõ de que conſequencia lhes era ter por viſinho hum inimigo taõ poderoſo; porém elles deſprezavaõ tomar as medidas neceſſarias para os apartarem. A tomada de Catife, que o Bachá de Baçorá to-

tomou do mesmo modo por via de intelligencia secreta, os despertou. O mal os feria entaõ de mais perto. A praça pertencia entaõ ao Rei d'Ormuz. Este Principe alli perdeo huma grande renda, e devia temer a Ilha de Baharem.

Ann. de J. C. 1553.

D. JOAÕ III. REI.

Este Principe em fim, e D. Alvaro de Noronha Governador d'Ormuz deraõ logo o aviso da tomada d'esta praça ao Vice-Rei que recebeo no mesmo tempo Embaixadores do Rei de Baçora, o qual juntamente com alguns Principes Arabes inimigos dos Turcos, tinha formado hum campo de 30ф homens, e o solocitava para se ajuntar a elles, com promessa, que s'elle o restabelecesse na sua Capital, elle lhe cederia a Fortaleza da entrada do Porto, e ametade do producto do rendimento das Alfandegas. Lisongeado com estes offerecimentos vantajosos, o Vice-Rei despachou seu sobrinho D. Antonio de Noronha, a quem deo 1ф200 homens, sete galioens, e quarenta e duas embarcaçoens a remos.

D. AFFONSO DE NORONHA VICE-REI

Chegando D. Antonio a Ormuz, alli tomou ainda tres mil homens dos vassallos do Rei, que foraõ commandados por Rais Seraph seu primeiro Mi-

Ann. de J. C. 1553.

D. Joaõ III. Rei.

D. Affonso de Noronha Vice-Rei

Miniſtro. A guarniçaõ de Catife ſe defendeo bem por oito dias; porém vendo as brechas feitas, e naõ ſe julgando em eſtado de ſupportar hum aſſalto, ſahio de noite ſem que foſſe percebida a ſua retirada, ſe naõ quando naõ era já tempo de a ſeguirem. Sendo tomada a praça aſſim ſem efuſaõ de ſangue, foi deſtruida, porque o Rais Seraph naõ ſe quiz obrigar a defendela, e a ter nella guarniçaõ. A precipitaçaõ comque fizeraõ rebentar as minas, fez comque cuſtaſſe a vida a 40 Portuguezes, entre os quaes ſe acharaõ muitas peſſoas de conſideraçaõ.

De lá D. Antonio fez derrota para Baçorá, e a teria tomado infalivelmente a naõ ſer hum eſtratagema do Bachá que alli commandava. Porque em quanto D. Antonio eſperava na embocadura do Eufrates, a reſpoſta das cartas que tinha eſcrito ao Rei de Baçora, e aos Principes Arabes ſeus alliados, eſte habil homem, que tinha occupado todas as paſſagens por onde elles podiaõ ter communicaçaõ, apanhou as cartas de D. Antonio, e contra fez logo outras em nome do Rei da Baçorá, e dos Principes alliados, por onde moſtra-

trava que todos os Principes da mesma Religiaõ d'elle, se ajustavaõ com elle para lhe entregarem D. Antonio, e todos os Portuguezes; e que por esta mesma causa, tinhaõ enviado as suas cartas originaes.

Ann. de J. C. 1553.

D. JOAÕ III. REI.

D. AFFONSO DE NORONHA VICE-REI

O Bachá fez ler estas cartas em publico, de modo que dois moços Italianos escravos as poderaõ ouvir, ver, e reconhecer o sello, e a letra de D. Antonio. Deixando depois escapar estes dois escravos por designio, porém sem que parecesse favorecer a sua fugida, estes se refugiaraõ em casa de D. Antonio a quem avisaraõ de tudo. D. Antonio, e o seu Conselho desconfiaraõ que alli podia haver algum estratagema da parte do Bachá, ou alguma perfidia da parte dos desertores. Porém estes desertores deraõ provas taõ autenticas da sua boa fé, e reconheceraõ distintamente a letra, e o sello de D. Antonio confundidos com muitos outros, que naõ julgaraõ ser prudente passar á vante. Assim o Bachá alcançou o fim que se tinha proposto, e D. Antonio deixou a mais bèla occasiaõ de tomar Baçorà, sem que lhe podessem imputar que nisso tivesse culpas.

O Bachá naõ deixou de dar aviso

Ann. de J. C. 1553.

D. João III. Rei.

D. Afonso de Noronha Vice-Rei

ſo logo á Porta de tudo o que ſe tinha penſado. Solimaõ pondo o negocio em deliberaçaõ no Divan, deo depois ordens de armar 25 galeras em Suez, de que deo o commando a hum Official de reputaçaõ, chamado Pirbec. Eſte recebeo ordem em particular de fazer toda a diligencia poſſivel de conduſir as galeras do mar Roxo no Golpho Perſico, ſem cometer hoſtilidades em parte alguma, principalmente contra os Portuguezes, aos quaes elle devia pelo contrario procurar ocultar-ſe ſe foſſe poſſivel, até á ſua chegada a Baçorá, onde acharia novas inſtruçoens. Eſtas inſtrucçoens enviadas ao Bachá da Baçorá, traziaõ ordem a eſte Bachá que juntaſſe as ſuas forças ás de Pirbec, que foſſem juntos com o maior ſegredo poſſivel, pôr cerco defronte d'Ormuz, e naõ deſiſtirem d'elle ſem que a praça foſſe tomada.

A noticia dos preparativos que faziaõ em Suez ſe eſpalhou logo até Ormuz, e depois ás Indias, onde cauſou hum grande rumor. Com tudo Pirbec fez a deligencia que lhe tinha ſido preſcrita, porém executou mal as ſuas ordens no mais: e ou porque foſſe picado do ciume de o ſubmeterem

rem ao Bachá da Baçorá, ou porque se deixasse possuir da inveja de fazer preía, ou porque se julgasse em estado elle só, de executar grandes coisas que lhe podiaõ ser comitidas, foi cahir sobre Mascate, e de pois de 18 dias de cerco, Joaõ de Lisboa que alli commandava com 60. Portuguezes lhe entregou a praça, com condiçoens que o barbaro naõ cumprio, fazendo-os pôr a todos a ferros, de pois de lhe prometer a liberdade.

Sobre a relaçaõ que fizeraõ as curvetas que tinhaõ enviado ao descobrimento da chegada dos Turcos a Mascate, a confuzaõ foi taõ grande em Ormuz, que a Cidade foi quasi logo abandonada. Os habitantes mais ricos se retiraraõ á Ilha de Qeixome, ou para ás terras, porém com tanta precipitaçaõ, que deixaraõ a maior parte dos seus effeitos. No que toca ao Rei, se pôz em coberto na Fortaleza, com as suas mulheres, seus filhos, e os seus principaes Ministros. D. Alvaro de Noronha, tinha municiado bem a praça, e se achava ter perto de 900 homens para a defenderem.

Pirbec chegou poucos dias depois, e achando a Cidade desemparada, sa-

que-

Ann. de J. C. 1553. D. João III. Rei. D. Affonso de Noronha Vice-Rei

queou-a, e a arruinou. Começou depois o cerco da Fortaleza, lançou as linhas, e levou os seus reductos, preparou as suas battarias, e fez hum grande fogo d'artilheria. Responderaõ-lhe da praça com o mesmo vigor, e ainda com mais felicidade pela habilidade d'hum mestre artilheiro que apontava taõ justo, que dava na boca do canhaõ do inimigo, e fez rebentar muitos em pedaços, e descavalgou outros muitos.

Os dois partidos inimigos naõ conheciaõ as suas forças. Pirbec julgava os Portuguezes muito mais fracos, e os Portuguezes supunhaõ os Turcos muito superiores ao que eraõ, segundo o ordinario dos que tomaõ medo, e que engrossaõ sempre a si mesmo os objectos. Tanto que foraõ instruidos d'huma parte, e d'outra, Pirbec vio que só faria inuteis esforços, e D. Alvaro de Noronha teve muito trabalho para conter a sua gente, pela pouca subordinaçaõ que havia na milicia Portugueza, costumada a amotinar-se quando a prudencia queria pôr algum obstaculo ao ardor temerario, que a arrebatava nas occasioens de adquirir gloria.

Antes de levantar o cerco, Pirbec enviou hum trombeta ás portas da

da Fortoleza, para tratar do resgate dos Portuguezes apanhados em Mascate. Este trombeta era hum Comitre Italiano, que conduzia comsigo a mulher de Joaõ de Lisboa, e dois velhos, de quem ella tinha sido confiada, e que tinhaõ sido presos com ella em huma *Terrada*, onde o seu marido a tinha embarcado antes do cerco para a salvar. Pirbec fazia d'elles hum presente por civilidade ao Governador, como tambem de dois marinheiros que tinhaõ ficado presos entre dois remos da galera, que tinha dado cassa a huma das curvetas do descobrimento.

ANN. de J. C. 1553.

D. JOAÕ III. REI.

D. AFFONSO DE NORONHA VICE-REI

D. Alvaro que naõ sabia a necessidade em que se tinha achado Joaõ de Lisboa, e que o tinha obrigado a renderse, naõ quiz resgatar os presioneiros, nem aceitar o prezente que Pirbec lhe fazia desta mulher, e dos velhos, para castigar n'ella a fraquesa de seu marido. No que toca aos marinheiros que naõ eraõ culpados, elle os recebeo e recompensou o prezente por outros que enviou ao General, e com que Pirbec ficou muito satisfeito: porém como da sua parte, elle julgou injuriozo tornar a receber huma dadiva que tinha offerecido, fez

ex-

ANN. de J. C. 1553. D. JOAÕ III. REI. D. AFFONSO DE NORONHA VICE-REI

expôr na praça a mulher, e os velhos, que foraõ nesta occasiaõ mais obrigados aos sentimentos d'honra deste Turco, do que á humanidade do Governador. Pirbec fez-se á vela para á Ilha de Queixome. Naõ o esperavaõ alli, onde fez huma preza imensa, e de lá continuou a sua derrota para Baçorá.

O Vice-Rei avisado por muitas partes differentes da marcha dos Turcos, e depois do cerco d'Ormuz, se dispôz a hir pessoalmente para o fazer levantar, e combater a frota Ottomana. A em que elle se embarcou constava de 80 velas, entre as quaes havia 30 navios grossos. Porém tanto que chegou a atravessar Diu recebeo cartas muito circunstanciadas de D. Alvaro, que o avisava de se ter levantado o cerco, e da retirada de Pirbec. Sobre isto convocando o conselho, julgaraõ conveniente que o Vice-Rei retrocedesse o caminho, e acrecentaraõ, que bastava enviar huma esquadra para guardar as gargantas do Golpho Persico. O Vice-Rei voltou para Goa, e enviou seu sobrinho D. Antonio de Noronha, com 12 Galioens, e 20 embarcaçoens ligeiras, com ordem de cruisar nestas gargantas até

ao

ao mez d'Abril, depois do que, elle devia hir subſtitur D. Alvaro de Noronha no ſeu governo d'Ormuz, e deixar o commando da ſua Eſquadra a Diogo de Noronha Corcós.

ANN. de J. C. 1553.

D'outra parte o Bachá da Baçorá formou ſuas queixas á Porta, ſobre a conducta de Pirbec, e ſobre a ſua deſobediencia. Naõ ignorando Pirbec o ſerviço que o Bachá lhe tinha feito, naõ julgou conveniente eſperar alli a reſpoſta d'huma Corte, que fazia pouco caſo da vida dos ſeus Governadores. Perſuadio-ſe, que como ſe tinha enriquecido de mais de hum milhaõ, o ſeu dinheiro lhe abriria as portas da clemencia do Principe, e que o deixariaõ por hum numero de bolças, e os preſentes ſecretos, que faria aos Miniſtros. Tornando em fim a partir com toda a ſua preza, que meteo em tres galeras ligeiras, chegou em pouco tempo a Suez, eſcapando á frota de D. Antonio de Noronha, que a obſervava, e á de D. Pedro d'Ataide, que cruſava perto do eſtreito de Meca. Paſſando de lá a Conſtantinopla com a meſma diligencia, onde chegou muito depreſſa para ſeu damno; porque o Gram Senhor que fazia mais caſo da obediencia, que de-

D. JOAÕ III. REI

D. AFFONSO DE NORONHA VICE-REI

Ann. de J. C. 1553.

D. JOAÕ III. REI.

D. AFFONSO DE NORONHA VICE-REI

deviaõ ás ſuas ordens, do que a tudo o mais, lhe fez cortar a cabeça.

Hum mez antes da chegada de Pirbec a Conſtantinopla, houve hum grande rebate que apreſſou a ſua ruina. Eſte rebate foi cauſado pelas noticias, que tinhaõ chegado no meſmo tempo de Baçorá, e do Cairo, duas poderoſas frotas, que os Portuguezes tinhaõ poſto no mar, das quaes huma devia cruſar no Golfo Perſico, e a outra junto do eſtreito de Meca, de modo que o Gram Senhor, receando o Sepulchro de Mafoma, fez partir logo hum Official com ordem de hir tomar a Baçorá 15 galeras da frota de Pirbec, e de vir guardar as gargantas do mar Rouxo. Eſte Official chamado Morad-beg, era o meſmo que tinha ſido obrigado a abandonar o poſto de Catife a D. Antonio de Noronha. O dezejo que tinha de recobrar a ſua honra, lhe fez ſolicitar eſta comiſſaõ em Conſtantinopla junto do Gram Senhor, elle a conſeguio pelo favor, e protecçaõ de alguns Bachás ſeus amigos.

Morad-beg fez huma das mais extraordinarias diligencias para hir a Baçorá, onde chegou no fim de Julho de 1552. Aprontou logo 15 galeras,

que

Ann. de J. C. 1553.

D. João III. Rei.

D. Affonso de Noronha Vice-Rei

que forneceo de provisoẽs, da melhor artilheria, e da melhor gente. Diogo de Noronha da sua parte, que tinha succedido a D. Antonio, e reunio á sua frota a de D. Pedro d'Ataide, se fez á vela no principio do mesmo mez. As suas curvetas noticiando-lhe a partida das galeras de Baçorá, levou ancora, e passando da Costa da Arabia á da Persia no Golfo, elle as encontrou, e começou a varejalas, sem ousar com tudo chegar a abordagem, porque ellas se formavaõ muito perto da terra. As galeras da outra parte respondiaõ perfeitamente com a sua artilheria, e mosquetaria, de modo que o Galiaõ do General furado ao lume d'agua, hia á pique, e elle foi obrigado pelos rogos dos seus Officiaes, a passar para outro.

Para maior infelicidade calou o vento pelas dez horas da manhá, e toda a frota se vio em calmaria podre, os navios apartados huns dos outros, sem poderem manobrar nem soccorrer-se. Morad-beg aproveitando-se da sua superioridade investio o Galiaõ de Gonçalo Pereira Marramaque, que se achava separado dos outros hum tiro de canhaõ. Rodeando-o

Ann. de J. C. 1553. D. JOAÕ III. REI. D. AFFONSO DE NORONHA VICE-REI

do-o as galeras, fizeraõ ſobre elle hum taõ grande fogo, que o crivaraõ, levaraõ-lhe todas as ſuas guarda-fogos, ſua maſtreaçaõ, ſeu caſtelo de proa, e poupa, de modo que naõ lhe reſtava mais que a carcaſſa. Pereira ſe defendia como hum Heróe, e animava toda a ſua gente, da qual naõ havia ninguem, que naõ eſtiveſſe cuberto de feridas, como elle.

Neſte tempo, Diogo de Noronha ſe deſeſperava, e arrancava a barba, e os cabellos, lançavaſſe contra á ponte, como hum homem fora de ſi. O vento naõ refreſcou ſe naõ ſobre a tarde. Morad-beg contente da ſua Jornada, tocou á retirada, e tomou o Euphrates, onde a frota Portugueza o naõ pôde ſeguir, e Noronha foi obrigado a tornar para Ormuz, ſem ter feito outra couſa mais do que dar caça a hum navio, que Pirbec tinha tomado aos Portuguezes, até encalhar, e ſe deſpedaçar.

1552. 1553. 1254.

Ainda que foſſe bela a acçaõ de Morad-beg, a Porta lha tomou mal por naõ ter paſſado á vante, para hir ao lugar a que era deſtinado. Alechelubi famoſo Corſario acreditado neſta Corte, homem poderoſamente rico, e que tinha ſido recebedor da Fazenda

da no Cairo, querendo ter esta commissaõ, reprehendeo altamente a escolha que tinhaõ feito de Morad-beg, dizendo: „ Que naõ deviaõ ter esperado outra coisa d'hum homem, que „ tinha defendido taõ mal Catife, e „ o tinha abandonado, taõ cobardemente. „ O favor, e o credito que elle tinha, fez com que pozessem nelle os olhos, para reparar as culpas dos seus predecessores, e se foi á Baçorá.

Ann. de J. C. 1554.

D. JOAÕ III. REI.

D. AFFONSO DE NORONHA VICE-REI

D. Fernando de Menezes filho do Vice-Rei, que tinha sido enviado neste anno de 1554. para crusar perto do estreito de Meca, com ordem de tornar depois d'hum certo tempo a Ormuz, para vigiar sobre estas galeras, fez taõ boa guarda, que foi instruido a proposito da sua marcha; e Bernardino de Sousa que tinha succedido a D. Antonio de Noronha no governo d'Ormuz, concertou-se de tal modo com o General, que depois que as galeras entraraõ no Golfo Persico, Sousa foi occupar a embocadura do Euphrates com hum galiaõ, e 4, ou 5 navios mercantes, que tinha armado á sua custa, a fim de lhes fechar a passagem, e a esperança do retorno, no cazo que D. Fernando po-

Ann. de J. C. 1554. D. Joaõ III. Rei. D. Affonso de Noronha Vice-Rei

podesse cortar-lhes o caminho, e obrigalos a retroceder.

Com tudo as galeras passaraõ o estreito d'Ormuz, e entraraõ no mar da Arabia. D. Fernando pondo-se no seu seguimento as acuou junto de Mascate, onde lhes apresentou batalha. Alechelubi mostrou recuzala, e se meteo com a terra o mais que pôde. A armada Portugueza o tinha como fechado. Toda a dificuldade consistia em dobrar hum cabo. Alechelubi o dobrou com as nove primeiras galeras, naõ obstante o grande fogo dos Portuguezes, porém as outras seis ficaraõ cortadas. Ellas foraõ logo abordadas pelas caravelas, de que algumas foraõ quasi encalhar com a intençaõ de as afferrarem. Em fim depois d'hum combate muito cruento, foraõ tomadas. Depois d'esta perda, Alechelubi naõ ousando mais tomar a derrota de Suez, e de Constantinopla, onde teria pagado com a sua cabeça, fez a de Cambaia, seguido sempre pelas caravelas, que naõ deixaraõ de lhe dar caça. Sete d'estas galeras tendo entrado no Porto de Surrate, alli foraõ fechadas por Jeronimo de Castello-Branco, Nuno de Castro, e Manoel de Mascarenhas, que as tiveraõ bloquea-

das

das, até que por hum ajuste feito com Caracem, Commandante de Surrate, ellas foraõ desalvoradas, e despedaçadas, no governo de Francisco Barreto. As outras duas perseguidas por D. Fernando de Monrroi, e Antonio de Valadares, foraõ obrigadas a se hirem encalhar na Costa de Damaõ, e de Daru, onde se despedaçaraõ. De sorte que destas galeras naõ escapou huma, e D. Fernando de Menezes por esta bela victoria, reparou bem a desaventura que tinha tido defronte da Cidade d'Offar, donde os Fartaques o tinhaõ obrigado a se retirar com vergonha, e com perda.

Ann. de J. C. 1554.

D. JOAÕ III. REI.

D. AFFONSO DE NORONHA, VICE-REI

Os Principes alliados do Malabar estavaõ sempre em armas, e desolavaõ inteiramente o commercio, de modo que os navios de transporte naõ podiaõ fazer a sua carga, e eraõ obrigados a voltar quasi em vazio, ou a se fretarem para os enteresses dos Particulares, o que fazia grande prejuizo aos enteresses da Coroa. O Vice-Rei recebendo fortes queixas quando chegou a Baçaim, na sua vinda de Diu, e do expediçaõ d'Ormuz, despachou á Cochim Francisco Barreto para reprimir a ousadia d'estes Principes. Barreto fez tudo o que dependia d'hum ho-

Ann. de J. C. 1554. D. João III. Rei. D. Afonso de Noronha Vice-Rei

homem habil, porém hum só Capitaõ Malabar de Naçaõ, e Christaõ de profissaõ, chamado Vasco, pôz toda a sua prudencia, e todas suas forças em disgraça. Cochim consiste em terras alagadiças, e em huma infinidade de Ilhotas, fechadas por muito pequenos canaes: este homem que sabia perfeitamente o labarinto, alli fazia o officio de Partidario com pequenos caturs armados; corria sobre todos os bateis que trasiaõ especiarias, e os tomava: tinhaõ enteresse de o apanhar, mas escapava por todos estes desfiladeiros, com huma tal felicidade que se achava em toda a parte onde tinha preza que fazer, e desaparecia aos olhos de todos os que o procuravaõ, o que punha Barreto em desesperaçaõ.

Quasi no mesmo tempo hum Pirata Turco, alcançando Provisoens do Samorim para andar á corso, armou 14 embarcaçoens, e foi cahir sobre os Paravás nas Costa da pescaria, onde S. Francisco Xavier tinha formado huma taõ bela Christandade. Tinha tomado Punical, onde commandava Manoel Rodriguez Coutinho, que tinha ás suas ordens huma guarniçaõ de 70 Portuguezes. Estes depois de terem

obra-

ANN. de J. C. 1554.

D. JOAÕ III. REI

D. AFFONSO DE NORONHA VICE-REI

obrado com valor tudo o que poderaõ, ſe retiraraõ para hum Naique da viſinhaça, que violando a reſpeito d'elles a fé publica, os meteo todos em ferros. A noticia deſta diſgraça vindo a Cochim, excitou a compaixaõ de todos por eſta pobre Chriſtandade, que o Carſario tyraniſava tambem, em razaõ da Religiaõ, mais que pelos ſeus bens. Naõ ſabiaõ que remedio fizeſſem a eſte mal, o theſouro eſtava vazio, e a Camera naõ eſtava em eſtado de fazer huma armada. Gil Fernandes de Carvalho, ainda todo brilhante com a gloria que acabava de ganhar em Malaca, a qual tinha ſalvado pela bela victoria que conſeguira dos Javas, ſe offereceo com muito zelo a fazer a armada á ſua cuſta, com tanto que lhe forneceſſem navios. Aprontaraõ-lhos; as ſuas liberalidades fizeraõ o reſto, e foi logo preſtes. O inimigo, que elle encontrou, teve logo ſobre elle huma vantagem. O navio de Lourenço Coelho tocou ſobre huma ponta, que Carvalho naõ pôde dobrar. Todos os do navio foraõ paſſados á eſpada á ſua viſta, ſem que elle os podeſſe ſoccorrer; porém naõ ſem vingarem elles meſmos a ſua morte, combatendo

to-

ANN. de J. C. 1554.

D. JOAÕ III. REI.

D. AFFONSO DE NORONHA VICE-REI

todos como defefperados. No dia feguinte, que foi o da Affumpçaõ, o Corfario lhe offereceo peffoalmente o combate. Brigaraõ d'ambas as partes com todo o calor poffivel: porém Carvalho foi de tal modo vencedor, que os inimigos ficaraõ inteiramente deftruidos. O perfido Naique foi mais facil em fe ajuftar fobre o refgate dos feus prefioneiros, e Manoel Coutinho reftabelecido no feu pofto, recobrou tambem huma grande parte dos effeitos, que o Corfario lhe tinha tirado.

A pouca felicidade que tinha Barreto em Cochim obrigou o Vice-Rei a hir lá peffoalmente. E para efte effeito pôz no mar huma poderofa armada, e apenas fe fez á vela, foi encontrado pela de Diogo de Noronha, que voltava d'Ormuz, e condufia comfigo Gonçalo Pereira Marramaque, o qual fe tinha defendido muito bem contra as galeras de Morad-beg. Fizeraõ diverfos confelhos para faberem de que modo poderiaõ haver-fe para foccegarem os Principes confederados, e concluiraõ em fazerem eftrago em certas Ilhas do Principe de Bardelle, que chamavaõ as Ilhas mergulhadas. Fizeraõ-no com toda a paixaõ, e animofidade a mais inflamada. Gomes da Sil-

Silva foi deixado para continuar a guerra depois da partida do Vice-Rei. Este fez as cousas com menos gente, e pode ser com mais vantagem; porque alli se portou com mais moderaçaõ, e menos violencia. Obrigou o inimigo a pedir paz, que lhe concederaõ com as condiçoens que lhe quiseraõ impôr.

Ann. de J. C. 1554.

D. JOAÕ III. REI.

D. AFFONSO DE NORONHA VICE-REI

Apenas os negocios estavaõ acabados naquella parte quando se levantaraõ novos em outra parte. Sultaõ Mahmud Rei de Cambaia, fazendosse odiozo pelas suas tyranias, foi assacinado por hum dos Fidalgos da Corte, em que elle mais confiava. Hum filho foi alçado depois d'elle ao Trono. Madre-Maluco tomou a Regencia, e a tutela d'este Principe. Muitos Fidalgos descontentes tomaraõ d'isto occasiaõ de se sublevar, para se fazerem independentes. Abix-Caõ Abexim de Naçaõ, que commandava em Novadaguer pelo Rei de Cambaia, no destricto de Diu, foi hum d'aquelles, e em lugar de buscar como bom politico, para si a proteçaõ dos Portuguezes que tinha em seu poder, começou a inquietalos. Naõ o corregindo nada as queixas que lhe fizeraõ, chegaraõ á acçoens. D. Diogo d'Almei-

Ann. de J. C. 1554. D. Joaõ III. Rei. D. Afonso de Noronha Vice-Rei

meida Governador das Fortalezas, fez huma irrupçaõ na Cidade na frente de 500 homens, e a entrou, e saqueou, e a encheo de sangue, e mortandade. Abix-Caõ ficando mais prudente por esta execuçaõ militar, entrou hum pouco em si mesmo, pedio perdaõ, alcançou-o, e se mostrou por algum tempo taõ agradecido, quam pouco o tinha sido antes.

D. Diogo d'Almeida acabava de entrar neste governo, qnando foi desapossado por huma ordem da Corte. Huma mercê que ElRei lhe tinha feito, porém com alguma reprehensaõ, o tinha picado. Estava já embarcado, e prompto para sahir do porto de Lisboa. Teve o atrevimento de escrever a ElRei d'hum modo improprio a hum vassallo. ElRei naõ o quiz punir entaõ. Deixou-o partir. Porém no anno seguinte enviou ordem ao Vice-Rei para o privar de todo o emprego, e de significar-lhe da sua parte, que elle o tinha feito riscar da lista da sua Casa, e dos seus Officiaes. Belo exemplo para ensinar a todo o vassallo, de que modestia deve usar a respeito do seu Soberano.

D. Diogo de Noronha Corcós, que tinha succedido a Almeida, naõ

foi

foi mais ſofrido do que elle. Os Mouros, e principalmente os Abexins arrenegados, tornando a começar as ſuas inſolencias, ſahio elle com 600 homens, e os obrigou a deſamparar a Cidade. Cid-Elal que alli commandava por Abix-Caõ, ſe tinha fortificado em hum poſto muito bem defendido: porém o poſto eſtando quaſi para ſer eſcalado, foi rendido por ajuſte, e os ſitiados foraõ felices em ſahirẽm com vida ſalva. Abix-Caõ correo a ſoccorrer os ſeus com 400 homens muito tarde para elles, e muito depreſſa para perturbar a vantagem, que Noronha tinha conſeguido. Porque D. Diogo enviando ao encontro do inimigo Fernando Caſtanhoſo, com 120 homens para o deter, eſte partio como louco, ſem eſperar que vieſſe toda a ſua gente. Trezentos cavalos que faziaõ a vanguarda inimiga, o pozeraõ inteiramente em deſordem, que tocando á retida, ſe vio reduſido a 17 homens, que foraõ todos degolados com elle. Diogo de Noronha com eſta noticia deixando-ſe tranſportar da colera, e d'huma cega temeridade, Luiz Cabral feitor o agarrou, rogando-lhe que conſideraſſe o perigo a que ſe hia

Ann. de J. C. 1554.

D. JOAÕ III. REI.

D. AFFONSO DE NORONHA VICE-REI

Ann. de J. C. 1554.

D. João III. Rei.

hia expôr elle, e a Fortaleza. „ Se eu morrer, disse bravamente, que me importa o que acontecer depois de mim? Esta palavra inconsiderada, lhe custou o Vice-Reinado das Indias. Porque sendo contada na Corte quando se tratava delle para este emprego, ella impedio de o nomearem. Com tudo D. Diogo tendo sahido, e fazendo attacar os trezentos cavallos, elles se retiraraõ. Elle mesmo, tornado hum pouco do seu transporte, fez tocar á retirada, e depois de ter feito arruinar o posto, que os inimigos tinhaõ fortificado, fez fechar as portas da Cidade, e dispôz a gente, e a artilheria sobre as muralhas, e com isto rompeo todas as medidas de Abix-Caõ, que se apresentou no outro dia muito inutilmente.

D. Affonso de Noronha Vice-Rei

D. Affonso de Noronha tinha tido o governo dos negocios por quatro annos, sem ter respondido á grande idéa que d'elle tinhaõ concebido, quando a Corte lhe enviou hum successor, cujo merecimento era capaz de fazer sombra a qualquer outro. Era este D. Pedro Mascarenhas que tinha concorrido para o governo das Indias com Lopo de Sampaio, e que depois de ter sido longo tempo o ter-

D. Pedro Mascarenhas Vice-Rei.

ror

ror dos Mouros em Affrica , no governo de Azamor , veio em fim fazer naufragio sobre as Costas de Portugal, e morrer onde julgava achar a sua salvaçaõ , e o seu descanço.

Ann. de J. C. 1554.

D. JOAÕ III. REI.

O Vice-Reinado das Indias , que podia ser para outro qualquer huma grande recompença , foi para este huma disgraça, e huma especie de desterro. Encarregado da educaçaõ do Infante D. Joaõ herdeiro de Portugal, o caracter de suas virtudes accommodandose pouco com a idade d'hum Principe , que começava a levantar-se , desagradou pelo mesmo motivo que lhe devia fazer o merecimento para com o Rei. As Indias abriraõ huma porta honrada para o apartarem. Elle se escuzou pela sua idade de 70 annos. As suas representaçoens , e as lagrigrimas da sua espoza foraõ inuteis , e elle foi obrigado a fazer hum novo sacrificio da sua obediencia.

D. PEDRO MASCARENHAS VICE-REI.

Chegou a Goa , para alli morrer hum anno depois de ter entrado na posse do seu Vice-Reinado. E neste pouco tempo naõ fez mais do que começar os negocios , que Francisco Barreto , o qual tomou o governo depois delle por ordem das successoens, foi obrigado a seguir. Eu aca-

Ann. de J. C. 1554.

D. Joaõ III. Rei.

Francisco Barreto Governador.

acabarei aqui o que lhe diz respeito, pelo elogio d'este grande homem, o qual deixou para sempre a reputaçaõ de ter sido hum dos Cavalleiros mais completos, hum dos maiores Capitaens, hum Embaixador dos mais magnificos, hum dos melhores juizos para o conselho, hum modelo das virtudes para educar hum Principe, e além d'isto com muita gravidade, e hum Christaõ taõ exacto nas suas obrigaçoeas, que a inveja mesma naõ tinha que reprehender nelle. Hum só exemplo provará a magnificeucia das suas Embaixadas. Contaõ d'elle, que tendo a honra de dar de jantar ao Imperador Carlos V., e á Rainha d' Hungria sua Irmá, e a muitos outros Principes, e Senhores d'esta Corte, toda a lenha que se queimou nas Cameras, e nas cosinhas era de páo de Canella. As suas Embaixadas foraõ ainda mais uteis, que esplendidas, por ser elle quem procurou S. Fransisco Xavier para ás Indias. E as Indias para lhe darem o reconhecimento, que elle merecia, confessaraó que se o seu governo tivesse mais tempo, alli teria restabelecido todas as coisas no pé em que deviaõ estar para o bem da Religiaõ, e do Estado.

Bar-

Barreto era digno pelo ſeu alto naſcimento, e pelas ſuas virtudes do poſto em que entrava; a eſcolha que a Corte tinha feito d'elle foi aplaudida com juſtiça. A primeira couſa que elle fez foi prova d'iſto. Porque tomou logo na ſua protecçaõ todas as creaturas, e os domeſticos do ſeu predeceſſor, e confirmou tudo o que elle tinha feito. Exemplo tanto mais belo, por naõ ter tido até entaõ outro ſimilhante.

ANN. de J. C. 1554.

D. JOAÕ III. REI.

FRANCISCO BARRETO GOVERNADOR.

A doçura que elle gozava nos primeiros comprimentos foi perturbada por hum accidente que lhe cauſou muito diſgoſto. Na veſpera de S. Joaõ hum foguete atirado por acazo cahio ſobre os galioens que eſtavaõ no Arſenal, e eſtavaõ cobertos de palha. O fogo ſe ateou com tanta prontidaõ, e foi tambem favorecido pelo vento, que queimou dez. Barreto lhe acudio, e fez tudo o que ſe pode humanamente fazer neſta occaſiaõ. Animou toda a gente pelas ſuas liberalidades, e pelas ſuas ordens. E ſe naõ pôde impedir todo o mal, impedio ao menos que ſe eſtendeſſe a todo o reſto da frota. Eſtes dez galioens eraõ a eſperança de toda a India. Barreto ſe aplicou a reparar a perda, e elle o fez tambem

Ann. de J. C. 1554.

D. João III. Rei.

que no fim do ſeu governo, que foi de tres annos, elle tinha a armada mais bela, e mais numeroſa, que os Portuguezes tiveraõ neſtes paizes. Suſpeitaraõ que o Idalcaõ tinha feito eſte damno: porém diſto nunca tiveraõ provas, e depois deſcubriraõ o autor inocente.

Francisco Barreto Governador.

O Idalcaõ eſtava entaõ em guerra com os Portuguezes, e tinha lugar de ſer d'elles deſcontente. Elle os tinha ſempre poupado muito, e eſtes o tinhaõ ſempre enganado com as apparencias d'hum maior intereſſe. Os ſeus vaſſallos deſcontentes com elle ſe tinhaõ ſoblevado no tempo do Vice-Rei D. Pedro Maſcarenhas, e para terem hum motivo de juſtificarem a ſua revolta, lhe tinhaõ enviado huma Embaixada, a fim de lhe pedirem Meale-Caõ, que queriaõ reſtabelecer ſobre hum Trono uſurpado pelo Idalcaõ. Meale retirado em Goa em huma decente priſaõ, liſongeado com a eſperança de reinar, offerecia o territorio de Conçaõ, e todas as ſuas rendas, que chegavaõ a hum milhaõ. Hum proveito taõ poderoſo, fez que acceitaſſem as propoſiçoens dos conjurados, e Meale foi declarado Rei de Viſapur. Enviaraõ logo tropas para to-

tomarem Pondá, cujo Governador naõ entrava na conjuraçaõ. A praça foi abandonada na ſua chegada, depois d' hum ligeiro combate, e Meale foi levado a Pondá com toda a magnificencia poſſivel pelo Vice-Rei em peſſoa, e entregue nas maõs dos ſeus ſequazes, que o conduſiraõ a Bilagam, onde o coroaraõ com muita pompa ſegundo os ſeus uſos.

ANN. de J. C. 1554.

D. JOAÕ III. REI.

FRANCISCO BARRETO GOVERNADOR.

A morte de Maſcarenhas ſeguindo-ſe proxima a eſte ſucceſſo, Barreto foi a Pondá, onde Meale veio tambem da ſua parte para confirmar o tratado feito com o Vice-Rei. O Governador depois deſta conferencia voltou para Goa, deixando D. Fernando de Monrroi em Pondá para o guardar; e D. Antonio de Noronha ſobrinho de D. Affonſo para ſe eſtabelecer nas terras de Conçaõ, e perceber os direitos d'ellas, o que o embaraçou com hum Official do Idalcaõ que alli eſtava para receber os meſmos direitos, e ſobre o qual elle conſeguio algumas pequenas vantagens.

A fortuna de Meale paſſou como hum relampago. O Idalcaõ ganhando Inelmaluco Chefe dos conjurados, elle eſteve no ponto de o matar ou de o entregar, Porém Salabatecaõ, entre

Ann. de J. C. 1555.
D. JOAÕ III. REI.
FRANCISCO BARRETO GOVERNADOR.

as maõs de quem Meale tinha ſido entregue pelo Vice-Rei, lhe falou taõ fortemente, que impedio o effeito deſta traiçaõ. Com tudo Idalcaõ deſcorçoado pelas demoras d'Inelmaluco, ſolicitava occultamente o Rei de Narſinga para lhe dar ſoccorro. Eſte Principe quiz entrar na conjuraçaõ para ſe vingar do Idalcaõ; porém os conjurados naõ o quizeraõ, com o temor do que ſendo muito poderoſo naõ ſe fizeſſe ſenhor de tudo. O Rei de Narſinga eſcandaliſado do meſmo modo contra elles, poz em pé hum poderoſo exercito em favor do Idalcaõ, e o entregou ao commando d'hum de ſeus irmaõs. Eſte uſou de tanta diligencia, que os conjurados ſurprendidos, e vencidos, antes de ſe acharem em eſtado de ſe opporem, ſe ſepararaõ, e ſe retiraraõ cada hum com as ſuas familias para huma parte, e para outra á ventura. O de Narſinga vencedor ſem efuſaõ de ſangue, naõ tendo nada que fazer, ſe retirou tambem depois de ter recebido do Idalcaõ hum milhaõ para ás deſpezas da guerra. Meale, Inelmaluco, e Salabatecaõ naõ ſe julgando ſeguros nos Eſtados do Idalcaõ, paſſaraõ para os de Nizamaluco depois de alcançarem hum ſalvo conduto

du-

ducto. Porém este Principe, contra a fé dada, seduzido pelo seu primeiro Ministro, fez morrer Inelmaluco, e Salabatecaõ. O Ministro tinha dado as mesmas ordens para matar Meale sem o saber Nizamaluco; porém a mai de Nizamaluco descubrindo-lhe os procedimentos do seu Ministro, e fazendo-lhe conhecer quanto seria odioso para elle ter feito morrer hum Principe fugido, que lhe era taõ proximo pelas razoens do sangue, e contra a protecçaõ que lhe tinha dado, as ordens foraõ revocadas, e Meale tratado com o respeito que convinha á sua dignidade, posto que sempre presioneiro.

Este Catastrophe de Meale sabendo-se em Goa, Barreto temeo bem que tivesse que combater todas as forças do Idalcaõ irritado. Com effeito soube ao mesmo tempo, que já as suas tropas se avançavaõ, e engrossavaõ todos os dias, pelo que temendo que acontecesse alguma desgraça a D. Fernando de Monrroi, e a D. Antonio de Noronha, lhes enviou ordem, que viessem a Goa, e abandonassem os seus postos. Elle mesmo se adiantou com tropas para os sustentar. Monrroi, e Noronha obedeceraõ com trabalho ao segundo avizo que o Gover-

Ann. de J. C. 1555.

D. Joaõ III. Rei.

Francisco Barreto Governador.

vernador lhes fez; porém em fim obedeceraõ, e se retiraraõ em boa ordem á vista do inimigo, que naõ ousou perturbalos na sua retirada.

D. Alvaro da Silveira, que o Governador enviou entaõ para crusar sobre a Costa do Malabar, fez huma guerra viva ao Samorim. Occupou no principio a entrada dos rios para lhe cortar as provisoens de boca; e depois correndo a Costa, fazia desembarques já em huma parte, já em outra, queimando as povoaçoens, cortando os bosques das palmeiras, e fazendo por toda a parte a destruiçaõ impunemente pelo cuidado que tinha de segurar a sua retirada com duas companhias de cem besteiros cada huma, que postava para favorecer o embarque. Fazendo-se sentir a fome em pouco tempo, os Gentios foraõ os primeiros que se queixaraõ dos Mouros, que eraõ sempre os autores da guerra, e representaraõ tambem a sua miseria ao Samorim, que este Principe fez pedir paz a Silveira, que o remeteo ao Governador; ao qual elle foi obrigado a enviar Embaixadores. Silveira suspendeo desde entaõ as suas hostilidades contra elle, e se aproveitou da tregoa para hir punir a Rainha d' Ol-

Olla, que havia alguns annos que naõ pagava o ſeu tributo. Elle lhe ſaqueou, e queimou em parte a Cidade de Mangalor com dois celebres Pagodes, depois do que voltou a ajuntar ſe com o Intendente da Fazenda, que o Governador tinha enviado com os ſeus plenos poderes para concluir a paz, que foi feita em prezença do Samorim com as meſmas condiçoens com que tinha ſido feita com eſte Principe no tempo do Vice-Rei D. Affonſo de Noronha.

ANN. de J. C. 1555.

D. JOAÕ III. REI.

FRANCISCO BARRETO GOVERNADOR.

Miguel Rodrigues Coutinho fez as meſmas deſtruiçoens ſobre as Coſtas do Idalcaõ, que Silveira tinha feito ſobre as do Samorim, e tomou particularmente hum belo navio do Idalcaõ vindo de Meca ricamente carregado, o que irritou de modo eſte Principe, que elle tomou deſde entaõ a reſoluçaõ de fazer guerra aos Portuguezes com todas as ſuas forças.

Com tudo Barreto, depois de ter expedido muitas eſquadras, de que falaremos depois, para differentes partes, partio elle meſmo com huma frota de 150 velas, a mais bela que ſe podia ver, e tomou a derrota de Chaul, d'onde foi depois a Baçaim. Como ignoravaõ os projectos que elle ti-

ANN. de J. C. 1555. D. JOAÕ III. REI.

FRANCISCO BARRETO GOVERNADOR.

tinha, correo o rumor de que elle naõ tinha outro mais que o de se mostrar com todo o lustro da sua gloria nesta praça de que tinha sido Governador particular. Custou isto caro a D. Joaõ d'-Ataide pelo dizer muito livremente. Tinha elle succedido a Bernardino de Sousa morto no governo d'Ormuz, e naõ se portou alli tambem que naõ lhe podessem formar reprehençoens, que lhe podiaõ ser communs com outras muitas. Barreto picado das relaçoens que lhe tinhaõ feito, lhe fez fazer o seu processo, e o desapossou do seu governo por causas ligitimas na verdade; mas que estavaõ sazonadas com o odiozo gosto da vingança.

Diogo de Noronha foi a Baçaim para conferir com Barreto sobre o disignio secreto que o tinha guiado. Disse razoens taõ fortes para o desviar, que a empresa foi abandonada, e naõ foi tornada a tomar se naõ no tempo do successor de Barreto, como o direi a seu tempo. Com tudo para que esta grande armada naõ parecesse ser feita para nada, se apoderaraõ sem darem tiro dos postos d'Assarim, e de Manora, que estavaõ na jurisdiçaõ da Cidade de Damaõ, e favoreciaõ as correrias, que os rebeldes de Cambaia faziaõ

ziaõ ſobre o territorio de Baçaim.

Ann. de J. C. 1555.

D. JOAÕ III. REI.

FRANCISCO BARRETO GOVERNADOR.

Em quanto o Governador Geral eſtava em Baçaim, lhe vieraõ Embaixadores do Rei de Cinde chamado por corupçaõ Rei de Dulcinde. Eſte Principe, cujos Eſtados eſtavaõ na viſinhança de Diu, pedia ſoccorro contra hum viſinho poderoſo: prometia pagar as deſpezas da guerra, e dar grandes vantagens aos Portuguezes para o commercio nos ſeus Eſtados. O Governador lhe enviou Pedro Barreto Rolim com huma frota de 28 Embarcaçoens, e 700 homens de deſembarque. Porém eſte Principe neſte intervalo tendo-ſe accommodado com o ſeu inimigo naõ tratou mais que de divertir Pedro Barreto, e naõ quiz ouvir mais falar nas obrigaçoens que tinha tomado de pagar as deſpezas. Barreto diſſimulou por algum tempo, a pezar da inſolencia da ſua gente, que lhe reprehendia abertamente a ſua fraqueza: mas em fim, depois de ter feito commodamente as ſuas proviſoens para o retorno, Barreto ſe vio obrigado a attacalo. Tomou logo huma Meſquita, e depois a Cidade de Tata, que os ſeus ſaquearaõ com incrivel furor, naõ perdoando meſmo aos animaes. Dizem que alli morreraõ, quaſi

oi-

ANN. de J. C. 1555. D. JOAÕ III. REI.

FRANCISCO BARRETO GOVERNADOR.

oito mil almas, ſem que iſto cuſtaſſe aos Portuguezes mais do que alguns feridos. Affirmaõ que as riquezas que foraõ conſumidas pelo fogo paſſavaõ de dois milhoens, ſem falar da preſa que foi immenſa. Depois d'eſta expediçaõ fizeraõ duas iguaes ſobre as duas bordas do rio quando ſe retiraraõ, e deixando por toda a parte terriveis ſignaes da ſua paſſagem, e da ſua furia. Eſta retirada foi dificil; porém pela boa conducta do Chefe, ſahiraõ d'ella com honra, e naõ deixaraõ huma ſó povoaçaõ em pé, até ao forte de Baradel, que eſtava á entrada do rio, e que elles eſcalaraõ, e trataraõ como tinhaõ feito a todo o reſto.

Huma furioſa tempeſtade vingou tantas mortes, e tantos roubos. Barreto Rolim foi obrigado a deitar ao mar todos os deſpojos de tantos lugagares aſſolados, e teve todos os trabalhos poſſiveis para ganhar Chaul, onde achou novas ordens do General para hir ajuntar-ſe com Antonio Brandaõ, e queimar a Cidade de Dabul, que pertencia ao Idalcaõ, ao qual a guerra eſtava abertamente declarada. A Cidade fez no principio reſſiſtencia, porem Antonio Brandaõ fazendo lançar fogo

a

a alguns bairros, para impedir os ſeus que ſe divertiſſem com a pilhagem, os habitantes vendo o fogo a abandonaraõ. Entaõ os ſoldados ſempre famintos do ſangue, ſe eſpalharaõ pelas ruas e caſas, e achando ſó mulheres, e rapazes que naõ poderaõ ſalvar-ſe, fezeraõ taõ grande mortandade, que o ſangue corria em ribeiros. Depois de acabarem de queimar, e roubar a Cidade fizeraõ o meſmo a huma bela Meſquita, que eſtava no ſima d'hum Monte. E em quanto Brandaõ continuou a levar a diſſolaçaõ pelo longo dos rios, e da Coſta, Barreto Rolim foi a Goa para receber os aplauſos d'eſtas barbaras execuçoens.

ANN. de J. C. 1555.
D. JOAÕ III. REI.
FRANCISCO BARRETO GOVERNADOR.

Os movimentos que fazia o Idalcaõ para tornar a entrar nas terras de Conçaõ, de Bardes, e de Salſete, chamaraõ o General, que partio de Baçaim com precipitaçaõ, e antes de pôr pé em Goa, girou em torno da Ilha: enviou D. Pedro de Menezes á Fortaleza de Rachol, e proveo em todas as paſſagens, deixando em todas corpos de tropas, e navios bem armados para as defenderem. Com tudo o Idalcaõ ainda mais irritado depois da ruina de Dabul, ajuntou hum exercito de 20ↀ homens, de que deo o

go-

Ann. de J. C. 1556.

D. JOAÕ III. REI.

FRANCISCO BARRETO GOVERNADOR.

governo a Nazermaluco hum dos ſeus Generaes. Nazermaluco ſe avançou para Pondá com o groſſo do ſeu exercito, em quanto Moratecaõ entrava nas terras de Bardes. Barreto, que conheceo, que ſe elle deixava esfriar eſte negocio, elle gaſtaria todo o inverno, e teria Goa ſempre em afliçaõ, reſolveo fazer hum esforço, e de hir peſſoalmente ao inimigo, e de o combater.

Pondo finalmente em pé hum exercito de 3ↀ Portuguezes, mil Malabares d'Infantaria, e duzentos cavallos, foi procuralo até Pondá por caminhos deſviados, e o achou acampado fora da Fortaleza, que o flanqueava de hum lado, e hum boſque que lhe defendia o outro lado. Na frente tinha hum foſſo de quaſi ſinco palmos de largo. Chegando a infantaria á borda do foſſo, e naõ podendo paſſar, correraõ pelo longo, reſpondendo ſempre ao fogo do inimigo. Vendo Barreto eſte movimento, do que naõ comprehendia a razaõ, ſe apreſſou a acudir com a rectaguarda, e a cavalaria, e o fez com tamanho ardor, que naõ percebeo o foſſo, ſe naõ quando eſtava inteiramente ſobre a borda. E bem que conheceſſe entaõ todo o perigo, dá fortemente de eſporas, e o ſal-

Ann. de J. C. 1556.

D. JOAŌ III. REI.

FRANCISCO BARRETO GOVERNADOR.

o ſalvou. A nobreza que o acompanhava ſeguio eſte exemplo, que naō foi igualmente felis para todos: deo depois com tanta furia ſobre o inimigo que o pôz logo em deſordem. Sobrevindo a Infantaria, que tinha hido tomar a volta, Nazermaluco naō podendo reſiſtir contra o valor de tropa taō reſoluta, fez tocar á retirada, metendo-ſe ás terras ſem ouſar entrar na Fortaleza. Temendo Barreto algum engano n'huma fugida taō deſconcertada reteve tambem os ſeus: fez arraſar a Fortaleza, e naō tendo mais que fazer n'aquella parte, voltou para Goa pelo caminho ordinario arrombando todas as trincheiras, que o inimigo tinha feito para o demorar na ſua marcha. Nazermaluco ſabendo da partida do General, tornou a Pondá, e trabalhou em reſtabelecer a Fortaleza. As tropas do Idalcaō naō poderaō com tudo fazer grandes progreſſos, por cauſa d'huma diverſaō, que o obrigou a dividir as ſuas forças.

1556. 1557.

Nizamaluco, hum dos ſinco tyranos que tinhaō repartido o Reino de Decaō, tinha morrido no anno antecedente, depois de 58 de reinado. Os Autores Portuguezes fazem hum grande elogio d'eſte Principe, que nos re-

pre-

Ann. de J. C. 1557.

D. João III. Rei.

Francisco Barreto Governador.

presentaõ como hum dos grandes homens, que tiveraõ as Indias, e em que viaõ huma muito bela uniaõ de virtudes naturaes, e politicas. Posto que tivesse algumas differenças com os Portuguezes, os tinha sempre amado pela inclinaçaõ que tinha aos estrangeiros que se lhe uniaõ com gosto, naõ poupando nada para os conservar no seu serviço. Tinha entre outros hum Portugues arrenegado chamado Simaõ Peres, que os mesmos Autores nos pintaõ como hum homem illustre por mil belas acçoens, e a quem nada podiaõ reprehender, mais do que ter renunciado a sua Religiaõ, que amava com tudo de modo, que protegia particularmente todos os desertores Christaõs que a naõ abjuravaõ, desprezando os imitadores da sua perfidia. Nizamaluco o tinha feito seu primeiro Ministro, General dos seus exercitos, e tinha-se feito taõ poderoso, que estava em estado de sustentar á sua custa hum exercito de 12ↀ homens. Este Monarcha sentindo aproximar-se a sua ultima hora, e tendo nelle toda a sua confiança, lhe recomendou a pessoa do Principe seu herdeiro, pedindo-lhe que o estabelecesse sobre o Trono, e que o conservasse

ſe contra os outros Senhores do Eſtado, que o amor da novidade naõ deixaria d'armar em favor dos outros irmaõs d'eſte moço Principe. Peres executou fielmente as ordens de ſeu Senhor: ſoccegou todos os rebeldes, e aſſentou o legitimo herdeiro pacificamente ſobre o Trono.

ANN. de J. C. 1557.

D. JOAÕ III. REI.

FRANCISCO BARRETO GOVERNADOR.

O novo Nizamaluco ſocegado na poſſeſſaõ dos ſeus Eſtados, fez alliança com Cotamaluco para hir attacar juntamente com elle huma praça do Idalcaõ. Com o favor deſte tratado, Meale foi ſolto, e entregue tambem aos Portuguezes. Com tudo as armas dos dois Principes alliados naõ foraõ felices. Tinhaõ já feito huma grande brecha na praça; porém ſendo alli morto Simaõ Peres os ſitiantes perderaõ o animo, e ſe retiraraõ com perda de 4ↀ homens.

Ainda que o Idalcaõ teve lugar de ſe contentar com eſta felicidade, com tudo, ou porque tomaſſe novas ſoſpeitas a reſpeito de Meale, ou porque com effeito os meſmos ſeus Capitaens o advirtiſſem de que naõ eſtavaõ em eſtado de fazerem grandes progreſſos, elle conſentio entaõ de boa mente na paz, que foi feita nos meſmos termos em que eſtava antes do principio deſta guerra.

A

ANN. de J. C. 1558.

D. JOAÕ III. REI.

FRANCISCO BARRETO GOVERNADOR.

A esta paz do Idalcaõ succedeo huma inquietaçaõ no espirito do Governador General a qual pensou acender humá nova guerra entre elle, e o novo Nizamaluco. Barreto temendo que se as galeras Turcas viessem da India naõ teriaõ abrigo no rio de Chaul, e desconfiando da fraqueza da Fortaleza, quiz fundar outra sobre hum outeiro que se avança para o mar, e domina a Cidade. Porém como elle o naõ podia fazer sem a permissaõ de Nizamaluco, deste lugar enviou huma Embaixada solemne a este Principe, com ricos prezentes para lhe fazer o requerimento. A proposiçaõ espantou Nizamaluco. Porque temeo que lhe quizessem pôr hum novo freio, e que o pretexto da nova Fortaleza, naõ encobrisse o disignio que o Governador poderia ter de estabelecer os direitos de entrada, e sahida neste porto, o que seria privalo dos seus milhores rendimentos. Assim em lugar de reposta, lhe reteve o Embaixador, e enviou Farratecaõ, General das suas tropas, com 30⌀ homens, a fim de fazer construir para si mesmo huma Fortaleza, no mesmo lugar em que os Portuguezes tinhaõ disignio de a fazer. Farratecaõ ti-

tinha ordem de naõ cometer hoſtilidades contra os Portuguezes da antiga Fortaleza, nem contra os que eſtavaõ eſtabelecidos na Cidade.

Ann. de J. C. 1558.

D. JOAÕ III. REI.

FRANCISCO BARRETO GOVERNADOR.

Garcia Rodrigues de Tavora, Governador da Fortaleza de Chaul, aſuſtou-ſe vendo chegar eſtas tropas, e já os habitantes penſavaõ refugiar-ſe em outra parte. Com tudo a conducta pacifica de Farratecaõ os deſaſombrou logo. Com tudo Tavora aviſou o General do que ſe paſſava. Barreto eſtava entaõ ocupado em fazer preparar huma pequena frota, que devia hir invernar a Ormuz, e guardar a entrada do Golfo Perſico. Mudou elle logo a ſua diſpoſiçaõ, e ordenou a Alvaro Peres de Sotto-Maior chamado para á commandar que foſſe a Chaul, e impediſſe o progreſſo da obra começada. Sotto-Maior executa a ordem, chega, e bombardea dos ſeus galioens os trabalhadores. Duas galeras ſobrevieraõ no dia ſeguinte, e fizeraõ ainda maior mal, porque ſe chegavaõ mais facilmente á terra. Em fim Barreto veio elle meſmo com huma frota muito numeroza de embarcaçoens de toda a eſpécie. O inimigo naõ queria guerrear, e enviou gente para ſe concertarem. O trombeta

ANN. de J. C. 1558.

D. JOAÕ III. REI.

FRANCISCO BARRETO GOVERNADOR.

disse da parte de Nizamaluco seu Senhor: „ Que elle era amigo d'ElRei „ de Portugal, e dos Portuguezes, que „ tinha herdado sentimentos do seu pre- „ decessor, o qual tinha dado em Chaul „ o lugar para se fundar a Fortaleza „ que elles alli tinhaõ; e que naõ re- „ vogava esta doaçaõ, porém que ti- „ nha tido razaõ de temer, que os Por- „ tuguezes querendo construir huma „ nova Fortaleza, naõ tivessem inten- „ çaõ de lhe impôr hum jugo, e de „ se fortificarem contra elle mesmo, „ para o privarem dos direitos da en- „ trada, e sahida que lhe pertenciaõ „ a elle só como soberano, assim co- „ mo elles tinhaõ usado n'outras par- „ tes. „

Como estas razoens eraõ justas, naõ tinhaõ alli nada que replicar. Em fim convieraõ d'ambas as partes, que disistiriaõ da obra começada, e que nenhum dos dois partidos fundaria naquelle lugar. Por este meio a paz foi restabelecida, sem que o Governador tivesse alcançado o que tinha pretendido.

Barreto revolvia na sua mente hum grande projecto, que tinha sido o fim dos trabalhos em todo o seu Governo, e para o que tinha posto

no

Ann. de J. C. 1558.

D. SEBASTIAÕ REI

D. CONSTANTINO DE BARGANÇA VICE-REI.

no mar hum numero de navios taõ grande, que o Idalcaõ vio entaõ a mais ſoberba frota que nunca tinha viſto. Pretendem que o projecto pertencia á conquiſta da Ilha de Sumatra, e á deſtruiçaõ do Rei d'Achem inimigo capital dos Portuguezes, de quem Malaca recebia mais ſogeiçaõ. Eſtava no ponto de partir ſem ter declarado o ſeu ſegredo, quando teve a noticia d'hum ſucceſſor que rompeo todas as ſuas medidas.

ElRei D. Joaõ III. Principe digno da immortalidade pelas ſuas virtudes, e principalmente pelo ſeu zelo para o eſtabelecimento da noſſa Santa Religiaõ eſtava morto, e toda a felicidade d'hum Reino taõ florecente, como era entaõ o de Portugal, morreo com elle. Pai infelis, poſto que muito felis em tudo o mais, de nove filhos que tinha tido da Rainha Catharina d'Auſtria, naõ lhe ficava para herdeiro do ſeu Trono ſe naõ hum filho poſthumo do nono, que eſtava ainda no berço; menino cujo naſcimento foi pedido a Deos por muitos votos, e preces, e foi chorado depois com lagrimas de ſangue, em conſequencia das tragicas aventuras, que o fizeraõ o mais infelis Principe do mundo, pro-

ANN. de J. C. 1558.

D. SEBASTIAÕ REI

D. CONSTANTINO DE BARGANÇA VICE-REI.

curando a ruina da ſua caza, e dos ſeus Eſtados.

A Rainha Catharina ſua Avó, e o Cardeal Infante D. Henrique ſeu Tio, foraõ os tutores da ſua infancia, e governaraõ com muita prudencia. As Indias foraõ hum dos primeiros objectos em que elles quizeraõ prover. Dois ſogeitos em quem elles pozeraõ logo os olhos, recuſaraõ eſta honra. A Regencia ſe ſobreſaltou com iſto como tambem toda a Corte. Conſtantino de Bragança Principe de ſangue, cauſou mais eſpanto que ninguem, dizendo que elle meſmo iria. Eſta palavra louvada por ſeu proprio irmaõ Theodoſio primeiro Duque de Bragança foi contada á Rainha, e elle obrigado pela palavra. Quiz entaõ eſcuzar-ſe porém naõ foi Senhor de ſi. Pode ſer que naõ fizeſſem mal em pôr longe hum Principe que podia cauſar ſoſpeitas em tempos criticos. Aplanaraõ-lhe todas as difficudades. Concederaõ-lhe mercês proporcionadas ao ſeu naſcimento, e elle partio com huma eſquadra de quatro navios, levando comſigo Aleixo de Souſa Chichorro; homem venerando, de idade de 70 annos, que tinha huma longa experiencia dos negocios das Indias, e lhe

lhe devia ſervir de conſelheiro. Contaõ como huma couſa muito ſingular, que D. Conſtantino quando foi, e quando veio, teve ſempre os ventos, e o mar como poderia dezejar, e que o navio que o trouxe, foi dez vezes á India com a meſma felicidade. Eſte Principe foi recebido no Indoſtam com o reſpeito, e o amor que os povos tem ao ſangue dos ſeus Reis, e elle alli ſe moſtrou com aquella diſtinçaõ que ſe acha entre os Principes, quando elles ſaõ o que devem ſer, e o reſto dos homens.

ANN. de J. C. 1558.

D. SABASTIAÕ REI

D. CONSTANTINO DE BARGANÇA VICE-REI.

D. Paio de Noronha tinha vindo na eſquadra do Vice-Rei, com as proviſoens do governo de Cananor. Elle ſe portou alli muito mal: recuſou os preſentes do Rei, e dos ſeus Miniſtros: tratou-os depois com tanta ſoberba, e deſprezo, que o odio que elles conceberaõ contra os Portuguezes depois do tempo de Martinho Affonſo de Souſa, tendo-ſe eſpertado com a lembrança dos aſſacinios que elles tinhaõ cauſado, as coiſas ſe azedaraõ de maneira, e chegaraõ a hum tal extremo que os Portuguezes naõ ouſavaõ ſahir para andarem pela Cidade, e tudo alli ſe encaminhava a huma rotura declarada. Os primei-

ros

Ann. de J. C. 1558.

D. Sabastiaõ Rei

D. Constantino de Bargança Vice-Rei.

ros cuidados do Vice-Rei, ſobre a noticia que d'iſto teve, foraõ de enviar Rui de Melo com 5 navios, e depois Luiz de Mello e Silva com outros nove, que elle ajuntou aos ſinco primeiros de que eſte tomou o governo.

D. Conſtantino fez ſemblante de querer transportar-ſe alli em peſſoa, com eſta bela frota que Barreto, dizem, tinha preparado coutra os Acheneſes. Porem em lugar de hir a Cananor, tomou para outra parte, para hir pôr em execuçaõ o meſmo projecto, que Barreto tinha deixado para á ſua viagem de Baçaim; o que he precizo que eu explique aqui.

O Reino de Cambaia, eſtava de tal modo dividido, na menoridade d'hum Rei menino, que além d'huma eſpecie de guerra, que faziaõ entre ſi os tutores d'eſte Prinpe, o qual paſſava humas vezes para huma maõ, outras para outra, alli havia ainda muitos Senhores particulares, que aproveitando ſe d'eſta diviſaõ dos Chefes, eſtavaõ inteiramente rebelados, e trabalhavaõ para fazerem para ſi hum pequeno eſtado independente. Os Reis de Cambaia tinhaõ ſido elles meſmos antigamente a cauſa, e a-fonte deſte mal. Porque como naõ ha peiores Soldados

ANN. de J. C. 1559.

D. SABASTIAÕ REI

D. CONSTANTINO DE BARGANÇA VICE-REI.

dos no mundo que os Guzarates, e os Indios, elles tinhaõ chamado huma quantidade d'eſtrangeiros, que faziaõ á força do ſeu Imperio, e lhe cauſavaõ a deſtruiçaõ. Entre eſtes eſtrangeiros, Arabes, Rumes, Fartaques, Raſpoutes, Perſas, Mogoles, e Abexins, que todos faziaõ corpo, o dos Abexins era mais conſideravel, e ſe tinha apoderado de muitas praças maritimas onde ſe tinhaõ fortificado. D. Affonſo de Noronha, e depois d'elle Barreto quiſeraõ aproveitar-ſe d'eſta conjunctura, para procurarem adquirir a Cidade de Damaõ, e o ſeu territorio, naõ ſómente por cauſa da utilidade, e viſinhança de Baçaim; porém ainda para remediar a neceſſidade de muitos Fidalgos pobres, a quem fariaõ hum eſtabelecimento com a diſtribuiçaõ d'eſtas terras, as quaes eraõ excellentes.

Barreto tentou ſobre iſto occultamente os animos dos Miniſtros da Corte de Cambaia, onde enviou depois huma ſolemne Embaixada, para fazer o requerimento deſta Cidade, e deſtas terras, em troco de metade das rendas das Alfandegas de Diu, de que Diogo de Noronha tinha expulſado Abix-Caõ. A propoſiçaõ, poſto que vantajoza, naõ

foi

Ann. de J. C. 1559.

D. SABASTIAÕ REI

D. CONSTANTINO DE BARGANÇA VICE-REI.

foi com tudo entaõ aceita. A Corte de Cambaia consentia bem em ceder Damaõ, porém naõ o seu territorio, nem as suas Alfandegas. He por esta razaõ que Diogo de Noronha se oppôz fortemente no conselho a Barreto, mostrando a disproporçaõ que havia entre a vantagem presente que cedia, á cessaõ de Damaõ, que lhe naõ podia servir d'huma justa compensaçaõ. Em fim D. Diogo de Noronha, negociou tambem depois isto com Ithimiticaõ, que era entaõ o Senhor da pessoa do Rei, que o negocio foi concluido, Damaõ cedido com o seu territorio, e os seus rendimentos, e o auto da doaçaõ, e cessaõ d'ambas as partes foi dirigido em boa fórma.

O Vice-Rei instruido pelos seus espias do estado em que estava a Praça, se embarcou, e veio surgir á barra de Damaõ, no principo do mez de Janeiro de 1559. Os Abexins, da sua parte sendo informados dos designios do Vice-Rei, pelas intelligencias que tinhaõ, se tinhaõ ajuntado em numero de quasi quatro mil homens, debaixo de tres dos seus principaes Chefes. Tinhaõ levantado algumas fortificaçoens, e feito provisoens para tres,

ou

ou quatro mezes, resolutos a defenderem-se bem até á entrada do mez de Abril; temendo que o inverno em que entravaõ obrigaria a frota Portugueza a se retirar para os portos.

Ann. de J. C. 1559.

D. Sabastiaõ Rei

D. Constantino de Barganca Vice-Rei.

D. Diogo de Noronha, que teve toda a honra d'esta jornada, sondando a barra, o Vice-Rei segundo o que tinha sido resolvido no conselho, fez desembarcar dois mil homens divididos em sinco corpos, na frente dos quaes estava Noronha. O desembarque se fez pelo longo dos rochedos, onde o mar estava soccegado, e onde havia menos perigo, do que a enfiar o canal. Tendo desembarcado as tropas sem resistencia marcharaõ em ordem para á Cidade, que acharaõ inteiramente vasia. A vista formidavel d'esta frota, tinha causado hum terror, que ninguem teve o valor de a esperar. Cid Bofata commandante da Fortaleza a defendia bem: porém descobrindo que o Vice-Rei tinha alli intelligencias, fez procurar os culpados, e fez cortar a cabeça a sinco, depois do que, temendo ainda alguma traiçaõ, sahio, e se salvou nas terras.

As tropas tendo chegado á porta que deviaõ entregar, a acharaõ aberta, e Manoel Rolin entrando nel-

Ann. de J. C. 1559.

D. Sabastiaõ Rei

D. Constantino de Bargança Vice-Rei.

nella arvorou o ſeu eſtendarte. O Vice-Rei a eſte ſignal, que tinhaõ ajuſtado, entrou pelo canal ao ſom da artilheria de toda a frota. D. Diogo de Noronha, que por reſpeito naõ tinha querido entrar na praça, e tinha arvorado a ſua bandeira da parte da força, foi recebelo ao deſembarque, diſendo-lhe civilmente: „ Que a ſua ſombra „ ſó vencia os ſeus inimigos, porém „ que eſtava diſgoſtozo, que huma taõ „ bela victoria lhe cuſtaſſe taõ pou„ co. „ O Vice-Rei entrou na praça bem contente, deo graças a Deos de joelhos, de o ter feito Senhor della com taõ pouco cuſto. Fez depois benzer huma Meſquita, deo-lhe o nome de N. Senhora da Purificaçaõ, em memoria do dia em que elle della tinha tomado poſſe.

O General Abexim ſe tinha acampado em Parnel, duas legoas longe da Cidade, donde todas as noutes fazia correrias até ás ſuas portas, o que além da inquietaçaõ que iſto cauſava aos Portuguezes, obrigados a eſtar ſempre á lerta, impedia tambem os naturaes do paiz a tornarem para ſuas cazas, aſſim como era precizo. Antonio Moniz Barreto ſe offereceo ao Vice-Rei para hir expulſar o inimigo d'eſ-

d'este posto, com tanto que elle lhe desse 500 homens. Marchou huma parte da noute, e chegou hum pouco antes do dia com 120 homens somente, porque os outros se tinhaõ desencaminhado. Naõ deixou de attacar os entrincheiramentos fazendo grande estrondo de trombetas, e tambores. Os Abexins julgando, que lhe cahiaõ em sima todas as forças do Vice-Rei, abandonaraõ o seu campo na madrugada. Barreto entrando n'elle, trabalhou em fortificar-se á pressa. Chegado o dia, vendo os inimigos o pequeno numero de pessoas, que os tinhaõ feito fugir, envergonharaõ-se de si mesmos, e vieraõ ao posto. Barreto sustentou o primeiro attaque com o favor dos entrincheiramentos que tinha feito. O resto das tropas que se tinhaõ desencaminhado vindo unir-se-lhe, sahio elle sobre o inimigo matou-lhe 500 homens, e voltou para Damaõ carregado de despojos, que tinha tomado no campo, entre os quaes se acharaõ 37 peças d'artilheria de bronze, e algumas carradas de moedas de cobre.

ANN. de J. C. 1559.

D. SABASTIAÕ REI

D. CONSTANTINO DE BARGANÇA VICE-REI.

A Ilha de Balzar, que está na visinhança, sendo reputada por hum posto necessario para conservaçaõ d'esta

Ann. de J. C. 1559.

D. Sabastiaõ Rei

D. Constantino de Bargança Vice-Rei.

ta praça, D. Conſtantino lhe enviou algumas tropas, commandadas pelos dois irmaõs D. Pedro, e D. Luis d' Almeida. Elle meſmo depois os ſeguio para os ſoccorrer. Porém os inimigos naõ julgaraõ conviniente eſperalos. Tinhaõ abandonado a Ilha, e a Fortaleza. D. Conſtantino alli deixou por Commandante Alvaro Gonçalves Pinto com 120 homens, e algumas peças de artilheria, e voltou depois para Damaõ.

Alli traçou o plano d'huma nova Fortaleza que queria edificar. Os naturaes do paiz trabalharaõ com muita paixaõ, e zelo. Elle repartio depois as terras, deo conceſſoens, e deo ordem a todas as coiſas, conforme o que eſtava eſtabelecido nas praças regulares. O Governo da praça foi confiado a D. Diogo de Noronha, a quem o Vice-Rei deo 1☉200 homens de guarniçaõ, governados por ſinco Capitaens, que ſe encarregaraõ de ſuſtentar os ſoldados. Depois do que o Vice-Rei ſe fez á vela, e tornou para Goa.

Em quanto tudo ſuccedia tambem ao Vice-Rei naquella parte, os Chriſtaõs da Coſta de Coromandel tiveraõ hum grande rebate, e a guerra ſe acendia furioſamente em Cananor.

Hum

Ann. de J. C. 1559.

D. Sebastiaõ Rei.

D. Constantino de Bargança Vice-Rei.

Hum Portuguez facinorozo da visinhança de S. Thomé, esperando algum premio do Rei de Narsinga, ou tendo algum motivo de queixa dos habitantes desta Cidade, induzio este Principe a marchar contra elles, pelo zelo que tinha da sua Religiaõ, que os naturaes do paiz abandonavaõ para se fazerem Christaõs, e pela esperança de dois milhoens que podiaõ ganhar, no saque desta praça. Fazendo estes motivos impressaõ, o Rei de Narsinga animado d'outra parte pelos Brachmanes, que estavaõ tocados pelo zelo da Religiaõ, desceo para á Costa com hum exercito formidavel. D. Pedro d'Ataide, que tinha abordado a S. Thomé vindo de Malaca, quiz obrigar os habitantes a porem-se em defeza; impedidos pelo temor, responderaõ que elles eraõ vassallos do Rei de Narsinga, e se dispozeraõ a recebelo com grandes signaes de alegria, o que discorsuou de modo Ataide, que partio logo para Goa. Os habitantes com tudo se preparavaõ para receberem bem este Principe, e sahiraõ a recebelo com hum prezente de 4ↀ ducados. O Rei naõ entrou na Cidade, e fez preparar as tendas no campo. Porém ordenou que todos

os habitantes desde o primeiro até ao deultimo, fossem á sua presença, com huma relaçaõ de todos os seus bens. Feita a somma naõ se achou mais do que oitenta mil ducados. O Rei irritado contra o Portuguez, que o tinha enganado, o fez deitar aos Elephantes, supplicio ordinario dos malfeitores. Contentando-se depois com huma pequena somma, e tendo compaixaõ deste povo, fez restituir a cada hum o que lhe pertencia, com tanta equidade, que faltando huma colher, elle a fez procurar até que se achou, e se retirou d'alli sem fazer outro damno.

ANN. DE J. C. 1559.

D. SEBASTIAÕ REI.

D. CONSTANTINO DE BARGANÇA VICE-REI.

A guerra estava declarada em Cananor nesta ocasiaõ. Hum Marinheiro d'hum navio Portuguez novamente chegado, tendo ido á Cidade para comprar alguma coisa, naõ sabendo o máo animo de que alli estavaõ, foi feito presioneiro pelos Mouros. Luiz de Mello sabendo-o mandou logo bombardear a casa do Ada-Raia, Ministro do Rei, e o Bazar dos Negociantes; o que foi seguido d'huma violenta escaramuça, os Mouros arregimentados, e armados em numero de 3000 vieraõ até ás trincheiras de fora da Cidadella. Coje-Comandim, e o Ada-Raia mesmo procuraraõ accommodar as coisas,

e o Marinheiro prezo foi reſtituido. Com tudo os animos dos Mouros naõ ſe ſoccegaraõ. O Raia tinha cedido entaõ por huma eſpecie de neceſſidade. Era eſte o mais irado, por cauſa do aſſacinio do ſeu parente morto por Henrique de Souſa, e por ordem de Martinho Affonſo de Souza. No que toca a Coje-Cemadim, poſto que foſſe eſte a quem queriaõ, depois deſte aſſacinio, foi ſempre amigo dos Portuguezes, e conſervou eſtes ſentimentos até á morte, a qual lhe chegou pouco depois da rotura.

Ann. de J. C. 1559.

D. Sabastiaõ Rei

D. Constantino de Barganҫa Vice-Rei.

Depois do primeiro relampago, que por algum tempo naõ teve outro effeito mais, que huma parada de todo o commercio d'ambas as partes. Luiz de Mello ſahio com os ſeus navios, e ſabendo que havia hum em Mangalor, pertencente a hum dos Mouros de Cananor, lho quiz tomar. Os Mouros de Mangalor com quem eſtavaõ em paz, ſe lhe oppoſeraõ. Mello os caſtigou, e eſta Cidade foi tambem queimada, e ſaqueada, tudo o que alli ſe achou foi paſſado á eſpada, ſem diſtinçaõ de idade, ou ſexo. Continuando depois Mello a diſſolar a Coſta, os Mouros de Calicut ſe ajuntaraõ com os de Cananor, e com a permiſ-

ſaõ

Ann. de J. C. 1559.

D. Sabastiaõ Rei

D. Constantino de Bargança Vice-Rei.

ſaõ do Samorim pozeraõ ſete embarcaçoens no mar, commandadas por hum Turco de reputaçaõ, que devia ajuntarſe com outro a quem os Mouros de Cananor tinhaõ dado ſeis. Eſtas duas pequenas frotas tendo-ſe unido, foraõ attacar Mello, porém ſó os Mouros de Calicut combateraõ, e o fizeraõ com hum extremo furor. Alli morreraõ elles quaſi todos com os ſeus navios. Os Mouros de Cananor ſe retiraraõ ſem combater.

Mello depois d'eſta expediçaõ vindo parar á Goa; o Vice-Rei julgando-o criminoſo por ter dezemparado o ſeu poſto, e ter deixado Cananor na precizaõ que podia ter d'elle, o fez prender, e quiz dar o ſeu poſto a outros. Todos recuſaraõ, e ſe moſtraraõ diſgoſtozos com hum caſtigo que julgaraõ que Mello naõ merecia. D. Conſtantino eſqueceo-ſe neſta occaziaõ de que era Principe, e crendo que tinha feito hum erro, e querendo reparalo, foi elle meſmo ſoltar o ſeu prezo, que acumulou de agrados, e o enviou a Cananor com novos reforços, e grandes moſtras de diſtinçaõ.

Eſte ſoccorro era neceſſario. D. Paio de Noronha eſtava em muito embaraço. Todos os Mouros do Mala-

bar

Ann. de J. C. 1559.

D. Sebastiaõ Rei

D. Constantino de Barganҫa Vice-Rei.

bar ſe tinhaõ reunido para fazer hum grande esforço. Tanto que Mello chegou, foi aviſado pelos eſpias, que tinha na Corte meſmo do Rei de Cananor, de que o vinhaõ attacar. O aviſo foi certo. Os Mouros deraõ o aſſalto ás trincheiras que defendiaõ o exterior da Cidadella no circuito das quaes eſtava o Moſteiro de S. Franciſco, e muitas cazas, de que ſe compunha a povoaçaõ. O combate começou ás quatro horas da manhá, e durou até ás quatro da tarde: as trincheiras foraõ franqueadas, os atalhos vencidos, e em toda eſta acçaõ, que foi huma das mais glorioſas para os Portuguezes, fizeraõ prodigios de extremo valor. Eraõ elles ſó quinhentos, com Luiz de Mello na frente. Os Mouros eraõ cem mil: além d'iſto foraõ vencidos, e deixaraõ quinze mil dos ſeus mortos, em quanto os Portuguezes perderaõ ſó vinte, e ſinco homens. He facil de crer que algumas vezes os numeros creçaõ na pena Portugueza. Como quer que ſeja elles juſtificaõ eſta inſigne victoria por huma revelaçaõ feita a hum Religoſo de S. Franciſco, que vio por ſima da ſua Igreja o Eſpirito Santo em forma de pomba, e todo rodeado de luz. Com

ANN. de J. C. 1559. D. SABASTIAÕ REI D. CONSTANTINO DE BARGANÇA VICE-REI.

esta vista, acrecentaõ os Autores Portuguezes, os Religiosos sahiraõ todos com o crucifixo na maõ, e animaraõ de modo a gente, que faziaõ todos esforços mais que humanos, e principalmente hum soldado chamado Francisco Riscado, que deitava artificios, e panelas de fogo sobre os inimigos com tanta prontidaõ, e effeito que os mesmos Autores o comparaõ a Jupiter arremeçando os seus raios, e as suas setas no meio dos relampagos, e trovoens. Depois d'esta acçaõ a guerra durou ainda, sem que em todo este inverno succedesse cousa notavel de parte a parte.

O Gram Senhor apenas tinha dado a commissaõ a Alechelubi de hir tomar as suas galeras á Baçorá, para as condusir a Suez, quando se arrependeo, confiando menos na prudencia d-este homem, do que temia da sua loucura. Mostrou prever desde entaõ a infelicidade, que lhe acconteceo logo depois. Para o acautelar, enviou ordem a Zafar, de quem já falamos, que fosse a Suez armar algumas galeras da frota do Bachá Solimaõ, que tinha feito o cerco de Diu, que tomasse a sua derrota para Baçorá, que tirasse o governo do

po-

poder d'Alechelubi, e que conduſiſſe todas eſtas galeras a Meca. Zafar obedeceo a eſta ordem, aprontou logo duas galeras, e duas galiotas, das quaes huma era a que elle tinha tomado a Figueira: meteo-ſe ao mar, atraveſſou o mar Roxo, ſahio do eſtreito, e tomou a Coſta de Arabia. Alli ſoube o deſaſtre ſuccedido a Alechelubi. Iſto o obrigou a ſe demorar para dar caça aos navios Portuguezes. Tomou ſinco ou ſeis ricamente carregados, e ſe retirou. O Vice-Rei das Indias D. Affonſo de Noronha, e Barreto que lhe ſuccedeo, enviaraõ frotas ao eſtreito de Meca contra elle, porém ſem algum effeito.

Ann. de J. C. 1559.

D. Sabastiaõ Rei

D. Constantino de Barganç̧a Vice-Rei.

O Rei de Baçorá tinha da ſua parte feito a Barreto as meſmas inſtancias, que tinha feito ao ſeu predeceſſor com as meſmas promeſſas. Barreto fez partir D. Alvaro da Silveira com huma frota conſideravel. Silveira chegou até á embocadura do Euphrates, e no tempo em que elle ſe via no ponto de acabar a guerra pela tomada de Baçorá, huma violenta tempeſtade ſeparou todos os ſeus navios, e teve muito trabalho para tornar a hir a Ormuz.

D. Alvaro ſendo enviado depois

Ann. de J. C. 1559.

D. Sebastiaõ Rei

D. Constantino de Bargança Vice-Rei.

——— ao eſtreito de Meca contra Zafar, entrou no mar Roxo, foi até á Moca, onde eſtavaõ os navios, e as galeras de Zafar. Tinha-ſe elle liſongeado com a eſperança de os queimar. Porém naõ podendo manobrar nos canaes eſtreitos, onde era preciſo abrigar-ſe, para alli chegar, foi obrigado a voltar ſem fazer nada.

Solimaõ ſentio por extremo a perda das ſuas galeras, e do deſaſtre ſuccedido a Alechelubi. Entre tanto, hum homem de valor, e de juizo ſe offereceo a eſte Principe para o fazer Senhor da Ilha de Baharem, e de pôr as ſuas galeras em ſegurança. O Gram Senhor acceitando a ſua propoſiçaõ, partio para Baçorá, pôz promptas duas galeras com perto de 70 embarcaçoens, em que embarcou 12$000 homens eſcolhidos, e foi pôr cerco defronte da Fortaleza de Baharem. Rais Morad genro de Rais Noradim, Miniſtro do Rei d'Ormuz, que alli commandava, aviſou logo o Rei, e D. Antonio de Noronha, ſobrinho de D. Affonſo o qual ſe achava entaõ pela ſegunda vez Governador d'Ormuz.

D. Antonio enviou logo hum ſoccorro de viveres, e de muniçoens debaixo da conducta de D. Joaõ de Noro-

ronha, filho natural de ſeu irmaõ, e no meſmo tempo fez partir algumas curvetas para aviſar D. Alvaro da Silveira, que tinha ordem do Vice-Rei D. Conſtantino de cruſar junto d'Ormuz, no ſeu retorno da expediçaõ do mar Roxo. D. Joaõ era moço, e foi mal aconſelhado pelos ſeus Capitaens, de ſorte que perdeo a occaſiaõ de tomar as duas galeras Turcas. Naõ foi mais que hum deſcuido de poucos dias. D. Alvaro chegou, tomou as galeras, e tirou aos Turcos toda a eſperança de voltarem.

ANN. de J. C. 1559.

D. SEBASTIAÕ REI

D. CONSTANTINO DE BARGANÇA VICE-REI.

Silveira, e Morad tendo-ſe viſto depois aſſentaraõ de naõ dar batalha ao inimigo; porém ſómente de o conſternar cortando-lhe os viveres. O conſelho era prudente; porém a pouca ſubordinaçaõ das tropas impedio o effeito. Ellas ſe amotinaraõ, inſultaraõ o General chamando-lhe fraco. Trataraõ tambem Morad de traidor, e obrigaraõ a hum, e a outro a virem contra ſeu goſto a huma acçaõ. Ella foi ardente, e viva; porém a ſua deſobediencia foi punida. D. Alvaro, depois de fazer a obrigaçaõ de ſoldado, e de Capitaõ, recebeo muitas feridas, e foi morto pelos Turcos, que lhe cortaraõ a cabeça. Se-

cen-

ANN. de J. C. 1559.

D. SEBASTIAÕ REI

D. CONSTANTINO DE BARGANÇA VICE-REI.

centa Portuguezes depois, de fazerem grandes acçoens, tiveraõ a mesma sorte. Houveraõ muitos que cahiraõ nas maõs dos inimigos. Morad que naõ tinha cedido em valor aos Portuguezes recolheo os restos espalhados, e se retirou para á Fortaleza.

Joaõ Peixoto tinha provisoẽs para tomar o governo depois de Silveira, em caso de morte. Fez-se conhecer das tropas, e tendo vindo por necessidade ao parecer d'obrigar por fome os Turcos, elle o fez com tanta felicidade, que elles tinhaõ já tratado de se retirarem para Catife, onde Peixoto contra a fé dada, tinha resolvido fazelos passar á espada.

Os avisos da motte de Silveira, e a perda da batalha passaraõ logo a Ormuz, e de lá ás Indias, e logo D. Antonio de Noronha, e o Vice-Rei D. Constantino, se poseraõ em estado de reparar esta infelicidade. Noronha, e Rais Nordim foraõ alli pessoalmente, e tomaraõ 3ↀ Persas a seu soldo. Noronha chegou no tempo que Peixoto hia concluir o seu tratado, e executar o seu criminoso disignio.

A chegada de Noronha, que devia accelerar a conclusaõ d'hum trata-

ta-

rado mais fiel, ſó ſervio de o deſviar. O entereſſe de alguns particulares, e a perfidia d'outros foraõ a cauſa. O Bachá commandante dos Turcos morreo das feridas, que recebeo na batalha em que Silveira foi morto. Subſtituiraõ-lhe outro. Mahmud-Beg Governador de Catife, ſe entendia com elle, e o exortava occultamente a conſervar-ſe bem na eſperança que ſeria ſoccorrido brevemente pelo Bachá de Baçorá, deſcobrio-ſe a ſua perfidia, e Noronha o fez aſſacinar. Em fim depois de ter perdido muito tempo, no qual o máo ar fez morrer mais de mil deſtes 1$200 Turcos, as meſmas moleſtias, que ſe fizeraõ tambem ſentir aos Portuguezes, reduſiraõ os dois partidos a huma capitulaçaõ, em virtude da qual os Turcos, reſtituindo os preſioneiros, os cavalos, e as armas, os forneceraõ de bateis para tornarem a ganhar Baçorá. O ſoccorro enviado por D. Conſtantino chegou depois da couſa feita, e naõ teve mais que o trabalho de voltar.

ANN. de J. C. 1559.

D. SABASTIAÕ REI

D. CONSTANTINO DE BARGANÇA VICE-REI.

Fazendo ſempre a fé grandes progreſſos, á medida que os Portuguezes avançavaõ nas ſuas conquiſtas, a Rainha Catharina julgou digno de ſeu zelo aſſignalar os principios da ſua

Re-

Ann. de J. C. 1559.

D. Sebastiaõ Rei

D. Constantino de Bargança Vice-Rei.

Regencia, ſolicitando o Papa para erigir a Cidade de Goa em Arcebiſpado. Paulo IV. concedeo-lhe a ſua ſupplica. Goa foi deſmembrada do Funchal na Ilha da Madeira, e a ſua Igreja declarada Primaz das Indias. D. Gaſpar Conego da Igreja Cathedral de Lisboa, e valido do Cardeal Infante, foi provido neſta dignidade, vaga pelo falecimento de D. Joaõ d'Albuquerque, morto anno de 1559. Jorge de Santa Luzia, e Jorge Temudo, Religioſos Dominicos, foraõ nomeados para os Biſpados de Cochim, e de Malaca, que foraõ erectos por entaõ, e aquem aſſignaraõ os ſeus diſtrictos. Eſtes Biſpos foraõ ſagrados em Lisboa com muito concurſo e ſolemnidade. Os Biſpos de Cochim, e de Malaca partiraõ neſte meſmo anno na frota que commandou Pedro Vaz de Sequeira. O Arcebiſpo naõ ſe embarcou ſe naõ no anno ſeguinte, e conduſio comſigo os Miniſtros do Tribunal da Inquiſiçaõ, o qual até entaõ, naõ tinha ſido eſtabelecido nas Indias, nem delle tinha alli avido mais que huma forma muito imperfeita.

ElRei D. Joaõ III. que tinha ſempre tido hum grande ardor pela converſaõ dos Abixins, tinha tido o meſ-

mesmo zelo em lhes procurar Bispos Catholicos. Este zelo tinha-se augmentado n'elle antes da sua morte, e elle tinha tido a consolaçaõ d'alcançar esta graça da Santa Sede. O Papa Paulo IV. conferindo este negocio com o Sacro Collegio, recorreo a S. Ignacio de Loyola, e tomou tres Religiosos da sua companhia, o Padre Nuno Barreto Portuguez, que fez Patriarcha da Ethiopia, e os Padres Melchior Carneiro, e André Oviedo, dos quaes o primeiro foi nomeado Bispo de Nicea, e o segundo Bispo de Heliopolis com o titulo de Coadjutores, e successores do Patriarcha, no caso que morresse. E porque quando estes Bispos chegaraõ a Lisboa, a frota do Vice-Rei D. Pedro de Mascarenhas estava já de verga d'alto, julgaraõ conveniente transfirir a sua partida, e fazerem embarcar sómente alguns dos Jesuitas, que os deviaõ acompanhar, a fim de lhes prepararem os caminhos na Ethiopia, e levarem ao Imperador as cartas d'ElRei, nas quaes dava aviso a este Principe da escolha, que o Papa tinha feito destes Prelados, e do motivo porque lhos enviava.

Ann. de J. C. 1559.

D. SEBASTIAÕ REI

D. CONSTANTINO DE BARGANÇA VICE-REI.

Mascarenhas chegado ás Indias fez embarcar na frota que enviava ao es-

Ann. de J. C. 1559.

D. Sabastiaõ Rei

F. Constantino de Barganças Vice-Rei.

eſtreito de Meca, o Padre Gonçalo Rodrigues, que foi poſto no porto d' Arquico, donde foi conduzido á Corte do Imperador. Eſte Principe era o meſmo por quem Chriſtovaõ da Gama ſe tinha ſacrificado, e que devia aos Portuguezes o ſeu reſtabelecimento. Elle recebeo Rodrigues com diſtinçaõ, e com bondade; porém quando ſe tratou de Religiaõ, Rodrigues vio taõ pouca apparencia de o authoriſar, que logo deſconfiou, e tornou para ás Indias, conforme a ordem que tinha para fazer a ſua relaçaõ. Joaõ Peixoto tinha ſido enviado das Indias expreſſamente para o receber, como fez; porém neſta viagem tinha dezembarcado na Ilha de Suaquem com o favor do ſilencio da noite, e ſem ſer deſcoberto, paſſou á eſpada o Rei, e huma parte dos habitantes, que achou ſobmergidos no ſono.

Tendo chegado os Biſpos ás Indias no anno depois da partida de Maſcarenhas, com Fernando de Souſa Caſtelo-Branco, que ElRei tinha nomeado ſeu Embaixador para á Corte da Ethiopia, o Patriarcha, e o Embaixador obrigaraõ vivamente Barreto, que eſtava entaõ no emprego, que executaſſe as ordens d'ElRei, que lhes

deſ-

Ann. de J. C. 1559.

D. SEBASTIAÕ REI.

D. CONSTANTINO DE BARGANÇA VICE-REI.

desse huma frota, e seis centos homens para os acompanhar n'esta expediçaõ. Barreto naõ tendo disso vontade, e naõ estando mesmo em estado de se privar d'hum taõ grande soccorro, formou difficuldades. Como o zelo naõ attende nunca ás razoens de politica, e a sua recusaçaõ causava já perturbaçaõ, o temor de grangear algum trabalho na Corte, lhe fez tomar hum meio, para o que convieraõ em hum Conselho, que ajuntou para isso, no qual rezolveraõ, „ Que vista a pouca apparencia „ que havia na conversaõ do Imperador, conforme a relaçaõ que tinha „ feito o Padre Rodrigues, seria imprudencia expôr a dignidade do Patriarcha, e a do Embaixador; porém que com tudo, como era do „ enteresse da Religiaõ tentar alguma coisa, fariaõ partir sómente por „ este anno o Padre André Oviedo „ Bispo d'Heliopolis com alguns dos „ Portuguezes de companhia, para fondar o terreno, e pôr as coisas em „ via de fazer receber o Patriarcha com „ honra. „

Tomado este partido, Barreto fez armar quatro navios, de que deo o commando a Manoel Travassos, proveo

o

Ann. de J. C. 1559.

D. Sebastiaõ Rei.

D. Constantino de Barganca Vice-Rei.

o Bispo de tudo o que podia dezejar, como tambem os Jesuitas que o acompanharaõ. Gaspar Nunes hum dos Portuguezes da armada de Christovaõ da Gama, que se tinha estabelecido na Ethiopia, e tinha voltado ás Indias com o Padre Gonçalo Rodrigues foi enviado, e honrado com o titulo de Ministro d'ElRei de Portugal.

Oviedo foi recebido nas terras do Imperador com todas as demonstraçoẽs d'honra que fazem aos Soberanos. Teve a consolaçaõ de ver, em toda a parte na sua derrota, os Portuguezes ricos em cazas, e em terras, em escravos e creados, e em toda a parte estes tiveraõ o gosto de o tratar como comvinha ao seu caracter, e á sua virtude. Em fim admitido á presença do Imperador, foi recebido com muito grande distinçaõ.

Depois d'alguns dias de descanço, o Imperador, que se presava de saber a sua Religiaõ, quiz entrar na materia com o Bispo. Nós naõ sabemos qual foi o particular da conversaçaõ; porém o fruto foi tal, que o Imperador se escandalizou muito da liberdade do Bispo, e que o Bispo picado dos desprezos, que o Imperador, e toda a sua Corte tinhaõ feito dos sentimentos da Igreja Catholica, sahio mudo, e bem convencido da obs-

obſtinaçaõ d'eſte Principe, e do pouco fruto que tinhaõ que eſperar dos ſeus trabalhos para á ſua converſaõ.

Ann. de J. C. 1559.

D. SEBASTIAÕ REI

D. CONSTANTINO DE BARGANÇA VICE-REI.

Oviedo era hum ſanto, e cheio do eſpirito que forma os Apoſtolos, e os Martyres de Jeſus Chriſto; porém naõ attendendo que huma Religiaõ bebida com o leite naõ ſe deixa taõ facilmente, e que os meios da perſuaçaõ, e da inſinuaçaõ eraõ os unicos de que devia uſar no pays em que ſe achava, elle ſe deixou arrebatar da vivacidade do ſeu zelo, e reccoreo aos raios da Igreja, e ao rigor dos Canones. Excomungou o Imperador ſolemnemente, declarou-o Sciſmatico, e herege, e prohibio a todos os Portuguezes que o ſerviſſem, e tiveſſem communicaçaõ com elle.

O Imperador devia temer pouco huma excomunhaõ da parte d'hum Biſpo, que o conſiderava como herege, quando os ſeus proprios Paſtores lhe faziaõ a elle meſmo hum crime de o communicar, poſto que elle o naõ fizeſſe ſe naõ por politica, e pela precizaõ que podia ter dos Portuguezes. Aſſim eſta excomunhaõ longe de produſir hum bom effeito, ſó ſervio de irritar os animos, alienar todos os Abixins, e dividir meſmo os Portuguezes entre ſi. Muitos reprehenderaõ eſte

ANN. de J. C. 1559.

D. SABASTIAÕ REI

D. CONSTANTINO DE BARGANÇA VICE-REI.

te procedimento do Biſpo, como imprudente, e contaraõ depois todas as ſuas palavras ao Imperador de quem ſe fizeraõ eſpias.

O reſentimento do Imperador teria chegado mais longe, ſe naõ foſſe huma revoluçaõ que acconteceo neſtas circunſtancias. Sinco dias depois que o Biſpo entrou na Ethiopia, hum Bachá Turco alli entrou com 1$200. Janiſaros, e ſe avançou até Baroá desbaratou, e matou o irmaõ do Principe Iſaac que tinhá ſido Barnagues. No meſmo tempo hum Principe Mouro fez entrar hum dos ſeus Generaes com hum exercito nos Eſtados do Imperador, que opprimido por duas partes, enviou o Principe Iſaac contra o Bachá, e foi peſſoalmente ao encontro do outro inimigo, que lhe deſſolava as ſuas Provincias. Iſaac desfez os Turcos, os quaes huma moleſtia acabou quaſi de deſtruir; de ſorte que o Bachá foi obrigado a retirar-ſe para Arquico com os miſeraveis reſtos do ſeu exercito. Da outra parte o Tenente do Imperador, que commandava nas Provincias invadidas, em lugar de reſiſtir ao inimigo foi direito á Capital do Rei ſublevado; onde entrou victorioſo, e o matou. Os Galles, povos inquietos,

e

e ſempre em armas o ſeguiraõ, e acabaraõ de deſtruir eſte Eſtado. O Imperador naõ ſabendo nada da victoria do ſeu Tenente, e da morte do Rei ſeu inimigo, quiz, contra o parecer dos ſeus Capitaens, dar batalha ao ſeu General. Elle o fez; mas por infelicidade o ſeu cavalo eſpantado com o eſtrondo da artilheria, e naõ dando pelo freio, o levou para o meio dos inimigos, que o mataraõ.

ANN. de J. C. 1559.

D. SABASTIAÕ REI

D. CONSTANTINO DE BARGANÇA VICE-REI.

Adamas Seghed, irmaõ do Imperador Claudio, lhe ſuccedeo. Naõ tinha elle nenhuma das boas qualidades de ſeu irmaõ, e tinha muitas más. Era principalmente inimigo da noſſa Religiaõ, e aborrecia no fundo do coraçaõ os Portuguezes. Obrigando-o a neceſſidade aos poupar, elle diſſimulou por algum tempo. Porém Oviedo recuſando remeter-lhe dois Religiozos Abixins, que tinha traſido ao gremio da Igreja, pouco faltou que eſte Principe indignado naõ foſſe elle meſmo o algôz do Biſpo, que ſe offereceo generoſamente á morte como verdadeiro Athleta de Jeſus Chriſto. Em fim os Grandes do Imperio, e o Barnagues em particular, tendo-ſe ſublevado, e juntos ao Bachá dos Turcos, os Portuguezes tomaraõ o partido das

duas

ANN. de J. C. 1559.

D. SEBASTIAÕ REI

D. CONSTANTINO DE BARGANÇA VICE-REI.

duas partes, e hum grande numero delles ſeguio o dos rebeldes. O Imperador que os vio com as armas na maó contra elle, ſuſpeitou que o Biſpo, e os Miſſionarios tinhaó favorecido a revolta. Depois do que eſte Principe os perſeguio com furor, como tambem aos ſeus vaſſallos que ſe tinhaó convertido. O Patriarcha retido em Goa por eſta má ſituaçaó dos negocios, morreo, ſem pôr pé nas terras do ſeu Patriarchado. O Papa, e ElRei de Portugal inſtruidos do que ſe paſſava, quizeraó retirar da Ethiopia o Biſpo, feito Patriarcha, e os Miſſionarios, para os empregar n'outra parte mais utilmente; porém nem elle nem os Jeſuitas poderaó ſahir d'eſte Imperio. Dois foraó aſſacinados pelos Turcos. O Biſpo, e os outros morreraó conſumidos de miſerias, bem conſolados por outra parte pelas bençaós que Deos tinha deitado ſobre os ſeus trabalhos na converſaó do povo meudo.

1559. 1560.

D. Conſtantino herdeiro d'hum zelo, que era proprio de ſua linhagem, favoreceo os negocios da Ethiopia o melhor que pôde. Naó eſteve com tudo nas ſuas forças reformar as deſgraças da fortuna, e a infelicidade em o Impe-

peradoꝛ Claudio ſe tinha precipitado. Porém nas Indias onde elle tinha todo o poder, deo grandes provas d'eſte zelo. Debaixo da maior parte dos Governadores precedentes, os Indios que ſe convertiaõ, eſtavaõ em opreſaõ. Como os que preſſeveravaõ na ſua idolatria eraõ os ricos da terra, e os que abraçavaõ a lei de Jeſus Chriſto eraõ pobres, pela maior parte, eſtes idolatras que as ſuas riqueſas, e a ſua abundancia faziaõ recomendaveis, abuſavaõ do ſeu credito para com os Portuguezes meſmo, para agravar o jugo d'aquelles que ſe convertiaõ, e ſatisfazer ao odio que lhes inſpirava a ſua mudança. De ſorte que fazer-ſe Chriſtaõ, era exporſe a huma perſeguiçaõ da parte dos meſmos Chriſtaõs. D. Conſtantino que comprehendeo eſte abuſo, o reformou de modo, que ſó os Indios convertidos tinhaõ parte nas mercês, e nos favores. Elles tinhaõ ſó a entrada livre na ſua caza, quando os Gentios idolatras excluidos do ſeu Palacio, eraõ obrigados a eſperar, que elle ſe apreſentaſſe a alguma janela para terem audiencia. Naõ ſe pode crer como eſte procedimento ſervio a illuminar eſtes povos infelices, ſub-

ANN. de J. C. 1560.

D. SEBASTIAÕ REI

D. CONSTANTINO DE BARGANÇA VICE-REI.

mergidos nas trevas do Paganiſmo.

Ann. de J. C. 1560.

D. SEBASTIAÕ REI

D. CONSTANTINO DE BARGANÇA VICE-REI.

O meſmo zelo o fez emprehender huma guerra em favor dos Chriſtaõs da Coſta da Peſcaria, expoſtos aos corſos dos Badages, povos feroces, e acoſtumados a roubos. Eſtavaõ além d'iſto tyraniſados pelo Rei de Jafanapatam, que os punha muitas vezes a ferro, e a fogo. Eſte Princepe era hum verdadeiro tyrano, e inimigo jurado do nome Chriſtaõ. Tinha enſopado muitas vezes as ſuas maõs no ſeu proprio ſangue, e tinha deſpojado dos ſeus Eſtados ſeu irmaõ mais velho, que ſe tinha refugiado em Goa, onde ſe fez Chriſtaõ; e tomou o nome de D. Affonſo Martim. Affonſo de Souza tinha feito o Reino de Jafanapatam tributario da Coroa de Portugal paſſando pela Ilha de Ceilaõ, da qual elle faz parte. Porém eſte barbaro Rei ſem reſpeito a eſta conſideraçaõ ſe recreava em ſe banhar no ſangue dos Chriſtaõs, e em hum ſó dia tinha procurado a gloria do martyrio a mais de 600.

D. Conſtantino determinou de o caſtigar, de o deſpojar dos ſeus Eſtados, e de tranſportar para alli os Chriſtaõs da Coſta da Peſcaria. Para eſte effeito partio elle com huma poderoza frota, e deſembarcou com muita feli-

ci-

cidade. Dividio depois, o ſeu exercito em ſinco corpos, de que Luiz de Mello conduſio o primeiro. O Principe filho do Rei ſe aprezentou, fazendo ſemblante de querer combater: porém retirou-ſe ſem ter valor d'iſſo. O exercito Portuguez enfiou o caminho que conduz á Capital. Era eſtreito, e defendido por peças d'artilheria d'hum terrivel calibre; mas ſendo apontadas muito alto, naõ fizeraõ quaſi nenhum effeito. Sendo a Cidade tomada por eſte meio, o Rei de Jafanapatam ſe retirou a huma fortaleza apartada quaſi duas legoas. Naõ teve ainda baſtante conſtancia para alli ſe defender, e ſe ſalvou nos matos, d'onde enviou a pedir paz. Para a alcancar offereceo reſtituir ao Rei de Cota os Teſouros de Tribuli Pandar, que a preſiguiçaõ dos Portuguezes tinha obrigado a ſe retirar para eſte Tyrano, que o fez morrer. Obrigou-ſe de mais a ceder a Ilha de Manar, e de ſubmeter de novo a ſua Coroa á de Portugal, pagando-lhe tributo. Para fiador d'eſte tratado, deo ſeu filho de penhor. O ciume, e a diviſaõ que ſe tinhaõ metido entre os Officiaes Portuguezes, juntos com a pouca diſciplina dos ſoldados, obrigaraõ o General a ſe contentar d'eſtes offerecimentos.

ANN. de J. C. 1560.

D. SEBASTIAÕ REI

D. CONSTANTINO DE BARGANÇA VICE-REI.

Ann. de J. C. 1560. D. Sebastião Rei D. Constantino de Bargança Vice-Rei.

Porém em quanto perderaõ tempo na execcuçaõ do que se tinha regulado, formou-se huma conjuraçaõ dos Ilheos, taõ subita, que muitos Portuguezes della foraõ victima, antes de presentirem o mal. O Vice-Rei engolfado na cassa pela sugestaõ dos conjurados, teve muito trabalho para segurar a sua retirada, e tudo o que pôde fazer, foi tornar a embarcar-se depois de ter perdido muita gente.

Livre d'este perigo, e condusindo o Principe de Jafanapatam nos seus ferros, passou á Ilha de Manar, onde construhio huma Fortaleza, da qual deo o governo a Manoel Coutinho, que para alli tinha transportado da Costa da Pescaria os Christaõs de Punical. Fundou no mesmo tempo as casas dos Religiosos de S. Francisco, e dos Jesuitas encarregados do cuidado d'esta christandade.

Entre as riquesas que foraõ tiradas no saque da Cidade de Jafanapatam, foi huma especie de Relicario d'oiro, guarnecido de Rubins, e d'outras pedras preciozas. Conservavaõ alli com muita devoçaõ hum dente d'hum dos Santos, ou Deoses do paiz, de que as fabulas que d'isso contaõ deraõ lugar a crer, que este dente era d'hum

ma-

macaco, e naõ d'hum homem. Era este hum dos monumentos mais raros da piedade Idolatra, que havia em todas as Indias. O Rei de Pegu sabendo que elle estava em poder do Vice-Rei, enviou huma Embaixada solemne para o pedir, e offereceo por elle muito grandes sommas. Muitos, pouco escrupulosos, queriaõ que o vendessem, para remediarem as precizoens do Estado, e havia poucos Officiaes que naõ cubiçasem a commissaõ de o levar, com a esperança de fazerem hum ganho immenso, sómente em o mostrar na viagem, e em permitirem que d'elle tirassem estampas. D. Constantino mais escrupulozo, fazendo examinar o caso, e sendo decidido como elle mesmo o tinha decidido, fez deitar o dente em hum almofaris em pleno Conselho, e o fez reduzir a pó, o qual fez consumir em hum brazeiro.

ANN. de J. C. 1560.

D. SEBASTIAÕ REI

D. CONSTANTINO DE BARGANÇA VICE-REI.

No seu retorno de Ceilaõ para Cochim, o Vice-Rei se encontrou com o Rei de Chambé, e confirmou de novo com elle a paz, que tinha feito, porém que naõ guardou bem: o que fez sempre difficil a carga dos navios, que despachavaõ todos os annos para Portugal. Esta paz naõ impe-

Ann. de J. C. 1560.

D. Sebastião Rei

D. Constantino de Bargança Vice-Rei.

pedia os Principes alliados do Malabar a fazerem guerra ao Rei de Cochim. Estes Principes juntos ás tropas do Samorim, tinhaõ entrado na Ilha de Primbalam, que pertencia ao Rei de Cochim. A alliança que tinhaõ tido sempre com este Principe, determinou o Vice-Rei a tomar o seu partido, e a expulsar os inimigos da Ilha. Elle alli enviou Francisco d'Almeida com tropas, e depois Luiz de Mello com hum reforço. Houve entre estas tropas, e as dos inimigos huma viva escaramuça, onde Luis de Mello foi ferido: a vantagem com tudo ficou ao Rei de Cochim, que entrou na posse da Ilha, depois que os inimigos foraõ d'alli expulsos. Porém este Monarcha naõ teve nunca verdadeiro descanço da parte dos Principes alliados, até ao momento em que foi assacinado, por hum dos amigos do Principe de Bardelle.

O Vice-Rei tendo tornado a Goa, achou novos Embaixadores do Rei de Baçorá, que renovando os mesmos offerecimentos que tinhaõ feito aos seus predecessores, pedia tambem soccorro para acabar de vencer os Turcos, que tinha sitiados na Fortaleza. D. Constantino alli enviou huma frota de 21 em-

Ann. de J. C. 1560.

D. Sebastiaõ Rei

D. Constantino de Bargança Vice-Rei.

embarcaçoens, commandadas por Sebaſtiaõ de Sá. Eſta frota devia ao meſmo tempo recondufir a Ormuz D. Joaõ d'Ataide, que tendo-ſe curado das cezoens, pelas quaes Barreto lhe tinha tirado o governo, tornou para acabar o ſeu tempo.

A monçaõ eſtando avançada, a frota foi tomada por huma grande tempeſtade que ſeparou os navios, dos quaes a maior parte ſe refugiou em diverſos Portos do Golpho de Cambaia, onde naõ foraõ inteiramente inuteis. Os Abixins continuavaõ em moleſtar a Cidade de Damaõ, e a tinhaõ obrigado a lhes abandonar a Ilha de Balzar, da qual tinhaõ arraſado a Fortaleza.

Porém Damaõ correo hum perigo muito maior por cauza d'hum inimigo muito mais poderoſo. Madre-Maluco, hum dos tutores do Rei, picado do ciume contra Ithimiticaõ, que eſtava de poſſe da peſſoa do Monarcha, tinha adiantado a ſua ambiçaõ até a querer detronar o ſeu Soberano. Eſtava rico de terras, e havia poucos ſenhores em eſtado de o igualarem. Antes de ſe declarar, quiz apoderar-ſe de Damaõ, que o ſeu competidor tinha cedido aos Portuguezes contra

o

Ann. de J. C. 1560.

D. Sebastiaõ Rei

D. Constantino de Bargança Vice-Rei.

o ſeu voto ; e depois da deixaçaõ que diſſo elle meſmo tinha feito , quando era o Senhor.

D. Diogo de Noronha , bem ſervido pelos ſeus eſpias a quem pagava muito bem , foi aviſado a tempo de todos os ſeus projectos ; e como elle ſe naõ julgava em eſtado de ſe conſervar contra eſta tempeſtade , concebeo o diſignio de a acautelar por arteficio. Era amigo de Cedemecaõ filho do famoſo Coje-Sofar , e cunhado de Madre-Maluco. Preparou logo todas as ſuas batarias para perſuadir a eſte : „ „ Que Madre-Maluco fazia todos eſtes „ preparativos que lhe viaõ fazer , pa„ ra o deſpojar de Surrate , de que „ era Senhor. Para lhe provar o que „ dizia elle lhe affirmava que Madre„ Maluco havia fingir querer Damaõ , „ paſſar por caſa d'elle , e pedir-lhe „ hum groſſo Baſaliſco , que tinha pa„ ra bater a praça ; porém que tanto „ que o alcançaſſe , o apontaria con„ tra Surrate meſmo , e o obrigaria a „ entregarlho. „ D. Diogo ſe ſervio para ſegurar eſte ardil d'hum Portuguez chamado Diogo Pereira , e d' hum Judeo chamado Coje-Abraham , ambos habeis , e amigos de Cedemecaõ. Era verdade que Madre-Maluco ti-

tinha tido o penſamento de ſe apoderar de Surrate, porém tinha ſido deſviado diſſo por ſua mulher, filha de Coje-Sofar, e irmá de Cedemecaõ.

Ann. de J. C. 1560.

D. SEBASTIAÕ REI

D. CONSTANTINO DE BARGANÇA VICE-REI.

Cedemecaõ meio convencido dos máos diſignios de ſeu cunhado, o vio vir com toda a deſconfiança, que tinhaõ querido inſpirar-lhe, e ſahio-lhe ao encontro com toda a diſſimulaçaõ poſſivel. Acabando de o convencer, o requerimento do Baſiliſco, afectou ainda mais encubrir as ſuas ſoſpeitas. Prometeo elle tudo, e convidou a cear Madre-Maluco, com os principaes Officiaes do ſeu exercito; o que aceitaraõ com muito goſto, porque como era o tempo do Ramadam, eſtavaõ ainda em jejum. Cedemecaõ ſe adiantou para fazer aprontar tudo. Chegando Madre-Maluco com os outros convidados, Cedemecaõ os recebeo em huma ſala bem paramentada, e lhes fez todas as demonſtraçoens poſſiveis d'amiſade, e de civilidade. Tendo os aſſim todos na ſua maõ, ſahio por huma porta, por algum pretexto, em quanto por outra fez entrar 200 peſſoas bem armadas, que naõ perdoando a nenhum dos que eſtavaõ na ſala, os degolaraõ. Logo no outro dia, e antes que a noticia tranſpi-

ANN. de J. C. 1561.

D. SEBASTIAÕ REI

D. CONSTANTINO DE BARGANÇA VICE-REI.

piraſſe, Cedemecaõ foi cahir ſobre as tropas de Madre-Maluco, as quaes vendo-ſe ſem Chefes, e apanhadas de repente, foraõ quaſi taõ depreſſa desfeitas, como aſſaltadas, e abandonaraõ ao perfido vencedor todos os theſouros, e todos os deſpojos do ſeu infelis cunhado.

Chinguiſ-Caõ filho de Madre-Maluco, mancebo que tinha todo o merecimento de ſeu pai, e o valor de Sofar ſeu avô, ſabendo eſta triſte noticia, naõ penſou logo ſe naõ na vingança, e ajuntando as ſuas tropas fugitivas, veio pôr cerco de fronte de Surrate. Apertado Cedemecaõ recorreo a Noronha, que o ſoccorreo com dez embarcaçoens, commandadas por Luiz Alveres de Tavora. Tinha eſte nas ſuas inſtrucçoens, que ſe devia comportar de modo que os ſitiantes, e os ſitiados julgaſſem que elle tinha vindo para os favorecer. O fingimento aproveitou, e nenhum d'elles teve lugar para penetrar a má fé de D. Diogo. Alucaõ hum dos tutores do moço Rei, logo com a primeira noticia da morte de Madre-Maluco, ſe tinha lançado ſobre as ſuas terras, e tinha tomado a Cidade de Veredora. Chinguiſ-Caõ obrigado a opporſe a eſta torren-

rente, fez paz com Cedemecaõ, e Luiz de Tavora voltou para Damaõ, onde achou D. Diogo de Noronha de cama pela molestia de que morreo, com a reputaçaõ d'hum dos melhores Officiaes que houve na India.

Ann. de J. C. 1561.

D. SEBASTIAÕ REI.

D. CONSTANTINO DE BARGANÇA VICE-REI.

Vencedor do seu novo inimigo Chinguis-Caõ voltou sobre Surrate com maiores forças, tendo unido ás suas tropas as de dois Principe Mogols, que se tinhaõ refugiado no Reino de Cambaia, e que alli faziaõ tambem a sua figura com os outros estrangeiros. Cedemecaõ recorreo de novo ao Vice-Rei das Indias, a quem offereceo entregar Surrate, que naõ podia guardar contra taõ poderozos inimigos como os que tinha á cara. D. Constantino alli enviou logo D. Antonio de Noronha com 14 navios, aos quaes se ajuntaraõ os de Sebastiaõ de Sá. Noronha, e Chinguis-caõ naõ dezejavaõ pelejar ambos, e queriaõ ficar amigos. Porém os Principes Mogols, que morriaõ de inveja de se medirem com os Portuguezes, travaraõ com elles huma acçaõ, de que estes levaraõ a vantagem. Noronha obrigou entaõ Cedeme-caõ a entregarlhe a Fortaleza conforme o ajuste, e Cedeme-caõ usou de demoras. Julgaraõ que elle o fazia de pensado, e que-

ANN. de J. C. 1561.

D. SEBASTIAÕ REI

D. CONSTANTINO DE BARGANÇA VICE-REI.

queria retratar a ſua palavra : porém na verdade naõ era elle o culpado , e correo riſco de ſer morto pela ſua guarniçaõ, que começava a ter d'elle ſuſpeitas. Noronha , e elle ſe viraõ ; e eſte encontro favoreceo as ſuſpeitas , e Cedemecaõ foi obrigado a ſahir ſecretamente de Surrate , e fugir , reſolveraõ com tudo de ſe defenderem bem , e pozeraõ na ſua frente Caracem cunhado de Cedeme-caõ. Noronha vendo que alli naõ tinha mais que fazer ſe retirou. D. Conſtantino diſgoſtozo de ter perdido eſta occaſiaõ, que elle nunca mais encontraria , de tomar Surrate, prendeo D. Antonio de Noronha, e o ſoltou depois quando foi mais bem informado, dando-lhe grandes ſatisfaçoens. Cedeme-caõ ſe ſalvou nas montanhas , e ſe retirou para á Corte de Cambaia, onde foi bem recebido e conſolado na ſua diſgraça : porém Chinguiſ-caõ que tinha ſempre ſobre o coraçaõ a morte de ſeu pai , obrigou dois apaniguados de Cedeme-caõ ao aſſacinarem ; o que foi feito. Chinguiſ-caõ , e Caracem ſe accomodaraõ depois , e eſte ultimo ficou Senhor de Surrate.

A piedade de D. Conſtantino , e a ſua devoçaõ com o Apoſtolo S.

Tho-

Thomé o levaraõ a fundar huma bela Igreja em Goa, á honra d'efte grande Santo. A obra fe adiantou muito: porém fendo efte Principe fubftituido por outro Vice-Rei, ficou por acabar. D. Conftantino naõ deixou de ter feus inimigos, que efcreveraõ á Corte contra elle, e quiferaõ envenenar até as fuas mais belas acçoens, porém o feu Governo foi hum dos mais prudentes, e hum dos melhores que alli houve. ElRei D. Sebaftiaõ lhe fez juftiça quando lhe quiz dar o Vice-Reinado das Indias á força, que elle naõ queria aceitar. E quando efte Rei tornou a enviar pela fegunda vez D. Luiz d'Ataide diffe: „ Ide governai como D. Conftantino. „

Ann. de J. C. 1560.

D. Sebastiaõ Rei.

D. Constantino de Bargança Vice-Rei.

1561. 1562.

D. Francifco Coutinho Conde de Redondo, que fuccedeo ao Principe D. Conftantino, era homem de qualidade, e merecimento bom para á guerra, e para á paz: porém conhecido, principalmente pelo feu humor jovial, e bons ditos. Empregou logo os feus cuidados em defpachar os navios de carga, nos quaes partiraõ D. Conftantino com Sebaftiaõ de Sá, D. Antonio de Noronha fobrinho do Vice-Rei D. Affonfo, e D. Antonio de Noronha Catarras. D. Antonio de Noro-

Ann. de J. C. 1561.

D. Sebastiaõ Rei

D. Constantino de Bargança Vice-Rei.

ronha filho do Vice-Rei D. Garcia tinha morrido Governador de Malaca, seu irmaõ D. Alvaro que tinha sido Governador d'O'muz, fazendo naufragio na Aguada de S. Bras com toda a sua familia, se afogou passando huma ribeira. Havia alli ainda outros dois do nome de D. Antonio de Noronha no mesmo tempo de que falarei depois. Julguei dever fazer aqui esta declaraçaõ, para evitar a confusaõ d'esta similhança de nomes.

O Conde Vice-Rei enviou depois sem cessar, duas pequenas frotas para o estreito de Meca, contra as galeras de Zafar. D. Francisco Mascarenhas, que commandava a primeira faltando a occasiaõ de as bater, voltou sobre a Costa do Malabar, onde crusou perto de 3 mezes com pouca felicidade. A segunda commandada por Jorge de Moura, naõ fez mais do que queimar hum navio d'Achem vindo do mar Roxo. Elle estava armado de 50 peças de bronze, e tinha 500 homens d'equipagem.

Damaõ se vio ainda exposto a novas inquietaçoens da parte dos Abixins. Cid-Meriam que os commandava veio apresentar-se de fronte da praça com oito centos cavallos, e mil ho-

homens de pé. Garcia Rodrigues de Tavora Governador da praça ſahio a encontralo. Pelejou-ſe bem de parte a parte. Hum Religioſo Dominico ſe diſtinguio muito em animar as tropas: já a victoria ſe declarava pelos Portuguezes, quando o General inimigo dezafiou para reto o Governador, que foi preciſo que o rogaſſem para aceitar o bilhete. Correraõ elles hum ſobre o outro com a lança enriſtada com garbo. O Abixim do primeiro golpe foi deitado fora dos arçoens, e Rodrigues cahio depois d'elle pela violencia do choque dos cavallos. Os dois Campioens ſe poſeraõ logo em pé, e brigaraõ como valeroſos muito tempo com igual vantagem. Hum ſoldado Portuguez acabou o combate traſpaſſando o Abixim com hum golpe de lança. Entaõ o inimigo ſe pôz em deſordem, deixando ſobre o campo da batalha muitos mortos, muitos preſioneiros, e muitos deſpojos.

ANN. de J. C. 1562.

D. SEBASTIAÕ REI

D. CONSTANTINO DE BARGANÇA VICE-REI.

Poſto que o Samorim fizeſſe logo a ſua paz, houveraõ ſempre novos motivos para renovar a guerra, pela facilidade que tinha de permitir aos Mouros armamentos, de que o faziaõ reſponſavel. O Conde que naõ tinha tido ainda alguma occaſiaõ de ſe moſtrar

Ann. de J. C. 1562.

D. Sebastiaõ Rei

D. Constantino de Bargança Vice-Rei.

trar, quiz fazer eſte Principe conſtante na paz, moſtrando-ſe d'hum modo que ſe fizeſſe temer. Pôz logo no mar huma armada de 4ↀ homens em mais de 140 embarcaçoens, que eſtavaõ com tudo mais preparadas, e mais ornadas para apparato d'huma feſta do que para darem huma batalha. Chegou com eſta pompa a Tiracol, onde o Samorim ſe achou peſſoalmente. A paz jurada de parte a parte, foi acompanhada d'hum beliſſimo prezente, que o Conde fez ao Samorim, já atemorizado pelo eſtrondo da artilheria. O Vice-Rei voltou para Cochim ſem fazer outra diligencia. Os valentes d'eſta armada pacifica, que o tinhaõ acompanhado, por falta d'outros inimigos ſe degolaraõ elles meſmos com dezafios, que ſe pozeraõ em moda, de ſorte que alli houve hum grande numero d'elles mortos.

O Samorim naõ ſe emendou com tudo em virtude d'huma paz que tinha feito hum pouco contra ſua vontade. Alguns Paráos Malabares de Calicut correraõ ſobre hum ſoccorro que o Vice-Rei enviou a Cananor. O Vice-Rei queixou-ſe d'iſto ao Samorim, o qual reſpondeo friamente „ Que elle „ naõ era reſponſavel das culpas que „ po-

„ podiaõ cometer alguns vaſſalos deſo-
„ bedientes; que os podiaõ apanhar,
„ e punir.„ O Vice-Rei pouco ſatiſfeito
com eſta reſpoſta, ſabendo ao meſmo
tempo que mais de 80 fuſtas Malaba-
res ſe diſpunhaõ a partir para o Reino
de Cambaia com paſſaporte Portuguez,
enviou Domingos de Meſquita para as
queimar: partio com tres embarcaçoens,
e 120 homens de equipagem. Com
iſto elle ſe conſervou na paragem de
Carapataõ, e tomou até 24 d'eſtas fuſ-
tas em diverſos tempos; por huma vez
duas, por outra tres, conforme ellas
ſe apreſentavaõ. Quando elle as to-
mava, fazia paſſar a gente para os
ſeus navios, metia as fuſtas á pique,
e matava os homens que tinha toma-
do, fazendo-lhe cortar a cabeça, ou
fazendo-os enforcar, ou tambem fazen-
do-os amortalhar nas velas das ſuas em-
barcaçoens, e deitar aſſim ao mar.
Acçaõ atroz, que renovou aos olhos
da Cidade de Cananor, o terrivel ex-
pectaculo, que lhe tinha dado n'outro
tempo Gonçalo Vaz de Goes, e que
teve ainda peores conſequencias, co-
mo direi. Com tudo em lugar de a
punir, o Vice-Rei eſcutou friamente
as queixas do Samorim, e tinha promp-
pta a meſma reſpoſta, que d'elle tinha

ANN. de J. C. 1562.

D. SEBASTIAÕ REI

D. CONSTANTINO DE BARGANÇA VICE-REI.

recebido, „ Que iſto eraõ vaſſallos „ deſobedientes, que os apanhaſſem, e „ os puniſſem ſe podeſſem. „

Ann. de J. C. 1564.

D. Sebastiaõ Rei

D. Constantino de Bargança Vice-Rei.

No tempo deſte Vice-Reinado, Eſtevaõ de Sá, conſtruhio hum forte em Amboine, cujo dominio tinha ſido cedido a ElRei de Portugal. Vaſco de Sá ſeu ſobrinho ſe portou alli mal. Excitou as armas dos Ilheos das Molucas, depois de ter armado os d'Amboine huns contra os outros. Os Portuguezes com tudo tomaraõ vantagens ſobre todos.

Na Ilha de Ceilaõ Madune depois de ter deſafiado os Portuguezes, o Rei de Coſta, e ſeu Pai Tribuli Pandar, de quem contámos o fim deſgraçado, tomou a ſua vantagem para lhe fazer depois guerra. Raju ſeu filho, que ſe moſtrou grande Capitaõ, desbaratou ſucceſivamente Affonſo Pereira de Lacerda, e D. Jorge de Menezes Baroche; e veio depois citiar Columbo, e Cota. E poſto que Balthaſar Guedes de Souza, lhe fizeſſe levantar hum, e outro cerco, os Portuguezes tiveraõ com tudo de que ſe inſtruir neſta occaziaõ, e aprender que crime he favorecer perfidos, dar-lhes a maõ, e a que perigo o crime d'hum particular empenhado no prejuizo da ſua conciencia,

e

e da sua obrigaçaõ, expoem toda a sua Naçaõ. Porque os Portuguezes estiveraõ entaõ no ponto de verem a ruina total d'hum Rei seu amigo, e seu alliado, e de serem expulsados elles mesmos da Ilha de Ceilaõ por hum Principe perfido, que tinhaõ poupado demaziadamente.

Ann. de J. C. 1564.

D. SEBASTIAÕ REI

O Vice-rei morreo no fim do 3 anno do seu Vice-reinado quasi de repente, sem ter tido occaziaõ de adquirir gloria; porém com a reputaçaõ de ter amado a justiça.

JOAÕ DE MENDONÇA GOVERNADOR.

Joaõ de Mendonça que vinha de acabar o seu tempo no Governo de Malaca, se achou nomeado para seu successor nas Cartas da Corte, e naõ teve o governo se naõ seis mezes. Hum novo Vice-Rei estava em caminho para succeder ao Conde do Redondo, que estava para acabar.

Os Embaixadores do Samorim chegaraõ quasi ao mesmo tempo, para se queixarem das crueldades de Mesquita. Mendonça lhes deo a resposta, que sabia que o Conde lhes tinha preparada; com o que ficaraõ atordidos, e naõ souberaõ o que dissessem, naõ ignorando o que o Samorim tinha respondido a similhantes queixas. Comtudo Mesquita tendo entrado entaõ no

Ann. de J. C. 1564.

D. Sebastiaõ Rei

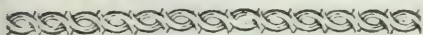
Joaõ de Mendonça Governador.

porto, Mendonça o fez prender, o que satisfez hum pouco a estes Embaixadores: porém tanto que elles partiraõ, elle o pôz em liberdade, e o galanteou muito, como se elle o tivesse merecido bem.

Mendonça tinha hum merecimento superior á sua presença, que era pouco vantajoza. Teve postos consideraveis nas Indias, onde podia enriquecer-se; comtudo sahio pobre, e o seria ainda muito mais, se alli se demorasse mais longo tempo. Isto só forma o seu elogio.

*Fim do decimo terceiro Livro.*

HIS-

# HISTORIA
## DOS
## DESCOBRIMENTOS,
## E CONQUISTAS
## DOS
## PORTUGUEZES,
## NO NOVO MUNDO.

## LIVRO XIV.

Barbara expediçaõ que tinha feito Mesquita sobre a Costa do Malabar sendo alli conhecido pelos signaes funestos da sua brutal crueldade, e pelos cadaveres que o mar vomitou sobre as suas praias, alli causou huma indignaçaõ, e hum odio contra os Portuguezes, taõ forte, que naõ podiaõ pensar n'elle sem horror. Huma mulher de Cananor

Ann. de J. C. 1564.

D. SEBASTIAÕ REI

D. ANTAÕ DE NORONHA VICE-REI.

Ann. de J. C. 1564.

D. SEBASTIAÕ REI

D. ANTAÕ DE NORONHA VICE-REI.

nor, cujo marido, rico e poderoſo ſe tinha achado aſſacinado, tranſportou-ſe tanto com iſto, que correndo as ruas toda deſgrenhada, falando mais pelas ſuas lagrimas, e ſignaes da ſua ira, que pelos ſeus diſcurſos, truncados por ſuſpiros, ella moveo toda a Cidade, ja bem diſpoſta a entrar nas ſuas juſtas vinganças. Seguida de infinita gente, corre ao palacio do Rei para lhe requerer juſtiça; e deſde entaõ como a hum toque de ſino, todo o povo ſe pôz em armas, corre á Fortaleza, tomado d' huma eſpecie de furor limphatico, e naõ podendo arrombar as muralhas, dezafogou a ſua colera deitando fogo a mais de trinta embarcaçóes, que eſtavaõ debaixo da artilharia do forte.

Tal era a diſpoſiçaõ dos animos, e a ſituaçaõ das couzas, quando chegou D. Antonio de Noronha, que a Corte enviou por Vice-rei para ſubſtituir D. Franciſco Coutinho que achou morto, de ſorte que tomou o Governo das maõs de Mendonça, a quem tratou com todos os reſpeitos, e civilidades. Eſte D. Antonio he o que tinha ſido duas vezes Governador d'Ormus. Era filho natural de D. Joaõ de Noronha, irmaõ do Vice-Rei D. Affonſo. Os Autores o chamaõ commumente D.

An-

Antaõ, para o deſtinguirem do numero dos outros que tinhaõ o nome d' Antonio.

Ann. de J. C. 1564.

Mendonça tinha ja enviado alguns ſoccorros a Cananor, á primeira noticia do motim que ſe tinha feito. Andre de Souſa alli conduzio ſeis embarcaçoens carregadas d'armas, e de muniçoens. Porém eſte ſoccorro ſendo muito fraco, D. Antaõ lhe enviou hum mais conſideravel. D. Antonio de Noronha devia commandar as tropas de dezembarque, em quanto Gonçalo Pereira Marramaque guardava o mar, e commandava a frota. Os Barbaros poſſuiaõ o campo, e eſtavaõ ſoberbos com o ſeu numero, que em pouco tempo chegou a perto de 90ꝏ homens. André de Souſa defendeo bem o terreno até á ſua morte, a qual aconteceo pouco depois. D. Antonio de Noronha naõ o defendeo peor; de ſorte que em muito poucos dias os inimigos perderaõ dez mil homens, e lhe fizeraõ hum tal eſtrago, que cortaraõ ou queimaraõ perto de 40ꝏ palmeiras. Perda irreparavel para os pobres Indios deſtes contornos, que naõ tirando o ſeu ſuſtento ſe naõ do arros, e das palmeiras, deviaõ ſentir muito eſta perda. E a eſte reſpeito eu direi o que contaõ

D. SEBASTIAÕ REI

D. ANTAÕ DE NORONHA VICE-REI.

do

Ann. de J. C. 1564.

D. Sebastiaõ Rei

D. Antaõ de Noronha Vice-Rei.

do Vice-Rei D. Joaõ de Caſtro, que tinha o coſtume de dizer quando via cortar huma palmeira, „ Que era o „ meſmo, que ſe mataſſem hum In-„ dio. „

Como as hoſtilidades naõ faziaõ mais do que accender o dezejo da vingança, os inimigos ſempre cheios de confiança ſobre o ſeu grande numero, reſolveraõ dar hum aſſalto aos entrincheiramentos da povoaçaõ. D. Paio de Noronha foi d'iſto aviſado por hum Naire da Corte, que ſendo amigo da Fortaleza ſervio ſempre bem, e era bem inſtruido. Os que quiſeraõ retirar-ſe para á Fortaleza, ſe retiraraõ; porém D. Antonio de Noronha quiz ficar na povoaçaõ com as ſuas tropas: ſe era iſto ſabedoria, ou ciúme do governo, eu naõ o direi. O que quer que foſſe, deſde o principio do dia os Indios tendo na ſua frente o Ada-Raia deraõ o aſſalto ás trincheiras, e alli entraraõ perto de 2ↀ. Os Portuguezes preparando-ſe para o combate pelos Sacramentos, ſuſtentaraõ o esforço dos inimigos com muito valor nos differentes quarteis para onde ſe eſpalharaõ. D. Antonio de Noronha, Manoel Travaſſos, os dois irmaõs Betancourts, Thomé de Souſa Coutinho

e

e Gaſpar de Brito, ſe deſtinguiraõ cada hum no ſeu. Dois Muſſas, ou Cacizes procuraraõ animar o valor dos ſeus que afrouxava: dois Religioſos de S. Franciſco fizeraõ o meſmo da ſua parte. Em fim durando o combate todo o dia, o inimigo ſe retirou, deixando no campo 5ↀ mortos. Os Portuguezes victorioſos com pouco cuſto, ſe retiraraõ com tudo para á Fortaleza, onde deraõ graças a Deos da ſua victoria.

Ann. de J. C. 1565.

D. SEBASTIAÕ REI.

D. ANTAÕ DE NORONHA VICE-REI.

Gonçalo Pereira Marramaque chegou por entaõ com a ſua frota conduſindo Alvaro Peres de Sotomayor, que vinha ſubſtituir D. Paio de Noronha. Ambos continuaraõ a guerra, e queimaraõ todo o bairro do Ada-Raia, onde cortaraõ tambem hum boſque de Palmeiras.

O Vice-Rei tinha penſado em reforçar de novo os ſoccorros enviados a Cananor, e tinha deſpachado Paulo de Lima Pereira com quatro navios. Lima tinha já feito belas acçoens quando cruſou ſobre a Coſta do Malabar, e depois fez maiores. Porém neſta occaſiaõ, ainda que adquirio huma grande gloria, naõ pôde executar a ſua commiſſiaõ. Porque encontrando hum Armador Malabar, que tinha corrido

a

Ann. de J. C. 1565.

D. Sebastiaõ Rei

D. Antaõ de Noronha Vide-Rei.

a Costa do Norte com sete paráos, onde tinha feito grossas presas, teve com elle trabalho. Dois d'estes Capitaens da esquadra de Lima fugiraõ felismente. Bento Caldeira, commandava a terceira embarcaçaõ a qual foi queimada, e a pique. Lima depois de sofrer muito tempo o esforço de tres paráos os vio todos sete unidos contra si. O combate durou mnito tempo com menos perda para elle, que para os inimigos. Com tudo perdeo muitos dos seus, e recebeo quatro feridas. Neste estado, longe de perder o animo, animou tanto os seus, assim á força das suas exortaçoens, como á força de espalhar dinheiro, que tornando ao posto, os inimigos abalados da sua firmesa, fugiraõ, e o deixaraõ em liberdade. Porém naõ estando em figura d'hir a Cananor tornou para Goa. D. Pedro de Sá e Menezes foi mais felis; porque encontrando outro armador, que crusava para ás Maldivas com dezasete paráos lhe tomou 5, e entre elles o do Armador, que foi morto no combate, e desbaratou o resto.

A guerra de Cananor depois de durar dois annos sem algum successo consideravel, naõ tendo mesmo os inimi-

Ann. de J. C. 1566.

D. Sebastiaõ Rei

D. Antaõ de Noronha Vice-Rei.

migos feito cerco formal, foi em fim terminada, ou suspensa pelo requerimento que o Rei fez da paz, obrigado a isto, e a acceitar as condiçoens que lhe quiseraõ prescrever, pelas destruiçoens que Gonçalo Pereira fez geralmente sobre a Costa.

Fazia-se a guerra na Ilha de Ceilaõ, com mais arte, e continuaçaõ, posto que com motivos menos justos. Raia filho de Madune com hum poderoso exercito mostrou querer sitiar Columbo, e veio acamparse entre esta Cidade, e a de Cota, á qual mostrou depois prender-se. Quando desviou toda a attençaõ dos Portuguezes d'aquella parte, se avançou de noite para Columbo, onde plantou escalada. Diogo de Ataide, que alli commandava susteve dois assaltos com muito vigor. Apparecendo o dia, vendo Raja que o seu tiro lhe errara, voltou para o seu campo, depois de perder nestes assaltos perto de 500. homens. Esperou ser mais feliz em Cota, e fez logo trabalhar em desviar as agoas, em que consistia toda a força da praça. D. Pedro d'Ataide, que commandava em Cota, impedio o effeito d'este trabalho com a sua mosquetaria, matou mais de 300 pioens, e obrigou

Ann. de J. C. 1566.

D. Sebastiaõ Rei

D. Antaõ de Noronha Vice-Rei.

gou os outros a deixarem a patria. Jorge de Mello Governador da Ilha de Manar, pensou em sacudir os sitiados, obrigando o Rei de Candé a fazer huma diversaõ. Este Principe a fez, e destruhio as terras de Madune. Raju naõ se mudou, e continuou o cerco esperando tomar a praça, pelas suas intelligencias, ou pela fome, que já se fazia sentir. D. Pedro d'Ataide descobrio os Autores da conspiraçaõ, na qual entravaõ alguns Portuguezes, que trouxe para ás suas obrigaçoens com a sua doçura. Naõ era taõ facil de achar hum remedio para á fome, que apertava cada vez mais.

Raju naõ quiz com tudo esperar o effeito, e se determinou a escalar a praça em huma noite. O seu disignio foi penetrado: a mulher d'um Chingules veio dar d'isto aviso á praça, onde tinha hum amante. D. Pedro despachou D. Diogo de Ataide a Columbo, para lhe dar aviso do disignio de Raju, e advirtir-lhe que se pozesse em marcha para attacar o campo inimigo tanto que ouvisse o estrondo da artilheria. Raju plantou a escalada tanto que entrou a noite, como tinha projectado. Achou em toda a parte huma resistencia que naõ espe-

pe-

perava. Naõ deixou com tudo de entrar na praça por duas partes; porém o Rei de Cota, e D. Pedro recorrendo a hum dos postos, e Estevaõ Gonçalves ao outro, tornaraõ a ganhar o que se tinha perdido.

Ann. de J. C. 1566.

D. SEBASTIAÕ REI

D. ANTAÕ DE NORONHA VICE-REI.

D. Diogo d'Ataide, a quem se tinha unido Jorge de Mello Governador da Fortaleza da Ilha de Manar com cem homens, se achou no lugar ajustado á hora dada, porém naõ fizeraõ outra coisa mais que lançar fogo ao campo inimigo, e retirarse muito depresa para Columbo, com medo de que a praça naõ ficasse sem defensa. Raju tanto que amanheceo levantou o cerco, e se retirou para Ceitavaca D. Pedro temendo que elle voltasse, fez procurar entre os inimigos mortos até 400. dos mais gordos, que fez salgar como hum remedio contra a fome. O Guardiaõ dos Franciscanos lhe quiz fazer escrupulo, por ser huma carne, que elle pretendia ser prohibida pela nossa Religiaõ. D. Pedro pretendeo justificala pela necessidade que naõ tem lei; porém ella naõ foi necessaria. Raju naõ tornou. Cota por consentimento do Rei foi desmantelada, e este Principe tornou para Columbo, onde teve huma guerra

ANN. de J. C. 1566.

D. SEBASTIAÕ REI

D. ANTAÕ DE NORONHA VICE-REI.

ra mais terrivel a ſuſtentar pela inſaciavel cubiça dos Portuguezes que alli governavaõ, do que a que lhe tinha feito o inimigo.

A fortuna apreſentou entaõ a eſte pobre Principe huma eſpecie de relampago que lhe fez eſperar poder ſacudir o jugo em que gemia, e por huma deſtas eſtravagancias que produzem communmente o Paganiſmo, e a ſuperſtiçaõ. Os Agoureiros do Rei de Pegu lhe tinhaõ perſuadido que a ſua fortuna dependia de que cazaſſe com huma filha do Rei de Cota. Naõ balançeou em enviar por taõ fracos fundamentos ſeus Embaixadores para a fazer pedir. O Rei do Pegu era entaõ hum dos mais poderozos Principes do Oriente, naõ ſómente pela riqueza, e a extençaõ dos ſeus Eſtados; mas tambem pelas victorias que tinha ganhado ao Rei de Siaõ na celebre guerra, que tiveraõ a reſpeito d'hum Elephante branco, que eſte ultimo poſſuhia. Naõ podia acontecer coiſa mais agradavel ao Rei de Cota, que era hum Monarcha muito pequeno em comparaçaõ do outro, que huma tal aliança. Porém elle naõ tinha filha. A iſto naõ achava elle outro remedio ſe naõ perfilhar huma, que era do ſeu

Ca-

Ann. de J. C. 1567.

D. SEBASTIAÕ REI.

D. ANTAÕ DE NORONHA VICE-REI.

Camareiro mór. E para fazer o prefente mais agradavel, o acompanhou com outra falfidade, que foi hum dente fupofto, fimilhante ao que o Vice-Rei D. Conftantino tinha tomado no thefouro de Jafanapatam, e que tinha redufido em pó. O Rei do Pegu recebeo a fua efpofa, e o prezente do dente, com huma fatisfaçaõ extraordinaria. Porém o ciume naõ deixou por muito tempo o Rei de Cota gozar do fructo do feu engano. O Rei de Candé feu inimigo defcobrio a fuppoziçaõ da filha, e do dente, offerecendo da fua parte huma das fuas filhas, e outro dente, que naõ era menos falfo que o primeiro. Mas ou porque o Rei de Pegu eftiveffe contente com á fua efpofa, ou que julgaffe indecorofo moftrar que fora enganado, confervou o que tinha feito. O Rei de Cota com tudo naõ tirou d'ifto as vantagens que efperava, e ficou fempre á mercê dos Portuguezes.

A Rainha d'Olala, ou de Mangalor naõ eftava ainda de todo manfa Confultando menos as fuas forças, que o feu odio, motivado pelos eftragos que lhe tinhaõ feito, penfava tambem a efcoar-fe a huma obediencia violenta. O Vice-Rei refolveo por-lhe hum

Ann. de J. C. 1567.

D. SEBASTIAÕ REI

D. ANTAÕ DE NORONHA VICE-REI.

hum freio edificando huma Fortaleza na ſua Cidade. Enviou-lhe logo D. Franciſco Maſcarenhas com 27 embarcaçoens pequenas, e o ſeguio pouco depois com 7 galeras, dois galioens, 5 fuſtas, e 3000 homens de deſembarque.

A Cidade de Mangalor eſtava ſituada muito perto do mar, ſobre huma ponta que formavaõ os dois braços d'hum pequeno rio. Hum muro tirado d'hum braço ao outro fazia toda a ſua defeſa. Os Portuguezes ſaltando em terra ſem obſtaculo, ſe acampaparaõ muito perto da Cidade com eſta confiança, que ſendo o principio de toda a injuſtiça para com hum inimigo que deſprezavaõ, degenera tambem algumas vezes em huma preſumpçaõ temeraria, e funeſta. Naõ ſómente naõ tomaraõ cautela para ſe alojarem; porém accendendo por toda a parte grandes fogos, pozeraõ-ſe nos termos de paſſarem huma parte da noite em comer, e beber, e a jugar. Se os inimigos tomaraõ iſto como hum inſulto, como deviaõ, elles ſe vingaraõ bem logo por huma ſortida de 2000 homens, feita tanto a tempo, que cahiraõ ſobre os Portuguezes antes que elles o percebeſſem. O bairro de D.

Fran-

Francisco Mascarenhas, que commandava a vanguarda foi o mais mal tratado. A obscuridade da noite favorecia os agressores, e o primeiro susto dos Portuguezes fez com que elles se prejudicassem muito a si mesmos, e que morressem muitos pelas suas proprias armas. Mathias d'Albuquerque alli recebeo muito grandes feridas, que ficou como morto, e escapou por huma especie de milagre. A Providencia o reservou para maiores coisas, porque foi este hum grande homem que depois se distinguio muito.

Ann. de J. C. 1568.

D. SEBASTIAÕ REI

D. ANTAÕ DE NORONHA VICE-REI.

Esta pequena infelicidade naõ impedio que a Cidade fosse tomada no outro dia vespera de Reis, e naõ fez mais que dar aos Portuguezes maior ardor no attaque. O dezejo de se vingar, e de apagar a sua injuria, lhes servio como d'aguilhaõ para expertarem o seu valor. A Rainha se salvou nos montes, e o Vice-Rei Senhor do terreno, nelle lançou os fundamentos a huma Fortaleza, a quem deo o nome de S. Sebastiaõ, assim por ser este o nome d'El-Rei de Portugal: como porque a primeira pedra foi lançada no dia que a Igreja celebra a festa d'este grande Santo. A nova Fortaleza foi posta em estado

Ann. de J. C. 1568.

D. Sebastiaõ Rei

de defenſa perto do meado de Março. O Vice-Rei deixando n'ella para governar a D. Antonio Pereira ſeu cunhado, com 300 homens, e proviſoens para ſeis mezes, voltou para Goa, onde outros negocios pediaõ a ſua preſença.

D. Antaõ de Noronha Vice-Rei.

Malaca ſoſtentou hum novo, cerco no Vice-Reinado de D. Antaõ. O Rei d'Achem ſe tinha ido alli apreſentar, conduzindo com ſigo as ſuas mulheres, e os ſeus filhos, como hum homem que preſumia de a tomar ſeguramente. D. Leonis Pereira fazia huma feſta fora dos muros em honra do nacimento d'ElRei D. Sebaſtiaõ, quando a frota dos Acheneſes appareceo. Só D. Leonis ſe naõ perturbou nada: continuou o ſeu jogo de canas, e antes ſe aproximou hum pouco mais á praia, como para dar a entender ao inimigo, que o temia pouco. As ſuas forças eraõ com tudo formidaveis. Eſta confiança do Governador foi hum felis preſagio da victoria. Com effeito o Rei d'Achem depois de diverſos attaques, em que elle ſempre ficou de baixo, foi obrigado a abandonar a empreſa antes da chegada do ſoccorro, que o Vice-Rei enviou das Indias, e da vinda das tropas que o

Rei

Rei d'Viantana, alliado por entaõ dos Portuguezes, condusia pessoalmente. O Rei d'Achem perdeo neste cerco 40 homens, e o Princepe seu filho que elle tinha provido no Reino d'Auru.

Ann. de J. C. 1568.

D. SEBASTIAÕ REI

D. ANTAÕ DE NORONHA VICE-REI.

Os Indios Idolatras da Ilha de Salsette, onde a fé fazia grandes progressos, tinhaõ entrado a molestar os novos Christaõs, e demoliraõ algumas das suas Igrejas. Hum tal atrevimento inflammou o zelo dos Portuguezes, e principalmente do Vice-Rei, que era cheio de piedade, e dava hum grande favor a tudo o que pertencia á Religiaõ. Enviou finalmente tropas para á Ilha, onde destruiraõ todos os monumentos da Gentilidade, e arruinaraõ mais de 200 Pagodes.

Foi esta huma das ultimas cousas que se fizeraõ no Vice-Reinado de D. Antaõ de Noronha, o successor do qual chegou no mez d'Outubro d'este mesmo anno. Entregando-lhe Noronha o Governo na forma ordinaria, se embarcou para Portugal, onde naõ chegou, pela morte lhe atalhar o caminho. Tinha servido bem nas Indias, e tinha adquirido honra em todos os empregos que alli teve, e se tinha principalmente distinguido pelo seu grande desenteresse.

ANN. de J. C. 1568.

D. SEBASTIAÕ REI

D. LUIZ DE ATAIDE CONDE DE ATOUGUIA VICE-REI.

D. Luiz d'Ataide Conde d'Atouguia foi o ſucceſſor de Noronha, e o primeiro Vice-Rei que enviou D. Sebaſtiaõ, fora já do poder dos ſeus tutores. Era eſte hum homem de merecimento, e tal como o requeriaõ as circunſtancias do tempo para a ſalvaçaõ da ſua Naçaõ. Era ja bem conhecido nas Indias, onde tinha ſervido com tres Vice-Reis, ou Governadores. Tinha-ſe diſtinguido em Affrica, porém principalmente em Alemanha na guerra que o Imperador Carlos V. fez aos Lutheranos confederados. Enviado por Embaixador a eſte Principe, e chegando pouco antes da batalha em que o Duque de Saxe foi desfeito, e ficou preſioneiro, elle quiz abſolutamente ter parte neſta acçaõ. O Imperador lhe fez prezente d'hum beliſſimo cavallo, e das ſuas armas, que elle empregou muito bem neſta jornada, ſalvando a Aguia Imperial. O Imperador para recompençar o ſeu valor, o quiz armar Cavalleiro com a ſua maõ; porém elle recuſou éſta honra, e cauſou ciúme a eſte Principe, diſendo-lhe que tinha ſido armado Cavalleiro no monte Sinai por D. Eſtevaõ da Gama, o que eſte Principe naõ pôde deixar de lhe invejar para

ſi

si mesmo, assim como já notei em seu lugar.

Ann. de J. C. 1568.

D. SEBASTIAÓ REI.

D. LUIZ DE ATAIDE CONDE DE ATOUGUIA VICE-REI.

Os Autores Portuguezes respeitaó D. Luiz d'Ataide como o restaurador da sua Naçaó nas Indias, e o comparaó a Noé, ou a Deuccaliaó depois do diluvio, o que pode ser verdade; porque no seu tempo carregaraó grandes negocios sobre os seus hombros, e porque as coisas foraó redusidas a huma tal situaçaó, que outro qualquer, a naó ser elle, ficaria talvez submetido, e sem elle os Portuguezes teriaó chegado ao momento da sua total ruina.

A Monarchia Portugueza, muito pequena para sustentar tantas conquistas, e prover no mesmo tempo em tantos lugares, e precizoens differentes, se cançava por si mesma, e ficava abatida pelo seu proprio pezo. O fim do Vice-Reinado de D. Constantino he considerado como a epoca em que naó havia já nenhum dos primeiros Conquistadores, que tinhaó servido com os Almeidas, e os Albuquerques. A maior parte dos Portuguezes do serviço tinhaó nacido na India. Conhecia-se já huma grande differença entre aquelles, e o pequeno numero dos que vinhaó do Reino. A abundancia, e as riquesas tinhaó engoi-

ANN. de J. C. 1568.

D. SEBASTIAÕ REI

D. LUIZ DE ATAIDE CONDE DE ATOUGUIA VICE-REI.

golfado os primeiros em hum fausto, e em hum luxo, que juntos com a doçura do clima, os tinhaõ inteiramente enfraquecido. Pelo contrario os seus inimigos fortalecidos pelo concurso de muitas Naçoens beliciosas, estavaõ guerreiros, e animosos pela guerra, que os Portuguezes lhes tinhaõ feito, e tinhaõ tirado forças das suas proprias perdas. Sem embargo disto, como estes conservaraõ sempre huma muito grande superioridade á sombra das suas victorias passadas, e de algumas mediocres vantagens presentes, havia sempre entre elles indiscretos, e pouco prudentes, que continuaraõ a irritar as Naçoens Indias, e pelo jugo odioso que elles agravavaõ sobre os seus amigos, e sobre os seus alliados, e pelas vinganças excessivas que exercitavaõ com aquelles que lhes faziaõ alguma resistencia, principalmente quando sentiaõ que estes inimigos naõ eraõ capazes de lhes resistir muito tempo.

O Negocio de Calicut tinha sido desta natureza. Odioso para os Portuguezes que o tinhaõ movido, tinha redundado em seu proveito, porque este Estado muito pequeno para lutar com forças superiores ás suas, naõ tinha

Ann. de J. C. 1568.

D. SEBASTIAÕ REI.

D. LUIZ DE ATAIDE CONDE DE ATOUGUIA VICE-REI.

nha conseguido mais que novas infelicidades, emprehendendo sustentar a justiça da sua causa. Porém o odio desta guerra, fazendo impressaõ em toda a parte onde foi levado, os maiores Principes do Indostam se ligaraõ, para protegerem a causa dos fracos, que consideraraõ como causa commua.

Antes de hir relatar hum successo que pôz a Naçaõ Portugueza proxima a perder-se nas Indias, e que foi tambem o ultimo esforço do seu valor, ou do juizo do General que a commandava, nos he precizo remontar a tempos superiores, e repetir as couzas hum pouco mais de longe.

A guerra que tinhaõ tido entre si antigamente os Reis de Decaõ, e de Narsinga, dois dos mais poderosos Princepes do Indostam, ficou como suspensa, ou amortecida pela divisaõ que se fez no primeiro d'estes dois Estados; o que aconteceo pouco antes do tempo da chegada dos Portuguezes ás Indias. Os Senhores particulares desmembrando este Reino em muitos pedaços, assim como já disse, estes Senhores se combateraõ muito tempo. Em fim estando redusidos só a tres principaes, estes 3 Principes se reuniraõ. Eraõ estes o Idalcaõ, Nisamaluco,

e

ANN. de J. C. 1568.

D. SEBASTIAÕ REI

D. LUIZ DE ATAIDE CONDE DE ATOUGUIA VICE-REI.

e Cotamaluco, que ſe concertaraõ depois para entrarem no Reino de Narſinga, como fizeraõ com huma felicidade muito maior do que podiaõ eſperar. Conta-ſe que o ſeu exercito era de 50ȸ cavalos, trezentos mil Infantes, com hum numero prodigioſo d'Elephantes, e de peças d'artilheria. Chriſtna-Raia Rei de Narſinga de idade de 96 annos, porém robuſto ainda, e cheio de valor, ſe pôz em campo com hum exercito ainda ſuperior em numero, e veio ſahir-lhes ao encontro. Tinha-os ja reduzido a hum triſte eſtado, quando a ſorte das armas, que he jornaleira, lhe arrebatou todas as ſuas vantagens em huma batalha deciſiva: onde perdeo o Reino com a vida, ſinco mezes depois os Princepes ligados ſe fizeraõ ſenhores de Biſnaga Capital do Reino. E poſto que os vaſſalos do Rei vencido d'alli tiveſſem tirado todo o theſouro das ſuas pedras preciozas, que querem que foſſe mais rico, que os de todos os Reis da India juntos, e mil e quinhentos Elephantes carregados d'Ouro, e de effeitos preciozos, os vencedores acharaõ ainda no ſaque d'eſta praça, riqueſas immenſas. Com iſto o Reino de Narſinga ficou taõ abatido que nenhum

nhum dos ſobrinhos do Rei defunto, que repartiraõ os ſeus Eſtados, ouſou tomar o titulo de Rei; e aquelle que as ſuas terras ſe acharaõ mais viſinhas ao Idalcaõ, foi obrigado a fazer-ſe ſeu tributario.

Ann. de J. C. 1568.

D. SEBASTIAÕ REI

D. LUIZ DE ATAIDE CONDE DE ATOUGUIA VICE-REI.

Soberbos com eſtes progreſſos, e com a felicidade da ſua uniaõ, o Idalcaõ, e Niſamaluco ſe concertaraõ tambem, para voltarem as ſuas armas contra os Portuguezes, dos quaes naõ podiaõ ſofrer já as altivezas, e crueldades. E como tinhaõ poucos portos, determinaraõ fazer entrar na ſua liga o Samorim, que tinha ſempre á maõ huma quantidade de frotas, e de armadores. „ A guerra devia fazer-ſe „ até a deſtruiçaõ inteira dos ſeus ini- „ migos. Cada hum dos Reis allia- „ dos devia fazer a guerra em peſſoa, „ e entrar ao meſmo tempo em cam- „ panha com todas as ſuas forças. Ti- „ nhaõ repartido entre ſi as ſuas con- „ quiſtas futuras. A Ilha de Goa, Onor, „ Bracalor, e as terras viſinhas deviaõ „ pertencer ao Idalcaõ. Chaul, Damaõ, „ e Baçaim a Nizamaluco. Cananor, „ Mangalor, Challe, e Cochim ao „ Samorim. Nizamaluco devia come- „ çar pelo cerco de Chaul. O Idal- „ caõ pelo de Goa. O Samorim pe-

„ lo

Ann. de J. C. 1568.

D. Sebastiaõ Rei

D. Luiz de Ataide Conde de Atouguia Vice-Rei.

„ lo de Challe, e devia além d'isto „ meterse ao mar com as suas armadas. „ E para que o Vice-Rei naõ soubesse aonde acudisse, e fosse embaraçado pela divisaõ, que devia fazer das „ suas tropas, tinhaõ feito entrar na „ liga o Rei d'Achem, que devia sitiar Malaca, e haviaõ solicitar o „ Gram-Senhor para fazer diversaõ da „ parte do Golpho Persico do Reino de Cambaia. Em fim nenhum „ dos Principes alliados devia retirarse da liga, para fazer o seu tratado á parte, e deviaõ tomar 5 annos antes para fazerem os preparativos d'esta guerra, cujo projecto „ em todo aquelle tempo, devia conservar-se muito secreto. „

Havia perto de 4 annos que este tratado estava concluido, e que os preparativos se faziaõ alli com todo o segredo ajustado, quando D. Luiz d' Ataide chegou ás Indias, de sorte que ainda naõ tinha bem comprido hum anno quando arrebentou a conjuraçaõ. Este tempo lhe era necessario para restabelecer os negocios, que estavaõ em muita desordem. A fortuna lhe apresentou com isto novas conjuncturas, que o obrigaraõ a fazer preparativos, os quaes naõ tendo servido

do para os grandes projectos que elle meditava, ferviraó infinitamente para a neceffidade a que fe achou redufido.

Ann. de J. C. 1568.

D. Sebastiaõ Rei

D. Luiz de Ataide Conde de Atouguia Vice-Rej.

Para perceber bem o feguimento de todas eftas coifas, nos he precifo tornar tambem ao Reino de Cambaia, que tinha tomado huma nova face, e onde fe tinhaõ feito grandes mudanças

Chinguifcaõ depois do affacinio cometido na peffoa de Cedemecaõ feu tio, fe tinha feito taõ poderofo no Reino, qne afpirava abertamente a pôr a Coroa na fua cabeça. Desbaratou logo os dois Governadores Abixins, Alurcaõ, e Jufarcaõ, que na frente de fete, ou oito mil homens, formavaõ hum Eftado independente, e fe aproveitavaõ das divifoens, pondo-fe da parte do mais forte, ou do mais fraco, conforme o que melhor convinha aos feus entereffes. Chinguifcaõ voltando depois as fuas armas victoriofas contra Itimiticaõ, que eftava Senhor da peffoa do Soberano, o redufio a acceitar huma batalha, e o deftruhio inteiramente. Itimiticaõ era hum Indio, nafcido de parentes Idolatras, homem de fortuna, que fe tinha feito conhecer no tempo de Sultaõ Badur, o qual mais politico, que valente, tinha fempre de tal modo condu-

fi

Ann. de J. C. 1568.

D. Sebastiaõ Rei

D. Luiz de Ataide Conde de Atouguia Vice-Rei.

ſido os ſeus negocios, que tinha chegado aos primeiros poſtos no reinado de Mahmud, ſucceſſor de Badur, até entaõ, que depois da morte d'eſte, venceo as preferencias para á Regencia, e chegou em fim a fazer-ſe Senhor da peſſoa do moço Monarcha. Tendo aſſim tomada a auctoridade ſobre os ſeus competidores, ſoube de modo embaraçar huns com os outros, que os pôz a todos no ponto de ſe deſtruirem mutuamente, e conſeguio iſto por diverſos meios, ſempre de modo que naõ apparecia niſto, ſe naõ pelo zelo que moſtrava tomar nos ſeus intereſſes.

A reputaçaõ em que eſtava Itimiticaõ d'homem de juizo, naõ ſervio pouco para o conſervar no ſeu poſto, porém os ciumes da Corte tendo-o attacado, meteraõ tantas ſuſpeitas no eſpirito do moço Rei, que eſte Principe reſolveo desfazer-ſe d'elle, e o teria conſeguido, ſe elle o naõ tiveſſe acautelado, fazendo-o cahir em hum laço no qual eſte Principe foi morto. O Reino de Cambaia achando-ſe entaõ ſem Senhor, todos os pequenos Tyranos que alli ſe tinhaõ eſtabelecido, começaraõ a levantar mais a cabeça, e largaraõ a redea á ſua

am-

Ann. de J. C. 1568.

D. SEBASTIAŌ REI

D. LUIZ DE ATAIDE CONDE DE ATOUGUIA VICE-REI.

ambiçaō. Itimiticaō era tambem o mais poderoſo, e conſervava huma grande ſuperioridade, até que experimentando do meſmo modo as diſgraças da fortuna, foi desbaratado por Chinguiſcaō. Porém ainda entaō elle naō ſe perdeo, e recorreo aos ſeus artificios ordinarios. Fez ſemblante de querer ſubmeter-ſe ao vencedor, e obrigou os dois Generaes Abixins a fazer o meſmo. Chinguiſcaō da ſua parte fingio approvar huma conciliaçaō, que parecia muito bem conduſir para á ſua proſperidade. Com tudo como a má fé era o principio de todos os movimentos d'huma parte, e d'outra, com as apparencias da mais bela reuniaō, armaraō mutuamente laços. Chinguiſcaō tinha dado ordens ſecretas para fazer matar os Generaes Abixins na Cidade d'Amadaba, Capital do Reino de Cambaia, em huma feſta que devia alli fazer-ſe, e para onde ſe tinhaō convidado. Itimiticaō, e os dois Generaes eſperando alguma coiſa ſimilhante da parte de Chinguiſ-caō, determinaraō tambem faze-lo matar no caminho. Chinguiſ-caō que ſe avançava para Amadaba, fazendo conta com o ſucceſſo da ſua traiçaō, foi tomado pela dos outros, e aſſacina-

ANN. de J. C. 1568.

D. SEBASTIAÕ REI

D. LUIZ DE ATAIDE CONDE DE ATOUGUIA VICE-REI.

nado. Os ſeus theſouros foraõ logo apanhados, e as ſuas tropas achando-ſe ſem Chefe, attacadas inopinadamente no eſpanto deſte aſſacinio, foraõ tambem decipadas, e depois incorporadas por huma eſpecie de tratado nas tropas dos matadores do ſeu General.

Depois da deſtruiçaõ eſte tyrano, Itimiticaõ vendo bem que o Reino de Cambaia fluctuaria ſempre em huma eſpecie de incerteza entre differentes Senhores, em quanto naõ viſſem ſobre o Trono o ſangue dos ſeus Sobranos, teve audacia de ſuppôr hum filho a Sultaõ Mahmud, e eſcolheo para figurar neſte lugar hum dos ſeus proprios, que tinha feito crear em ſegredo, e que ninguem ſabia que lhe pertencia. Fingio a fabula com tanto artificio, que eſte menino foi reconhecido pelo nome de Sultaõ Madre-Faxa; e como era de muito bela preſença, e na idade de dez annos que entaõ tinha, moſtrava grandes eſperanças, o povo ſe declarou a ſeu favor, até moſtrar que amava o ſeu engano.

Com tudo o Soberano d'hum Reino ſituado entre o de Delli, e de Cambaia, chamado Miram, que deſcendia por linha direita dos Reis de

Cam-

Ann. de J. C. 1568.

D. SEBASTIAÕ REI

D. LUIZ D. ATAIDE CONDE DE ATOUGUIA VICE-REI.

Cambaia, tendo hum enteresse muito opposto á velhacaria d'esta suppoziçaõ, concebeo o disignio de tornar a entrar na herança de seus pais, e julgou que lhe seria facil de conseguir se podesse obrigar os Portuguezes a ajudalo na sua empreza. Para este effeito enviou muito secretamente seus Embaixadores ao Vice-Rei, para lhe expôr a justiça das suas pretençoens, e offerecer-lhe no mesmo tempo muito grandes vantagens pelos soccorros que esperava. „ Estas vantagens con-„ sistiaõ na cessaõ que lhe fazia do „ Porto de Surrate, e d'outra praça „ que lhe conviese á sua escolha sobre „ a Costa de Cambaia. Obrigava de „ mais a dar-lhe duzentos mil crusa-„ dos em dinheiro, para ás despezas „ da guerra, pagos adiantados, e que „ devia enviar a Damaõ, antes que „ O Vice-Rei fizesse coisa alguma do „ que se lhe requeria. Consentia igual-„ mente que se apoderasse logo das „ duas praças prometidas, e em „ satisfaçaõ d'isto naõ lhe pedia mais „ do que 500 homens debaixo da con-„ ducta d'hum bom Official, os quaes „ seriaõ sustentados á sua custa. Deze-„ java tambem ter com elle huma pra-„ ctica em alguma parte de Cambaia,

„ que

Ann. de J. C. 1568.

D. Sebastiaõ Rei

D. Luiz de Ataide, Conde de Atouguia Vice-Rei.

„ que elle quizeſſe eſcolher para tratarem ambos ſobre eſte negocio, „ no qual lhe pedia tambem muito „ grande ſegredo, a fim de poder o„ brar d'accordo, e ſurprender os ty„ ranos do Reino de Cambaia, que „ naõ eſperavaõ eſta irrupçaõ. Pedialhe „ com tudo que naõ emprehende-ſe „ nada, ſem ter novos aviſos da ſua „ parte, porque antes de começar eſ„ te grande negocio, lhe faltavaõ ain„ da algumas medidas para tomar, e „ certas coiſas que ajuſtar. „ Eſtes offerecimentos eraõ muito vantajoſos para que o Vice-Rei os deſprezaſſe, de ſorte que reſpondeo a eſte Principe conforme em tudo aos ſeus deſejos, e deſpedio os ſeus Embaixadores muito ſatisfeitos.

Depois da morte de Chinguiſcaõ, Roſtumecaõ, e Agalucaõ dois dos ſeus Officiaes, que tinhaõ por ſeu reſpeito as duas praças de Baroche, e de Surrate, que lhes tinha confiado, ſe ſublevaraõ, e ſe fizeraõ fortes cada hum na ſua Cidade com as tropas que tinhaõ ás ſuas ordens. As tropas dos Mogols, que corriaõ o Reino em numero de mais de tres mil debaixo d' hum Chefe independente, o qual aſpirava a ſe apoderar d'huma porçaõ d'eſ-

d'esta bela Coroa, ou mesmo chegar a pola sobre a cabeça, foraõ cahir sobre o primeiro d'estes dois Capitaens, e o sitiaraõ em Baroche. Rostumecaõ opprimido, se encaminhou ao Vice-Rei, fazendo-lhe saber que lhe entregaria a praça, antes do que consentir vela no poder dos Mogols. D. Aires Telles de Menezes que lhe foi enviado, naõ sómente lhes fez levantar o cerco, mas tambem os deitou fora de todo o territorio de Barroche, onde tinhaõ fortificado alguns postos. Rostumecaõ livre d'hum inimigo que o cançava, mostrou bem o seu reconhecimento pagando grossamente as despezas da armada; porém naõ foi taõ docil á notificaçaõ que lhe fizeraõ para entregar a praça. Usou de demoras, e guardou a coisa para o anno seguinte, prevendo bem que teria ainda precizaõ dos Portuguezes. Porem o Vice-Rei picado da sua má fé, naõ quiz mais ouvir falar em entrar com elle em algum tratado. Os Mogols naõ ignoravaõ o seu descontentamento, voltaraõ sobre Rostemaçaõ, e o attacaraõ de taõ perto esta vez, que o despojaraõ.

Ann. de J. C. 1559.

D. Sebastiaõ Rei

D. Luiz de Ataide Conde de Atouguia Vice-Rei.

1568.
1569.

Agalucaõ estava mais socegado em Surrate. Procurava conservar-se

Ann. de J. C. 1569.

D. Sebastiaõ Rei

D. Luiz de Ataide Conde de Atouguia Vice-Rei.

com os Portuguezes, e tinha feito pedir ao Vice-Rei paſſaportes para enviar dois navios a Meca. O Vice-Rei eſtava deſcontente d'elle, porque tinha enviado ao Rei d'Achem hum navio carregado d'artilheria. O Vice-Rei eſtava além d'iſto mal informado, ſuppondo que Agalucaõ, naõ julgando poder conſervar-ſe em Surrate, penſava retirar-ſe para Meca com todos os ſeus effeitos. D. Pedro d'Almeida o deſenganou ſobre eſte ponto: naõ obſtante iſto o Vice-Rei deo ordem a Almeida, que nunca mais deſſe paſſaportes, que vigiaſſe os navios, deſconfiando bem que os carregariaõ, e que naõ deixaſſe de os tomar, tanto que ſe fizeſſem á vela, o que Almeida executou no meſmo tempo, que Aires Telles de Menezes hia dar ſoccorro a Roſtumecaõ. As duas preſas foraõ eſtimadas em cem mil cruzados, pondo as fazendas no mais baixo preço, ſem falar no caſco dos navios dos quaes hum era do porte de mil toneladas.

Eſta tomadia foi d'hum grande ſoccorro para o Vice-Rei, para ſuprir as deſpezas das grandes armadas que tinha no mar de todas as partes, e d'outra mais conſideravel, que prepa-

parava ainda. Com tudo eſte negocio embaraçando Agalucaõ com os Portuguezes, eſtavaõ á lerta da parte de Damaõ, e em toda a viſinhança de Surrate. O Vice-Rei foi obrigado por iſto a enviar huma frota ao Golpho de Cambaia. Nuno Velho Pereira que a commandava fez taõ boa guarda, e conſervou tambem os ſeus navios d'huma parte, que os inimigos naõ lhe tomaraõ nenhum, e da outra os apertou tanto, que como naõ podia entrar nem ſahir nenhum Navio mercante no porto de Surrate, Agalucaõ foi obrigado a recorrer ao Samorim para o tirar da oppreſſaõ. O Samorim eſtava muito inclinado a dar-lhe goſto; porém elle meſmo eſtava apertado por D. Diogo de Menezes, que correndo a Coſta do Malabar, lhe tinha tomado, ou queimado quantidade de embarcaçoens no mar, e nos ſeus portos; e deſſolado muitas povoaçoens, e tinha mais que penſar nos ſeus proprios negocios, que nos d'outrem. Com tudo a cubiça que tinha de ſoccorrer Agalucaõ, e a eſperança que aquilo meſmo faria huma diverſaõ favoravel aos ſeus intereſſes, fez com que elle deſſe ordem a aprontar humas vinte embarcaçoens, as quaes juntas ás d'Agalu-

ANN. de J. C. 1569.

D. SEBASTIAÕ REI

D. LUIZ DE ATAIDE CONDE DE ATOUGUIA VICE-REI.

ANN. de J. C. 1569.

D. SEBASTIAÕ REI

D. LUIZ DE ATAIDE CONDE DE ATOUGUIA VICE-REI.

lucaõ poderiaõ fazer cara a Velho Pereira, e dar-lhe caſſa.

O Vice-Rei ſendo d'iſto informado, enviou ordem a Velho que ſe retiraſſe a Damaõ, onde elle naõ foi inutil. Alvaro Pires de Tavora, que tinha ſuccedido no Governo d'eſta praça a D. Pedro d'Almeida, ſendo fatigado da viſinhança da Fortaleza de Parnel, ſituada a 3 legoas de Damaõ, e que lhe dava huma muito grande ſugeiçaõ, formou o diſignio de a tomar a hum Official Mogol, que eſcoando-ſe á obediencia do ſeu Chefe, ſe tinha apoderado della. A Fortaleza eſtava ſobre huma montanha de quaſi huma legoa levantada, e muito eſcarpada. O Official Mogol alli tinha cem cavallos, e perto de 7 ou 8 centos homens de pé. Velho foi encarregado da comiſſaõ; porém como ignorava que a praça eſtiveſſe taõ forte, e a guarniçaõ taõ numeroſa, teve trabalho a primeira vez para ſahir d'ella com honra, e voltou ſem fazer nada. Voltando a ella ſegunda vez com duas peças de artilheria, e maiores forças, bateo a praça por 8 dias. Os Mogols naõ ouſando eſperar hum aſſalto, a abandonaraõ de noite, e o forte foi arraſado.

O

ANN. de J. C. 1569.

D. SEBASTIAÕ REI

D. LUIZ DE ATAIDE CONDE DE ATOUGUIA VICE-REI.

O Forte d'Affarim era em refpeito a Baçaim, o que o Forte de Parnel era em refpeito de Damaõ. Os Portuguezes o tinhaõ tomado no tempo de Francifco Barreto, e nelle tinhaõ huma pequena guarniçaõ commandada por Andre de Villalobos. Os Reis de Colos, e de Salcete, a quem efte Forte fervia de freio, fe tinhaõ ligado para o tomarem. Villalobos fe defendeo bem até á chegada d'hum novo foccorro de 800 homens, que o Vice-Rei lhe enviou. Martim Affonfo de Mello Governador de Baçaim, D. Paulo de Lima, e Joaõ de Moira eraõ os 3 Chefes que o condufiaõ. Elles naõ fe contentaraõ de pôr em fugida os fitiantes, feguiraõ-nos ainda muito no interior das fuas terras, onde pozeraõ tudo a ferro, e fogo.

O Rei de Tolar tinha feito hum infulto ao Vice-Rei, naõ fómente recufando pagar-lhe o tributo ordinario; mas ainda pelo modo indecente, com que recebeo a carta que lhe efcreveo a efte refpeito. O Vice-Rei para o punir, refolveo tirar-lhe a Cidade de Bracalor, onde tinha tratado correfpondencia com quem alli commandava. Bracalor era huma Fortaleza conftruida á moderna na entrada d'hum rio

en-

Ann. de J. C. 1569.

D. Sebastiaõ Rei

D. Luiz de Ataide Conde de Atouguia Vice-Rei.

entre Goa, e os Eſtados do Samorim. D. Pedro da Silva Menezes encarregado da expediçaõ, naõ encontrou alli reſiſtencia alguma. O Commandante foi fiel na ſua traiçaõ, mais de 200 peſſoas, que eſtavaõ na praça ficaraõ mortas, ou apanhadas, antes de poderem porſe em defenſa. Porém os Reis de Tolar, e de Cambolim tendo vindo apreſentar-ſe nas duas noites ſeguintes com tropas que ajuntaraõ, cujo numero crecia a toda a hora, Silva naõ julgando poder-ſe alli conſervar, abandonou a praça, levando comſigo toda a artilheria, as armas, e as muniçoens.

Naõ podia haver mais attençaõ que a que tinha o Vice-Rei a todas as funçoens do ſeu miniſterio, e he ſem duvida digno de admiraçaõ, que viſta a ſituaçaõ em que eſtavaõ as Indias, a extinçaõ dos dinheiros d'El-Rei, podeſſe em taõ pouco tempo pôr a marinha em taõ bom eſtado, e augmentar em tudo a gloria da Naçaõ Portugueza, como ella o eſtava entaõ. E além das expediçoens que tinha feito para Malaca, e as Ilhas do Sunda, tinha tambem 3 ou 4 Frotas muito numeroſas, e bem preparadas, que tomavaõ todo o mar, deſde a Peninſu-

fula do Ganges, até as gargantas do mar Roxo.

Todas eſtas frotas eraõ independentes da que preparava para ſi, conforme o tratado ſecreto entre elle, e Miram. Conſiſtia ella em mais de 70 embarcaçoens de toda a eſpecie, a que nada faltava. Ainda que conforme o que tinha ſido regulado entre elles, naõ ſe devia mover elle ſem hum novo aviſo, com tudo como naõ queria que o apanhaſſem deſapercebido, nem correr os riſcos de perder os offerecimentos vantajozos que fazia eſte Principe, ſe tinha ſempre preparado antecipadamente para eſtar pronto ao menor ſignal.

Ann. de J. C. 1569.

D. SEBASTIAÕ REI

D. LUIZ DE ATAIDE CONDE DE ATOUGUIA VICE-REI.

O aviſo de Miram tardava. O Vice-Rei temendo enfraquecer elle meſmo, e de ver abater o valor de tantos valerozos que ajuntou, que eſtavaõ impacientes, ſahio para o mar largo, e navegou para Onor, que era do dominio da Rainha de Garcopa ſempre rebelde. Depois d'huma leve reſiſtencia, a Cidade foi abandonada dos habitantes, entregue ao ſaque, e reduſida a cinzas. Era bela, rica, e povoada. A Fortaleza ſopportou o fogo da artilheria, que a bateo por eſpaço de 4 dias, e ſe rendeo por capitulaçaõ.

Ann. de J. C. 1569.

D. Sebastiaõ Rei

D. Luiz de Ataide Conde de Atouguia Vice-Rei.

çaõ. Jorge de Moura foi deixado nella com 400 homens de guarniçaõ ametade Portuguezes.

D'Onor o Vice-Rei paſſou a Bracalor. Os habitantes alli eſtavaõ altivos depois da retirada de D. Pedro da Silva. Defenderaõ-ſe tambem no principio, e Henrique de Betancurr que tinha ſaltado primeiro em terra, foi morto combatendo com valor. D. Pedro da Silva foi o primeiro que franqueou as trincheiras. Foi bem ſuſtentado pelos que o ſeguiaõ. O combate foi porfiado de parte a parte. Hum fortim que tomaraõ fez abater o valor dos inimigos. Elles abandonaraõ a ſua Fortaleza, deſconfiando poderem defendella. Eſte goſto foi perturbado pelo attaque impreviſto, que os Reis de Tolar, e de Cambolim vieraõ dar ao fortim em huma noite muito eſcura. Ella foi com tudo bem illuminada pelo fogo da artilheria, e dos artificios. Porém Pedro Lopes Rebelo que commandava a duzentos homens tendo-ſe defendido com extremo valor, eſtes Principes diſgoſtozos com o infelis ſucceſſo da ſua empreſa, requeraõ a paz, a qual lhes concederaõ, augmentando-lhes o tributo que tinhaõ coſtume de pagar. O Vice-Rei traçou o plano d'hu-

d'huma nova Fortaleza, e demorou-se alli hum mez inteiro, para adiantar a obra com a sua prezença.

Ann. de J. C. 1569.

Miram naõ apparecia, e o Vice-Rei inquieto naõ podia saber a razaõ. Em fim soube d'isto todo o misterio. Este Principe temendo emprehender o negocio de Cambaia antes de estar seguro da Corte de Delli, julgou conseguir isto tratando do cazamento d'hum dos seus irmaõs com a filha do Rei dos Mogols. O cazamento se fez com toda a solemnidade possivel; mas isto foi precizamente o que fez abortar o projecto de Miram. Este irmaõ ingrato, animado por huma alliança que lhe prometia huma grande protecçaõ, intentou tirar a Coroa a hum irmaõ, ao qual devia tanta obrigaçaõ, valendo-se das forças do Rei seu cunhado. Assim Miram, que foi logo avisado dos seus perniciosos disignios, se vio obrigado a ficar em defensa dos seus proprios Estados, e de deixar o incerto, para naõ perder o certo.

D. SEBASTIAÕ REI

D. LUIZ DE ATAIDE DE CONDE DE ATOUGUIA VICE-REI.

O Vice-Rei naõ foi mais feliz da parte d'Adem, onde tinha concebido a esperança de se introdusir. Os Arabes alli tinhaõ degolado a guarniçaõ Turca, e chamado o Cherife, filho d'este mesmo Chefe, que o Bachá Soli-

Ann. de J. C. 1569.

D. Sebastiaõ Rei

D. Luiz de Ataide Conde de Atouguia Vice-Rei.

limaõ tinha feito enforcar, quando se fez Senhor d'esta Cidade pelo engano que elle lhe fez. Conhecendo bem o Cherife que lhe seria dificil conservar-se nesta praça contra os Turcos, os quaes naõ deixariaõ d'alli tornarem, mostrou ter dezejo de a entregar aos Portuguezes, e travou com elles huma intriga por meio do Rei de Caxem seu amigo commum. O Vice-Rei alli tinha enviado Pedro Lopes Rabelo com duas fustas ligeiras, e Gil de Goes com tres Galioens. Rabelo chegando a Adem conversou com o filho do Cherife, que alli governava na auzencia de seu pai: mas ou porque este naõ tivesse melhor vontade do que tinha tido Rostumeçaõ a Baroche, ou porque se achasse nas mesmas circunstancias em que estava Cedemecaõ em Surrate, ambos convieraõ em que era precizo esperar melhores conjuncturas. Com tudo os Turcos avisados da chegada de duas fustas Portuguezas a Adem, armaraõ prontamente nove galeras, e vieraõ ancorar no porto tres dias depois que Rabelo d'ella partio; e como elle tinha intelligencia na praça, abriraõ-lhe huma porta de noite, e se fizeraõ Senhores d'ella. Assim este negocio enca-

calhou, o que pôde ser que naõ acontecesse, se Gil de Goes tivesse podido abordar. Porém o máo tempo apartando-o sempre da Costa, foi obrigado a ganhar Diu como pôde, e os dois galioens da sua conserva Ormuz, onde chegaraõ muito destroçados.

ANN. de J. C. 1570.

D. SEBASTIAÕ REI

Muito mortificado com o infeliz successo destes dois negocios, porem principalmente do primeiro para o qual tinha feito tanta despeza, o Vice-Rei, dividio a sua frota em muitas esquadras, que crusando em differentes paragens fizeraõ as suas dessolaçoens ordinarias. Elle tomou a derrota para Goa. Reconciliou no caminho o Rei de Banguel com a Rainha d'Olala, cuja discordia atrazava os rendimentos das alfandegas de Mangalor. Reforçou tambem as guarniçoens de Bracalor, e d'Onor. Temiaõ-se mais d'esta ultima, por que a Rainha sempre em armas usava da força, do engano, e mesmo dos venenos para entrar na posse, e opprimir os Portuguezes que a tinhaõ attacado.

D. LUIZ DE ATAIDE CONDE DE ATOUGUIA VICE-REJ.

O Nizamaluco, que de concerto com o Idalcaõ tinha projectado a ruina dos Portuguezes, morreo pouco depois da victoria, que tinhaõ conseguido sobre o Rei de Narsinga, e a conclu-

Ann. de J. C. 1570.

D. Sebastiaõ Rei

D. Luiz de Ataide Conde de Atouguia Vice-Rei.

clusaõ do seu tratado. Este Principe tinha repudiado a sua ligitima espoza para pôr em seu lugar huma cômediante, molher de baixa condiçaõ de quem tinha tido hum filho. Como elle tinha Religiaõ, teve escrupulo d'este divorsio, e prometeo a Deos, e ao seu Propheta Mafoma, que se elle voltasse victorioso do Reino de Narsinga, restabeleceria a sua esposa em todas as suas honras. Elle o fez. A esposa repudiada temendo para si, e para seu filho o restabelecimento d'huma rival irritada, e poderosa pelo seu nascimento naõ achou remedio aos seus temores, se naõ nos seus crimes. Ella empeçonhou Nizamaluco, e fez reconhecer em seu lugar o filho que tinha tido, pela auctoirdade dos seus dois irmaõs, que o favor de sua irmá tinha feito prover nos melhores empregos do Estado, e que estavaõ de posse das praças mais fortes. A morte de Nizamaluco pai naõ mudou nada no tratado feito com o Idalcaõ. O filho, Principe moço quasi de 16 annos, começando a governar se instruio em todas as idéas de seu antecessor, e as seguio sempre com o mesmo segredo, e o mesmo concerto.

Ainda que a guerra que estes Princi-

Ann. de J. C. 1570.

D. Sebastiaõ Rei

D. Luiz de Ataide Conde de Atouguia Vice-Rei.

cipes meditavaõ, foi causada pelo odio que tinhaõ aos Portuguezes, e pela esperança de os destruirem, fundada sobre a sua uniaõ, e a confiança que lhes tinhaõ dado as vantagens que tinhaõ conseguido, e as riquezas que tinhaõ achado no saque de Bisnaga, quiseraõ com tudo disfarçala com o pretexto da Religiaõ, e da justiça. Este foi com effeito o motivo de que se serviraõ para fazer entrar na sua liga o Gram-Senhor, Cha Thomaz Rei da Persia, e o Samorim, e o Rei d'Achem. Os Caides, os Mullas, e os Cacis, dos quaes os primeiros que saõ do sangue de Mafoma, e vivem em grande opiniaõ de Santidade, foraõ conforme pretendem, os primeiros motores d'esta conspiraçaõ, representando o insulto feito á sua Lei pelos Portuguezes, que se declaravaõ em toda a parte seus crueis inimigos, naõ deixando nada para estabelecer a sua Religiaõ sobre as ruinas d'elles, a qual hia sempre diminuindo, á medida que a outra fazia progressos rapidos, e sensiveis.

He verdade que o zelo dos Portuguezes em materia de Religiaõ era algumas vezes injurioso, excessivo, e hum pouco mais ajudado da paixaõ.

Idal-

Ann. de J. C. 1570.

D. Sebastiaõ Rei.

D. Luiz de Ataide Conde de Atouguia Vice-Rei.

Idalcaõ efcrevia algumas cartas aò Vice-Rei para fe queixar com juftica da violencia que faziaõ aos navios Sarracenos nos portos do dominio Portuguez, onde debaixo do pretexto d' hum grande bem, furtavaõ dos navios que alli chegavaõ as meninas, e meninos para os inftruirem na noffa Santa Fé, a qual naõ ordena eftas violencias. Porém como o Idalcaõ queria tirar ao Vice-Rei todas as fufpeitas que lhe podiaõ caufar os grandes preparativos que fazia, eftas cartas eraõ taõ moderadas, e taõ adoçadas com provas d'amizade, que eraõ capazes de defvanecerem todas as fufpeitas. Além d'ifto os requerimentos eraõ taõ juftos, que o Vice-Rei naõ podia efcandalifar-fe d'elles.

Como porém nos grandes negocios fe acha quafi fempre huma voz precurfora que os annuncia, fem que nunca faibaõ d'onde ella vem, o eftrondo dos defignios do Idalcaõ fe efpalhou em Goa, e fe augmentou cada vez mais, fem que diffo podeffem dar alguma prova. Efte Principe, cuja idéa era furprender, tinha diffimulado de modo, que a fua Corte mefmo naõ tinha podido penetrar as fuas intençoens. E no que toca aos Portugue-

guezes os tinha encantado de modo, que além dos motivos plausiveis que tinha de fazer preparos para huma guerra estrangeira, lhes tinha ainda persuadido a necessidade que tinha de submeter hum vassallo rebelde, e que passava por tal nos seus Estados, ainda que este pretendido rebelde fosse hum dos seus Generaes, o qual d'accordo com elle trabalhava com mais ardor nos preparativos, para á execuçaõ dos seus projectos. A fim de enganar melhor o Vice-Rei, e o obrigar a apartar de Goa as poucas embarcaçoens que lhe ficaraõ depois da partida, e repartiçaõ das suas frotas, lhe pedio que as quisesse enviar a occupar a passage d'hum rio, por onde este rebelde devia passar. Em fim a sua dissimulaçaõ foi tambem feita, que, ainda que em toda Goa se conhecessem os projectos do Idalcaõ como certos, estes mesmos projectos se viaõ desmentidos pelos vassallos do Idalcaõ visinhos de Goa, e mesmo pelos habitantes d'esta Cidade.

Ann. de J. C. 1570.

D. SEBASTIAÕ REI

D. LUIZ DE ATAIDE CONDE DE ATOUGUIA VICE-REI.

Nesta occaziaõ tumultuosa de sentimentos, e de noticias contraditorias, naõ estava o Vice-Rei sem desconfiança. Mas tambem como elle naõ via nenhuma hostilidade, nem nenhum

Ann. de J. C. 1570.

D. Sebastiaõ Rei.

D. Luiz de Ataide Conde de Atouguia Vice-Rei.

nhum parecer incerto, naõ podia tomar resoluçaõ alguma. Com tudo no fim foi certificado pelas noticias que lhe vieraõ de Chaul, e da Corte de Nizamaluco, onde o segredo foi menos bem guardado. D. Luiz d'Ataide recebeo estas noticias com aquella especie de temor que inspira a prudencia, mas sem a perturbaçaõ, e o embaraço que nascem da pusilanimidade. Naõ aconteceo o mesmo ao seu Conselho, todos foraõ capacitados da grandeza do objecto. Tantas Potencias formidaveis ligadas entre si, fizeraõ sobre os espiritos huma impressaõ que se chegava ao medo. E neste aperto onde cada hum julgava ver o momento fatal da ruina inteira dos Portuguezes nas Indias, todos pensaraõ em abandonar Chaul, e outros diversos postos menos importantes, para salvar Goa pela reuniaõ das suas forças. „ Dizendo; o que a „ experiencia tem sempre mostrado certo he, que, esta multidaõ de praças, „ e de Fortalezas que tinhaõ servido „ de os enfraquecer, e que teria sido muito mais vantajoso á Naçaõ „ ter trabalhado em se estabelecer „ mais solidamente em hum lugar, donde podessem dominar em tudo com „ me-

„ menos despeza. Que estavaõ ainda
„ a tempo de tornarem a este ponto,
„ fasendo a sua Capital de Goa a Me-
„ tropole de todas as Indias, cuja sal-
„ vaçaõ, ou perda levaria tambem com
„ sigo a salvaçaõ, ou perda de todo o
„ resto. „

ANN. de J. C. 1570.

D. SEBASTIAÕ REI

D. LUIZ DE ATAIDE CONDE DE ATOUGUIA VICE-REI.

Ainda que o Vice-Rei podesse pensar com Conselho sobre este principio que era verdadeiro, naõ julgou que fosse conveniente naquellas circunstancias pensar d'aquella sorte. Julgou certamente que huma resoluçaõ d'esta natureza desacreditaria a sua Naçaõ, e que além do abatimento que d'isso resultaria, acconteceria ainda maior prejuizo pela soberba que inspiraria aos inimigos huma determinaçaõ, a qual só podia mostrar fraquesa, e hum excesso de temor, e medo. Assim contra o parecer commum, se resolveo naõ sómente a soccorrer Chaul, que estava ameaçado, mas tambem todos os outros postos, e naõ desamparar nada.

E este foi inteiramente o sentimento do Vice-Rei, do qual antes ainda de se ajuntar o Conselho, tinha avisado D. Francisco Mascarenhas, sobre quem tinha deitado os olhos para condusir este soccorro. Mascarenhas tinha servido bem; tinha-se distinguido em to-

ANN. de J. C. 1570.

D. SEBASTIAÕ REI

D. LUIZ DE ATAIDE CONDE DE ATOUGUIA VICE-REI.

das as occafioens; era adorado dos foldados. Fazia d'elle tanto cafo o Vice-Rei, que em todas as acçoens lhe tinha confiado a vanguarda. Actualmente o tinha deftinado para hir ás praças do Norte, para tomar as medidas neceffarias para huma expediçaõ, que meditava fazer peffoalmente contra o Rei d'Achem. Porém as novas conjunturas romperaõ efte projecto, partio Mafcarenhas para Chaul perto do mez de Setembro com quinhentos homens efcolhidos, quatro galeras, finco fuftas, outras muitas embarcaçoens carregadas de muniçoens de guerra, e de boca, e com as provifoens de General do mar, e pleno poder fobre todas as praças do Norte, para d'ellas tirar os foccorros que precifaffe.

O Vice-Rei empregou depois todos os feus penfamentos a pôr Goa em eftado de defenfa, e fechar aos inimigos a entrada da Ilha, guardando todas as paffagens. Logo primeiro que tudo, proveo em Benaftarim que era o mais importante, para onde enviou Fernando de Soufa Caftel-Branco, Official experimentado, com 120 homens efcolhidos, que Caftel-Branco pôz logo em acçaõ para fazer duas

mu-

muralhas da parte do rio; huma ao Norte, do comprimento d'hum tiro de peça; outra tirando para á Cidade mais curta, porém muito mais alta, e muito mais forte. O Vice-Rei trabalhou depois com a sua actividade costumada, a fazer vir das praças visinhas os viveres, e as provisoens para hum longo cerco. Tomou conhecimentos de todos os armazens, e de todos os effeitos ainda dos particulares da Ilha, e da Cidade de Goa, para d'elles se poder servir em caso de necessidade. E porque segundo a opiniaõ commum, o Gram Senhor entrava na liga, e temiaõ que ajuntando-se a sua frota com a do Samorim, tivessem muito trabalho em rezistir a ambos reservou dois armazens, prontos para o que succedesse, e destinados unicamente para servirem nesta precizaõ.

Supposto que houve algum fundamento para esta noticia, com tudo julgava-se o contrario dos rumores populares. He ver-dade tambem que havia alguns annos, que o Gram-Senhor se mostrava muito frio sobre os negocios que pertenciaõ ás Indias, e desde o tempo do Vice-Reinado do Conde do Redondo, o Bachá de Baçorá tinha proposto al-

 gum

Ann. de J. C. 1570.

D. Sebastiaõ Rei

D. Luiz de Ataide Conde de Atouguia Vice-Rei.

gum meio de negociaçaõ, em consequencia do qual Antonio Teixeira tinha passado á Porta, onde foi admitido á audiencia do Gram-Senhor, que se occupava entaõ a coser barretes pequenos. Teixeira começou mal, dizendo „ Que o Bachá de Baçorá tinha „ testemunhado ao Vice-Rei das In„ dias, que sua Altesa dezejava paz. „ Solimaõ sem enterromper o seu trabalho, lhe respondeo friamente. „ Eu „ naõ peço paz a ninguem: porém „ se ElRei de Portugal a quer, que me „ envie hum Embaixador escolhido en„ tre os principaes Fidalgos da sua „ Corte, e entaõ o poderei ouvir, e verei „ o que lhe hei de responder. Depois d'aquelle tempo, o Gram-Senhor naõ tinha feito movimento algum. Pelo contrario, por avisos que o Vice-Rei D. Luiz tinha recebido de Alepo, de Jerusalem, e do Cairo, sabia que a Porta tinha retirado huma parte das tropas que tinha na Arabia, e perto da Persia: Que da parte do mar Roxo tudo estava muito soccegado, e que Solimaõ estava unicamente occupado do projecto, que tinha formado de tirar a Ilha de Chipre aos Venesianos; que assim como n'outro tempo a Porta naõ tinha nunca feito grandes esfor-

ços

Ann. de J. C. 1570.

D. SEBASTIAÕ REI

D. LUIZ DE ATAIDE CONDE DE ATOUGUIA VICE-REI.

ços da parte das Indias, era para prefumir que fe o Graõ-Senhor entraffe na liga, naõ era mais que por huma politica refinada para occupar os Portuguezes, e a fim de que elles naõ voltaffem as fuas armas para á parte d'Adem, e de Baçorá, onde poderiaõ facilmente tirar-lhe conquiftas novas, e mal feguras.

D. Luiz difcorria bem fobre as noticias que tinha. Era com tudo mal informado. Porém com effeito o Graõ Senhor tinha feito armar 25 Galeras em Suez, das quaes 15 eftavaõ em ferviço do Idalcaõ, e do Nizamaluco; e as outras, dez no do Rei d'Achem. Porém a Providencia permitio que eftas galeras, tendo partido de Suez, e indo a Moca, entraffe a divifaõ entre os Turcos, e Arabes, que mataraõ 900 dos feus. Depois perdendo o Gram Senhor a famoza batalha de Lepanto, a precizaõ que teve de refazer a fua Marinha, o obrigou a chamar os Officiaes d'eftas 25 galeras, de que a maior parte tinhaõ morrido com as fuas tropas, e a outra parte fe tinha lançado ás terras do Imperador da Ethiopia. Affim nenhuma d'eftas galeras pôde fervir para o fim para que eftavaõ diftinadas, e pareceo que Deos

quiz

ANN. de J. C. 1570.

D. SEBASTIAÕ REI

D. LUIZ DE ATAIDE CONDE DE ATOUGUIA VICE-REI.

quiz entaõ ſalvar as Indias do maior perigo em que nunca eſtiveraõ.

Em fim o Idalcaõ pondo tudo pronto para á execuçaõ dos ſeus projectos, rompeo eſte grande ſegredo em hum grande Conſelho de guerra, que fez em Viſapor. Expôz alli to-„ dos os ſeus motivos com muita „ energia, e perſuadio com eloquencia, „ a neceſſidade que havia de deſtruir „ huma naçaõ imperioſa, que leva-„ va a ſua dominaçaõ até a tiranizar „ as almas, e obrigar as conſciencias. E ainda que neſte conſelho houveraõ muitos grandes que foſſem de parecer contrario, ninguem ouſou com tudo contradiſelo ſe naõ ſó Noricaõ. Era eſte o Senhor mais acreditado de ſeu Reino, e o General dos ſeus exercitos. Elle o fez com razoens muito ſolidas, e com a liberdade que lhe davaõ a ſua dignidade, e a ſua idade. O Idalcaõ o ouvio ſem ſe eſcandaliſar, mas ſem mudar por iſto de parecer. E como o ſentimento do Principe he ordinariamente o dos ſeus liſongeiros, e do maior numero, naõ he de admirar que prevaleceſſe. Nizamaluco da ſua parte fez o meſmo no ſeu Conſelho, e eſtes dois Principes por entaõ pozeraõ as ſuas tropas em movimento.

Con-

Anno de J. C. 1570.

D. Sebastiaõ Rei

D. Luiz de Ataide conde de Atouguia Vice-Rei.

Confiavaõ tanto no feliz ſucceſſo da ſua empreſa, que além da repartiçaõ das terras que tinhaõ feito entre ſi, o Idalcaõ particularmente tinha além d'iſto repartido os empregos, as terras, as caſas de Goa, e deſtinado aos ſeus principaes Officiaes as mulheres Portuguezas, que tinhaõ alguma reputaçaõ de fermozas. A galantaria dos ſeus pertendentes naõ lhes era deſconhecida, e eſtas mulheres ſentiraõ a ſua vaidade liſongeada por modo, que depois as viraõ hir, e vir, para obſervarem de longe os combates, e ſerem teſtemunhas dos ſeus campioens.

O eſpirito do Vice-Rei naturalmente vivo, e activo, naõ tinha deſcançado até entaõ. O pezo d'huma guerra taõ geral, e onde devia ſer attacado de todas as partes, lhe dava interiormente muita inquietaçaõ, que ſabia perfeitamente reprimir no exterior. Naõ tinha tomado entaõ ſe naõ medidas vagas. Porém tanto que foi informado das ultimas reſoluçoens dos Principes alliados, proveo entaõ totodos os poſtos, conforme o projecto que tinha formado.

A Ilha de Goa, como já diſſe, ſó he ſeparada da terra firme por hum pequeno eſteiro, que forma o rio de Pan-

ANN. de J. C. 1570.

D. SEBASTIAÕ REI

D. LUIZ DE ATAIDE CONDE DE ATOUGUIA VICE-REI.

Pangim, antes de chegar ás ſuas duas embocaduras, que diſtaõ duas legoas huma da outra, Norte, e Sul. O leito do rio neſte cantaõ he ſemeado de pequenas Ilhas. Em algumas partes he taõ largo, que tem quaſi meia legoa; em outras he hum pouco mais eſtreito. Como o fundo he lodoſo por extremo, a chegada da Ilha he muito defendida por iſſo meſmo, excepto em algumas paſſagens mais vadiaveis, principalmente na baixa mar, as quaes eraõ obrigados a fortificar em tempo de guerra. No comprimento ou circuito de tres legoas, e meia, a começar do paſſo de Gonlandim, chamado n'outro tempo o paſſo ſeco, até ao de Agacim, tinha 19 para prover, dos quaes Benaſtarim, que eſtá no centro, era o mais conſideravel.

D. Luiz alli repartio quaſi mil Portuguezes que tinha de tropas regulares, debaixo de diverſos Chefes, a quem proporcionou gente, e artilheria conforme a precizaõ, e importancia do poſto. Em outros lugares menos perigoſos, contentou-ſe com deixar gente para accender fogos, e fazerem ſignaes, a quem Joaõ de Souſa, que commandava 50 cavallos para accudir onde foſſe precizo, tinha

or-

ordem de vigiar. O Canal do rio ef-tava guardado igualmente por 26 em-barcaçoens de diverſos tamanhos, bem providas de gente, e de artilheria, commandadas por D. Jorge de Menezes Baroche. E porque o Vice-Rei fazia timbre de naõ perder poſto algum, ainda meſmo nas terras firmes de Goa, que eraõ as mais expoſtas, reforçou as guarniçoens de Rachol, de Norva, e do forte de Bardez. No que toca á Cidade a qual ſe achava em menos perigo deixou defenſa ao Clero Secular, e regular, compoſto de trecentas peſſoas, que tinhaõ debaixo das ſuas ordens 1$500. Chriſtaõs do Paiz. De maneira que perto d' hum anno os Padres, e Religioſos tiveraõ na maõ a eſpada eſpiritual, e material, com as quaes naõ fizeraõ com tudo grande mal.

Ann. de J. C. 1570.

D. SEBASTIAÕ REI.

D. LUIZ DE ATAIDE CONDE DE ATOUGUIA VICE-REI.

Em quanto eſtavaõ na agitaçaõ de todos eſtes preparos, as tropas do Idalcaõ, e as de Nizamaluco eſtavaõ em marcha. Como eſtes dois Principes, poſto que aliados, eſtavaõ em deſconfiança perpetua hum do outro, as coiſas eſtavaõ de modo reguladas entre elles, que as ſuas tropas naõ deviaõ marchar ſe naõ com jornadas iguaes, por começarem no meſmo

tem-

Ann. de J. C. 1570.

D. Sebastiaõ Rei

D. Luiz de Ataide Conde de Atouguia Vice-Rei.

tempo. E todos os dias d'hum ao outro voavaõ correios, que sendo testemunhas oculares do progresso da marcha dos exercitos, lhes serviaõ de grandes seguros da sua fidelidade, e do seu ajuste. Tanto que o Vice-Rei se alojou no passo seco que tinha intentado defender, soube que a vanguarda do Idalcaõ chegava a Pondá. Teve entaõ mesmo hum moço valido do Idalcaõ, que tendo-se avançado com 5 ou 6 aventureiros até ao Rio de Goa tirou algumas flexas ao ar, o que era declarar a guerra: porém esta acçaõ desagradou tanto ao Idalcaõ, que o fez prender, e punir severamente. Em fim em 28 de Dezembro Noricaõ veio alojar-se defronte da passagem de Benastarim, onde fez armar as tendas do Idalcaõ, que tinha escolhido lá o seu quartel. Elle naõ chegou lá se naõ oito dias depois, tendo-se demorado a tres legoas de distancia, sobre as montanhas de Gate, d'onde vio desfilar, e alojar todas as suas tropas, antes que desembarcar-se elle mesmo. Farratecaõ, que conduzia a vanguarda de Nizamaluco, se avançou no mesmo tempo para Chaul, aonde o Principe se achou alguns dias depois, perto dos 16 de Janeiro de 1571.

Os

Ann. de J. C. 1571.

D. SEBASTIAÕ REI

D. LUIZ DE ATAIDE CONDE DE ATOUGUIA VICE-REI.

Os exercitos dos dois Soberanos eraõ formidaveis pelo seu numero, e pelo seu apparato. O do Idalcaõ era de cem mil combatentes, nos quaes havia 35ↀ Cavalos. A multidaõ dos vivandeiros, e pessoas do serviço era infinita. Tinha além d'isto 2ↀ140. Elephantes de guerra, e trezentas, e sincoenta peças d'artilheria O seu campo tinha o ar d'huma Cidade opulenta, onde nada faltava para á beleza, e para ás delicias. Porém o que fez alguma impressaõ no espirito das pessoas timidas, foi huma tenda particular toda aberta, e que naõ tinha mais do que o Coroamento. Esta he entre os Indios, huma declaraçaõ de que querem concluir, ou conseguir o disignio a que se propoem quando declaraõ a guerra. O exercito de Nizamaluco naõ era menos numeroso que o do Idalcaõ. Tinha tambem cem mil homens de Infantaria, trinta, e quatro mil Cavalos, 17ↀ forrageadores, 4ↀ fundidores, ferreiros, outras especies de artistas de todas as qualidades de Naçoens estrangeiras, 360 Elephantes, huma prodigiosa quantidade de bufalos, e bois para as carretas, com huma formidavel artilheria, na qual havia 40 peças de desmedida grandeza,

e

e que eraõ todas nomeadas por nomes capazes de inſpirar terror.

Ann. de J. C. 1571.

D. Sebastiaõ Rei

D. Luiz de Ataide Conde de Atouguia Vice-Rei.

Chaul naõ eſtava mais que huma deſprezivel Cidade. A fortaleza naõ merecia eſte nome, naõ era mais do que huma feitoria. A povoaçaõ naõ tinha nem forças, nem muralhas. Nizamaluco dizia elle meſmo d'eſta praça, que era huma eſtrebaria de beſtas. He verdade que Farratecaõ lhe reſpondeo que eſta eſtrebaria eſtava cheia de Lioens: porém ſem duvida que elle queria falar dos Portuguezes que alli eſtavaõ habituados, e que alli tinhaõ naſcido. Naõ eraõ eſtes propriamente ſe naõ mercadores amolecidos pela longa paz, de que tinhaõ gozado no longo reinado de Nizamaluco, que lhes tinha permitido que alli ſe eſtabeleceſſem. Naõ tinhaõ viſto guerra ſe naõ ao longe, e tinhaõ vivido no ſeio d'huma longa proſperidade, á ſombra dos loureiros que a ſua Naçaõ colhera n'outra parte. Naõ podiaõ capacitar-ſe da guerra, por que a naõ queriaõ, e Maſcarenhas teve muito trabalho para reſolver eſtes viz Comerciantes, e ſofrerem que os pozeſſem em eſtado de defenſa. Como era precizo cortarem os ſeus jardins, e ſangrarem hum pouco as ſuas bolças,

naõ

naó queriaó attentar no mal de que eſtavaó ameaçados, nem conſentir que lho acautelaſſem pelos remedios neceſſarios. O General com tudo uſou da ſua auctoridade. Rezolveo defender tudo, ainda as caſas que eſtavaó fora da povoaçaó, e todos os Officiaes mandados para os differentes poſtos, trabalharaó em ſe fortificar com valados, e outras trincheiras feitas á preſſa.

Ann. de J. C. 1571.

D. SEBASTIAÓ REI

D. LUIZ DE ATAIDE CONDE DE ATOUGUIA VICE-REI.

Deſde a chegada dos inimigos houve de todas as partes algumas pequenas acçoens, onde hum, e outro partido ganhou humas vezes, perdeo outras. O Vice-Rei deſejou bem tentar alguma grande acçaó, porém ſendolhe contrario todo o Conſelho, foi obrigado a conter o ſeu zelo. Vendo com tudo que os inimigos queriaó fazer o ſeu principal esforço da parte da cortina de Beneſtarim, mudou de poſto, e nelle tomou o ſeu quartel, tendo a cortezia com quem nelle commandava, de lhe naó tirar o Governo. Noricaó preparou as ſuas batarias, e o meſmo fizeraó todos os outros Generaes nos ſeus quarteis. Farratecaó chegado a Chaul moſtrou ter mais actividade, querendo previnir a chegada de Nizamaluco, a fim de ter a glo-

Ann. de J. C. 1571.

D. Sebastiaõ Rei

D. Luiz de Ataide Conde de Atouguia Vice-Rei.

——— gloria de conseguir alguma vantagem que lhe fosse pessoal. Avançou-se no terreno que separava a Cidade dos Mouros, da dos Portuguezes á hum pequeno tiro de peça. Os bosques de Palmeiras, que havia, favoreciaõ a sua marcha. Tomou alguns lugares de fora estabeleceo-se na casa do Vigario, tomou huma pequena Hermida que chamavaõ da maõ de Deos, e do alto que dominava o mar, onde os Portuguezes, e Nizamaluco tinhaõ querido construir huma Fortaleza no tempo de Francisco Barreto. Em fim tirou linhas para pôr o seu campo em coberto.

Estando tudo assim sitiado, Mascarenhas despachou ao Vice-Rei hum Religiozo Dominico, em huma pequena curveta, para lhe fazer a relaçaõ exacta do que se passava em Chaul. A chegada d'este bom Religiozo pôs tudo em movimento. Porque em lugar de pensar nos meios de sustentar esta praça, todos unicamente votaraõ que era precizo abandonala como tambem o forte de Caranja, que estava sobre as terras de Nizamaluco, e os Fortes de Rachol, de Norva, e de Bardez, que estavaõ sobre as do Idalcaõ. O Vice-Rei bem determinado a naõ

mu-

mudar de ſentimento tomou os pareceres por eſcrito, a fim de poder fazer juſtas reprehençoens a ſeus autores depois dos acontecimentos.

Ann. de J. C. 1571.

D. SEBASTIAÕ REI.

D. LUIZ DE ATAIDE CONDE DE ATOUGUIA VICE-REI.

Com tudo enviou á Cidade hum Expreſſo para requerer ao Arcebiſpo, e á Camera de Goa, os ſeus pareceres pertencentes aos expedientes, que tinha que tomar nas conjuncturas preſentes, para ſoccorrer Chaul. O Arcebiſpo, e os Biſpos de Cochim, e de Malaca que tinhaõ hido a Goa para hum Synodo antes da declaraçaõ da guerra, votaraõ, como tinhaõ feito os outros, ſobre o que naõ lhes requeriaõ; e tendo preſiſtido nas ſuas opinioens em hum Conſelho Geral que teve o Vice-Rei, D. Luiz indignado, reprehendeo o Arcebiſpo com muita colera diſendo-lhes „ Senhor eu ſei „ tanto em materia de guerra quanto „ vós podereis ſaber em materias Ec„ cleſiaſticas: naõ vós he convenien„ te votar nas primeiras em que naõ „ entendeis; e deveis contentarvos de „ encomendar bem eſtes negocios a „ Deos nas voſſas oraçoens. „

Iſto naõ obſtante o Arcebiſpo, e os Eccleſiaſticos, a Camera de Goa, e os deſte partido fizeraõ huma deliberaçaõ á parte, cujo reſultado foi que

Ann. de J. C. 1571.

D. Sebastiaõ Rei

D. Luiz de Ataide Conde de Atouguia Vice-Rei.

que enviariaõ huma proteſtaçaõ ao Vice-Rei, pela qual o fariaõ reſponſavel á Corte de tudo o que podeſſe acontecer em prejuizo do Eſtado em conſequencia da ſua determinaçaõ, taõ contraria ao ſentimento commum. Poſto que o Vice-Rei naõ deixaſſe nunca de eſtar inquieto, com tudo naõ fez cazo d'elles, e ajuntando hum Conſelho particular de quaſi 20 das melhores juizos, os chamou a todos ao ſeu parecer, e enviou o maior ſoccorro que pôde a Chaul, em duas galeras commandadas por D. Duarte de Lima, e D. Fernando Telles de Menezes.

Chaul naõ foi ſó a praça que cauſou inquietaçaõ ao Vice-Rei no meſmo tempo. Porque elle foi informado que d'huma parte Nizamaluco mandava fazer correrias para Damaõ, e Baçaim, para conſervar eſtas praças em reſpeito, e impedir os deſtacamentos que ellas poderiaõ fazer; que o Idalcaõ da outra parte tinha enviado 13ↀ homens á Rainha de Gercopa, que ſempre inquieta, e inimiga dos Portuguezes ſe entretinha na eſperança de ſe reſtabelecer em Onor. O Idalcaõ além d'iſto tinha ſolicitado os Reis Canarins para tornarem ſobre a

For-

Fortaleza de Bracalor, pelo que elles naõ eſtiveraõ.

Ann. de J. C. 1571.

D. SEBASTIAÕ REI

D. LUIZ DE ATAIDE CONDE DE ATOUGUIA VICE-REI.

A pezar d'iſto, o Vice-Rei ſe conſervou taõ altivo, que nunca ſe moveo da ſua primeira reſoluçaõ. E certamente ninguem ſaberá dignamente admirar a firmeza deſta conducta. Porque naõ ſómente naõ ceſſou de prover em todas as praças, porém naõ quiz nunca enfraquecer nenhuma para fortificar Goa. Naõ deixou nunca de trazer no mar as ſuas frotas como em plena paz: aſſim as que cruſavaõ, como as que eſtavaõ diſtinadas para os comboios, e os tranſportes das mercadorias. Fez as ſuas expediçoens coſtumadas para Malaca, Molucas, Ormuz, Eſtreito de Meca, Moçambique, e Sofala. E para ſe desforrar com os inimigos, enviou huma frota ſobre Dabul, para lhes moſtrar, que eſtava tambem em eſtado de fazer as meſmas diverſoens que elles. Em fim ſendo-lhe feitas propoſtas, para o obrigarem a reter os navios de tranſporte, para d'elles ſe ſervir na neceſſidade prezente, e contentar-ſe d'enviar hum ſó, para info - mar a Corte da ſituaçaõ dos negocios, foi ſó tambem de parecer contrario ſobre eſte ponto, querendo que

Ann. de J. C. 1571.

D. Sebastiaõ Rei

D. Luiz de Ataide Conde de Atouguia Vice-Rei.

o Reino se sentisse menos que ninguem das novas perturbaçoens.

O Samorim, que entrava como terceiro na liga, naõ tinha ainda aparecido nas linhas, e longe de se pôr em campanha no mesmo tempo que os outros, fez entaõ proposiçoens de paz, ou porque este Principe estivesse com effeito cançado da guerra, que lhe fazia D. Diogo de Menezes, que desolava toda a sua Costa, ou porque quizesse cobrir com esta dissimulaçaõ a parte que tinha na alliança commua, e trabalhar mais seguramente nos projectos que meditava: ou em fim porque esperasse ganhar alguma coisa no embaraço em que devia achar-se o Vice-Rei, com dois inimigos taõ poderosos para combater. Tinha já feito algumas delineaçoens por meio do Governador de Challe. O Vice-Rei, pôs tambem este negocio em deliberaçaõ no seu Conselho, porém exigindo segredo de cada hum debaixo de juramento. Todos os pareceres geralmente foraõ pela paz, com todas as condiçoens que podesse ser, com tanto que lhes podessem dar alguma côr honesta, com a esperança de poderem chegar depois a melhores tempos. D. Luiz, que naõ estimava a paz se

naõ

naõ porque ella tirava as ſuſpeitas, e os perigos, penſava d'hum modo todo differente. Porém para naõ contraſtar ſempre com hum Conſelho taõ timido, moſtrou render-ſe ao commum parecer. No meſmo tempo envioú huma inſtrucçaõ ſecreta ao Governador de Challe, pela qual lhe ordenava, que fizeſſe entender ao Samorim, que o Vice-Rei naõ eſtava taõ oprimido pelas guerras, que era obrigado a ſuſtentar, que naõ podeſſe continuar em lha fazer, e que nunca attenderia nenhuma propoſiçaõ da ſua parte, em que elle meſmo ſe naõ condemnaſſe a naõ ter, e a naõ ſofrer nos ſeus portos navio algum proprio para andar a corſo; condiçaõ que o Samorim naõ devia admitir. Tambem he provavel que o dezejo que moſtrava pela paz, naõ era mais que hum puro fingimento.

ANN. de J. C. 1571.

D. SEBASTIAÕ REI

D. LUIZ DE ATAIDE CONDE DE ATOUGUIA VICE-REI.

Os inimigos tendo preparado as ſuas battarias nos differentes quarteis ao longo da Ilha de Goa, faziaõ hum fogo terrivel, principalmente no paſſo de Benaſtarim, e em hum oiteiro viſinho onde commandava Solimaõ Aga. O Vice-Rei fazia reparar habilmente de noite os prejuizos do dia. Porém iſto naõ impedia que por fim

Ann. de J. C. 1571.

D. Sebastiaõ Rei

D. Luiz de Ataide Conde de Atouguia Vice-Rei.

o effeito da ſua artilheria naõ foſſe ſenſivel, principalmente depois d'huma deſcarga, que fizeraõ no rio com todas as regras da arte, e que os pôz mais em eſtado de prejudicarem. Além d'iſto as ſuas deſcargas eraõ taõ frequentes, como ſe pode julgar pelo numero das balas que acharaõ no alojamento de Alvaro de Mendonça, onde ſe contaraõ mais de 600, de que algumas tinhaõ 5 para 6 pés de circumferencia.

O fogo dos Portuguezes naõ era taõ vivo. Apenas tinhaõ 30 peças de artilheria nas ſuas battarias de terra, porém era mais mortifero. O dos ſeus navios fazia ainda muito melhor effeito. Porque como eſtavaõ Senhores do rio, que podiaõ facilmente chegar-ſe ou recuar, naõ deixavaõ de tomar as ſuas vantagens. Eſtes navios lhes ſerviraõ além d'iſto infinitamente para fazerem os deſembarques, e darem attaques impreviſtos, de que nunca voltavaõ ſem terem queimado alguma povoaçaõ ou algum quartel, ſem deixarem algum numero conſideravel de mortos e ſem conduſirem muitos preſioneiros. Hum dia trouxeraõ taõ grande numero de cabeças, que o Vice-Rei enviou a Goa duas carretas cheias d'ellas

las para ſuſter os habitantes com a viſta d'eſtes felices fructos da guerra.

Houve com tudo no curſo d'eſta guerra, dois prodigios muito ſenſiveis. D. Fernando de Vaſconcellos, que elle tinha enviado a Dabul com 4 galeras, e duas fuſtas, alli tinha queimado dois grandes navios do Idalcaõ, do retorno de Meca com carga rica. Tinhaõ igualmente lançado fogo a outras embarcaçoens, e á algumas povoaçoens. Voltando todo gloriozo d'eſta expediçaõ, com as meſmas embarcaçoens, fez deſembarque no quartel d'Angoſcam hum dos principaes Generaes do exercito do Idalcaõ. A primeira irrupçaõ foi felis, e aſſignalada pela morte dos que tiveraõ a infelicidade de lhes cahirem debaixo da maõ; porém os inimigos voltando ſobre elle, e ſobre os ſeus, e achando-os em huma deſordem, que he quazi ſempre o effeito d'huma muito grande confiança, os desbarataraõ do meſmo modo. Os Portuguezes ſuſtentando mal eſte Choque, abandonaraõ Vaſconcellos, que morreo como valerozo abatido pelo numero. Quarenta dos ſeus, tiveraõ a meſma ſorte, e as ſuas cabeças foraõ levadas ao Idalcaõ.



D.

Ann. de J. C. 1571.

D. Sebastiaõ Rei

D. Luiz de Ataide Conde de Atouguia Vice-Rei.

D. Fernando era filho de D. Luiz Fernandes de Vaſconcellos conhecido por huma fortuna conſtantemente declarada contra elle no mar, e que pouco depois neſte meſmo tempo, commandando huma frota para o Braſil, foi attacado pelos corſarios Francezes, que lhe tomaraõ dois dos ſeus navios, onde eſtavaõ 40 Jeſuitas debaixo da conducta do Padre Ignacio de Azevedo, ſobre os quaes eſtes corſarios Calviniſtas ſe encoleriſaraõ com todo o odio que inſpira a hereſia a reſpeito dos que a combatem. D. Luiz chegando até á viſta do Braſil, foi rechaſſado pelo máo tempo, obrigado a ganhar S. Domingos, d'onde veio abordar ás Terceiras com hum ſó navio todo deſtroçado. Sabendo alli a triſte noticia da morte de ſeu filho D. Fernando, tornou a embarcar-ſe para Portugal em outro navio, porém tendo recahido na carreira d'alguns outros Corſarios Calviniſtas, foi morto, depois de ter feito toda a reſiſtencia, que ſe podia eſperar d'hum homem, que perdendo o que mais amava no mundo, naõ procurava ſe naõ morrer. A morte de D. Fernando enterneceo o Vice-Rei, que deo logo ordem a D. Jorge de Menezes, que foſſe queimar

a

a ſua fuſta, a qual eſtava encalhada, a fim de que os inimigos ſe naõ aproveitaſſem d'ella; o que Menezes fez meſmo á viſta dos inimigos depois de tirar toda a artilheria.

Ann. de J. C. 1571.

D. SEBASTIAÕ REI

D. LUIZ DE ATAIDE CONDE DE ATOUGUIA VICE-REI.

A vergonhoſa fugida de 200 Portuguezes que em huma acçaõ voltaraõ vergonhozamente as coſtas, ſem que os ſeus Capitaens, e o meſmo Vice-Rei podeſſem detellos, cauſou a D. Luiz d'Ataide hum novo diſgoſto de que naõ teve menor pena. Além d'iſto teve conſtantemente de que ſe conſolar. Os ſeus tinhaõ ſobre os inimigos vantagens muito mais frequentemente, e mais conſideraveis. Eſtavaõ ao meſmo tempo taõ colericos por eſtas ſortes de excurſoens, que o atrevimento que ellas lhes inſpiravaõ, degenerou em huma eſpecie de deſobediencia geral muito contraria ás Leis da diſciplina militar para ſer mais longo tempo ſofrida. D. Luiz as prohibio ſob pena de morte, porém a fim de a naõ executar nos ſeus, e para os reter ao meſmo tempo com exemplos de terror, uſou d'eſte extratagema. Fazia enforcar ſecretamente os Mouros brancos, que tinhaõ ſido apanhados nas excurſoens, e os fazia embrulhar em panos rotos, por onde podeſ-

Ann. de J. C. 1571.

D. Sebastiaõ Rei

D. Luiz de Ataide Conde de Atouguia Vice-Rei.

dessem ver a alvura da sua carne, e lhes fazia pregar sobre o peito hum bilhete que continha a causa do seu supplicio, como se houvessem tido outros tantos Portuguezes enforcados, por fazerem correrias, e desobedecido ás ordens: o que aproveitou perfeitamente bem.

Noricaõ tinha persuadido ao Idalcaõ que naõ era proprio da sua dignidade passar á Iha sobre as pontes, ou bateis que tinha feito levar com este designio; que era mais proprio da sua grandeza fazer entupir o leito do rio para n'elle entrar depois a pé enchuto. Tinha acabado de entulhar a passagem que estava defronte de Joaõ Lopes, e tinha adiantado muito a obra á força da terra, e de fachinas defronte do forte de Benastarim. O Idalcaõ tinha dado nesta idéa, e tinha certificado ter para esta jornada hum bellissimo cavallo Arabe, de que o Rei d'Ormuz tinha feito prezente ao Vice-Rei. D. Luiz sabendo a sua inclinaçaõ lho mandou de prezente com hum comprimento muito attento, depois de ter com tudo consultado os Jesuitas, para saber se isto naõ era incorrer nas censuras impostas pelas Bullas, que prohibem communicar armas,

ou

ou outras coizas ſimilhantes aos inimigos da Religiaõ. O cavallo paſſou para huma muito melhor eſtrebaria; era ſervido com baichela de Prata, dormia ſobre veludos, e ſobre os mais belos panos das Indias. As confeituras, as agoas cheirozas, e aſſucaradas ſerviraõ-lhe de bebida, e ſuſtento; porém a ſua boa fortuna naõ foi longa, porque depois de alguns dias foi morto por hum tiro de peça.

Ann. de J. C. 1571.

D. SEBASTIAÕ REI

D. LUIZ DE ATAIDE CONDE DE ATOUGUIA VICE-REI.

As balas faziaõ o meſmo aos homens de ambas as partes, e os levavaõ quando menos o eſperavaõ. Houveraõ muitos feridos de balas ſem perigo de morte, e o meſmo Vice-Rei foi ferido duas vezes d'eſte meſmo modo.

O Idalcaõ tinha ſuas correſpondencias na Ilha, e como as paſſagens eſtavaõ exactamente guardadas, quando os ſeus eſpias naõ podiaõ chegar a elle, faziaõ ſignaes por fogos nos lugares em que tinhaõ ajuſtado. O Vice-Rei eſtava ainda mais bem ſervido. Tinha alguns Portuguezes arrenegados no campo inimigo os quaes lhe eraõ favoraveis, que lhe naõ deixavaõ ignorar nada. A maior parte dos Generaes do Idalcaõ tinhaõ tido grandes relaçoens com os Portugue

Ann. de J. C. 1571.

D. Sebastiaõ Rei

D. Luiz de Ataide Conde de Atouguia Vice-Rei.

guezes, e naõ obſtante a guerra entreteveraõ ſempre hum commercio de civilidade, e muitos de confidencia ſecreta. Houveraõ tambem quem levaſſe a conta taõ longe, e que ſe confiaſſe tanto nos Portuguezes, que tinhaõ regulado com o Vice-Rei os ſignaes, os veſtidos, e as armas que deviaõ levar em caſo de acçaõ, a fim de poderem ſer reconhecidos, e perdoados. Em fim o Vice-Rei chegou a ganhar a eſpoza valida do Idalcaõ por meio d'hum tio, e de alguns Portuguezes arrenegados que lhe eraõ agradaveis. Por eſta cauſa ſabia todos os ſegredos d'eſte Principe, que nada podiaõ eſconder a eſta mulher. A inclinaçaõ que elle lhe tinha, ſe tinha augmentado muito por hum filho que ella lhe deo á luz no campo mesmo, e como era o primeiro que teve eſte Principe, ella lhe ficou ſendo muito mais amada. He verdade que a ſua eſpoſa principal que era irmá de Nizamaluco, o privou logo d'eſte filho que fez envenenar; porém eſta perda naõ diminuio o affecto que o Idalcaõ tinha á mai, pelo contrario augmentou-lhe as ſuas honras, e lhe fortificou a guarda, com medo de que a principal eſpoſa naõ lhe foſſe taõ funeſta como a ſeu filho.

De-

Ann. de J. C. 1571.

D. SEBASTIAÕ REI.

D. LUIZ DE ATAIDE CONDE DE ATOUGUIA VICE-REI.

Dezejavaõ a paz nos dois campos; porém mais ainda no campo inimigo. Ninguem com tudo queria fazer as primeiras propostas. O Vice-Rei dispoz tambem as coisas pelas suas maximas, que sem que ninguem mostrasse requere-la, o Idalcaõ deo plenos poderes para d'ella se tratar. As suas proposiçoens com tudo foraõ taõ exorbitantes, que pareceo verdadeiramente, que elle pessoalmente a naõ queria. Nizamaluco foi logo avisado por sua irmãa, esposa do Idalcaõ, e isto bastou para pôr este Principe em desconfiança, posto que elle devia dissuadir-se das suas sospeitas pela naturesa mesmo das proposiçoens.

Naõ aproveitando naquella parte as idéas do Vice-Rei, tramou hum novo ardil, no qual foi menos escrupulozo, do que tinha sido sobre o artigo do cavallo. O ardil tinha por fim fazer assacinar o Idalcaõ: se elle consultou sobre isto os Jesuitas, e se seguio as suas decisoens, podesse disser que nem huns, nem outros eraõ escrupulozos.

Noricaõ estava descontente, os seus envejozos naõ deixavaõ de trabalhar para o desabonarem no animo do Principe, e as coisas tinhaõ chega-

Ann. de J. C. 1571.

D. Sébastiaõ Rei

D. Luiz de Ataide Conde de Atouguia Vice-Rei.

gado a hum ponto, que Noricaõ focegado no feu quartel naõ apparecia em cafa do Idalcaõ, e tinha feito ceffar o fogo das fuas bateiras, e os outros trabalhos. O Vice--Rei naõ ignova nada, fez propor a Noricaõ que penfaffe em pôr feu filho Enermaluco no lugar do Tyrano; que elle o ajudaria com todas as fuas forças, e o faria cazar com huma filha de Meale para córar a fua ufurpaçaõ. Noricaõ recebeo a propofiçaõ no principio com horror; porém crecendo os feus difgoftos, deo ouvidos á propofiçaõ. Travou-fe a intriga, a maior parte dos Officiaes de Noricaõ entraraõ nella. Hum Brachamane que era o principal valido do Idalcaõ era d'ifto como medianeiro: porém temendo que a conjuraçaõ arrebentaffe, lhe defcubrio huma parte. Diffelhe quanto baftou para fazer prender Noricaõ. As fuas creaturas tomaraõ violentamente o rebate. Vendo porém que ifto naõ tinha outras confequencias, fe accommodaraõ, naõ julgando eftarem defcobertos. Ifto baftou com tudo para fazer abortar o projecto.

O Cerco de Chaul depois da chegada de Nizamaluco procedia mui lentamente, naõ obftante efta multidaõ efpan-

pantofa de inimigos. Houve valor, e fraquefa de parte a parte. Combates particulares em que os Mouros tiveraõ perda por perderem alli a vida; porém os tenentes Portuguezes alli perderaõ a honra, por cometerem n'isto dolo, e difigualdade no combate. Houveraõ frequentes fortidas, e frequentes attaques mui pouco confideraveis para ferem contados meudamente. D. Henrique de Betancurt, Nuno Velho Pereira, Alexandre de Soufa, e outros alli fe affignalaraõ. D. Francifco Mafcarenhas que tinha o commando Geral, e Luiz Freire de Andrade que era Governador da Fortaleza, naõ adquiriraõ menos gloria, e tiveraõ igualmente que combater contra a ferocidadade dos inimigos, o imprudente valor da nobreza Portugueza, a pouca fubordinaçaõ das tropas, e a fraquefa, e murmuraçoens dos habitantes.

Ann. de J. C. 1571.

D. Sebastiaõ Rei.

D. Luiz de Ataide Conde de Atouguia Vice-Rei.

Nizamaluco efperava com impaciencia a frota que tinha pedido ao Samorim. Tinha folicitado em particular muitos Corfarios do Malabar, e na certeza, de que elles viriaõ, tinha mandado fazer quantidade de pequenos bateis a Danda huma das fuas praças. O difignio d'efte Principe eftava mui-

ANN. de J. C. 1571.

D. SEBASTIAÕ REI

D. LUIZ DE ATAIDE CONDE DE ATOUGUIA VICE-REI.

muito bem ajuſtado. Quiz divertir os Portuguezes por hum attaque no mar em quanto fazia hum esforço geral da parte da terra com todas as ſuas tropas. Toda a boa vontade que teve o Samorim, naõ eſtava em eſtado de ſatisfazer em attençaõ de ſeus alliados pela vigilancia de Diogo de Menezes, que tinha todos os ſeus portos fechados, e lhe cauſava grandes perdas. Conſeguio com tudo fazer ſahir duas frotas ao mar, as quaes eſcaparaõ ao General Portuguez.

Huma compoſta de 22 paráos, veio abordar a Chaul de noite. Entrou na barra ſem ſer percebida, e paſſou pelo meio dos navios Portuguezes ao ſom de tambores, e outros inſtrumentos de guerra, ſem receber damno algum, pela negligencia, e pouca guarda dos que niſſo deviaõ vigiar. Eſta frota trazia 1$500 beſteiros, ou fuſileiros, que Nizamaluco deſtribuio nas ſuas tropas. A chegada d'eſta frota cauſou huma grande alegria a eſte Principe, que nella eſperava huma grande vantagem. Os Chefes que a commandavaõ ſuſtentavaõ eſta eſperança, e naõ quizeraõ eſperar a chegada de outra frota mais conſideravel, qual ſe lhes devia unir julgando-ſe ſuffi-

ſſicientes para queimarem os navios Portuguezes que eſtavaõ no porto, ou para os tomarem. Ajuſtaraõ o dia para os hirem combater. Nizamaluco quiz ſer expectador da acçaõ, d'huma Meſquita onde ſe foi pôr. Leonel de Souſa, commandante no Porto, ſe avançou com tres galeras para os receber. Porém os inimigos foraõ taõ admirados da ſua firmeza, e dos primeiros effeitos da ſua artilheria, que fugiraõ vergonhoſamente de ſorte, que foi isto menos hum combate, que huma derrota, e huma fugida. Nizamaluco preſenceando iſto, perdeo deſde entaõ com as ſuas eſperanças, toda a eſtimaçaõ que tinha concebido dos Malabares, e eſtes que ſe viraõ em deſprezo, e em eſtado de naõ fazerem nada, 20 dias depois da ſua chegada ſe retiraraõ ſem ſe deſpedirem. Paſſaraõ tambem pelo meio dos navios Portuguezes ſem ſerem viſtos por hum effeito da meſma negligencia, que lhes tinha ſido no principio taõ favoravel.

Ann. de J. C. 1571.

D. Sebastiaõ Rei

D. Luiz de Ataide Conde de Atouguia Vice-Rei.

O Vice-Rei depois dos ſoccorros que tinha enviado a Chaul, ſoccorreo tambem duas vezes eſta praça até á entrada do inverno. Rui Gonçalves lhe conduſio 200 homens, e D. Jorge

de

Ann. de J. C. 1571.

D. Sebastiaõ Rei

D. Luiz de Ataide Conde de Atouguia Vice-Rei.

de Menezes Baroche, que foi ſucceder a Luiz Freire de Andrade, no Governo deſta praça lhe levou trezentos. Com tudo iſto os inimigos naõ deixaraõ de ganhar terreno. Tinhaõ arraſado o baluarte do mar com a ſua artilheria. Tinhaõ obrigado os citiados a abandonarem muitas coiſas por fora, em particular o Moſteiro de S. Franciſco; davaõ frequentes attaques ao de S. Domingos, e a muitas outras caſas fortificadas, que tinhaõ pretendido defender.

Tinhaõ já paſſado 4 mezes. Entravaõ na cezaõ das chuvas, ſem que pareceſſe que os Reis aliados quiſeſſem deſiſtir da ſua empreſa. Pelo contrario pareciaõ determinados a paſſar o inverno nas ſuas tendas, e ainda que houveſſem propoſiçoens de paz feitas tanto da parte de Nizamaluco, como do Idalcaõ, naõ viaõ nenhuma eſperança para a concluzaõ. Os requerimentos do Idalcaõ eraõ ſempre ſoberbos, e Nizamaluco depois de ter dado o ſeu conſentimento a Farratecaõ, para entrar em negociaçaõ com Maſcarenhas, revogou-lhe os ſeus poderes, e o fez meter em priſoens, pela unica ſuſpeita de que o tinhaõ corrumpido por dinheiro. As conſequenci-

Ann. de J. C. 1571.

D. SEBASTIAÕ REI

D. LUIZ DE ATAIDE CONDE DE ATOUGUIA VICE-REI.

cias d'hum longo inverno dava muita inquietaçaõ aos Portuguezes, e principalmente ao Vice-Rei. Teve com tudo de que se consolar com o reforço que recebeo entaõ de duas das suas frotas victoriosas, que o rigor da cezaõ obrigou a refugiar-se nos seus portos.

A primeira foi a de D. Diogo de Menezes, que desfez a segunda frota do Samorim. Catiproca-Marca Almirante deste Principe, a commandava em pessoa. Voltava de Mangalor onde a Rainha o tinha chamado, confiando-se em que poderia surprender a Fortaleza com o favor da noite. Diogo de Menezes tinha tirado d'alli a guarniçaõ, e Antonio Pereira, que a commandava, tinha ficado quasi sem defensa, com alguns creados, e alguns escravos. Catiproca desembarcou com effeito taõ secretamente, que ninguem o percebeo, até que applicando as suas escadas ao muro, alguns dos seus entraraõ na Fortaleza, onde plantaraõ outras duas escadas á casa de Governador. Entaõ dois da parte de Pereira vendo-os tomaraõ a primeira coisa que lhes veio ás maõs; era este o thesouro, e o Cofre de seu amo, com que deribaraõ os que sobiaõ. Tendo ao mesmo

Ann. de J. C. 1571.

D. Sebastiaõ Rei

D. Luiz de Ataide Conde de Atouguia Vice-Rei.

mo tempo dado rebate, Pereira despertado, acudio com os seus em numero de 14, ou 15, rechassou os que o accometiaõ, dos quaes ficaraõ 5 na praça, os outros se retiraraõ depois de terem posto fogo ao tecto da casa, que era de palha, mataraõ algumas pessoas na povoaçaõ, e levaraõ o Cofre; o que desagradou a Pereira mais que tudo.

O Rei de Banguel, alliado, e amigo da Fortaleza, pondo-se em movimento á vista do fogo, e do primeiro estrondo, naõ contribuio pouco a acelerar a sua retirada. Catiproca, todo altivo com huma felicidade taõ pequena, foi ancorar de fronte da Fortaleza de Cananor, que varejou com toda a sua artilharia, a requerimento do Ada-Raja. O que lhe servio de infelicidade, porque D. Diogo de Menezes, commandava a Costa de Challe, e vinha a Cananor. D. Luiz de Menezes, e D. Inigo de Lima foraõ os primeiros que perceberaõ o inimigo, e dando tempo aos outros para chegarem, começaraõ o combate desde a boca da noite. Foi este hum dos mais memoraveis, que houveraõ nas Indias, pela corage comque combateraõ. Catiproca alli foi morto

de-

depois de fazer muito bem a sua obrigaçaõ, e maltratar muito as duas embarcaçoens de Mathias de Albuquerque, e de D. Joaõ de Lima, que se uniraõ a elle. A escuridade da noute favoreceo a fugida dos vencidos. Menefes os seguio com tudo até a Tiracol, aonde julgou que elles se retirariaõ. Alli tomou Cutial, sobrinho de Catiproca, e o cofre de Perreira, que foi restituido a seu dono. O valor, e a reputaçaõ de Cutial lhe foraõ funestos. O Vice-Rei o fez envenenar em Goa, para se livrar d'hum inimigo taõ perigozo. Os Malabares perderaõ 11 embarcaçoens neste encontro.

Ann. de J. C. 1571.

D. SEBASTIAÕ REI

D. LUIZ DE ATAIDE CONDE DE ATOUGUIA VICE-REI.

A outra frota, que tornava para Goa, era a de Luis de Mello, o qual vinha de ganhar huma bela victoria contra o Rei d'Achem. Este Principe sempre constante no seu odio contra os Portuguezes, se tinha posto no mar no anno depois da afronta, que recebeo defronte de Malaca, resoluto de a reparar a todo o custo. A sua frota era composta de 20 galeras, outras 160 embarcaçoens pequenas. Mem Lopes Carrasco com hum só navio, e quarenta homens de equipagem, e odio surdio no meio desta frota, e d'ella foi

Ann. de J. C. 1571.

D. Sebastiaõ Rei

D. Luiz de Ataide Conde de Atouguia Vice-Rei.

logo rodeado. Resoluto a morrer antes, do que entergar-se, sofreo todo o esforço desta armada por tres dias. Hum Religiozo Dominico, e hum Jesuita animavaõ continuamente a sua gente para que peleijassem com valor. Tres galeras inimigas vieraõ ao mesmo tempo sobre elle a abordagem. O seu navio estava crivado dos tiros da artilheria, e a sua gente toda retalhada de feridas, e desfigurados de modo que quasi os naõ podiaõ conhecer. Com tudo foi taõ inflammado no combate, que obrigou o Rei de Achem naõ sómente a deixalo, mas ainda a abandonar a sua empresa, para se retirar para os seus portos com 40 embarcaçoens de menos. O Rei d'Achem se remio logo d'esta disgraça, e fez partir logo huma nova frota, que deo a commandar ao Principe herdeiro dos seus Estados. Naõ era taõ numerosa como a primeira, porém era hum pouco mais forte pela qualidade das embarcaçoens, em numero quazi de 60. Mello que o procurava com huma esquadra de 14 Navios, o encontrou muito perto de Malaca. Os dous Generaes começaraõ o combate com muita animosidade, e o primeiro tiro de peça levou o Prin-

Principe Achenes. Quando o ar se aclarou hum pouco, e que se decipou o fumo de artilheria, o mar apareceo coberto de despojos, e de navios inimigos dispersos, e fugitivos. Mello naõ póde tomar mais que tres galeras, e seis fustas, comque voltou triumphante para Malaca, e dali a Goa, aonde pelo retorno das duas frotas o Vice-Rei se achou reforçado de perto de 3ꝏ. homens.

Ann. de J. C. 1571.

D. SEBASTIAÕ REI

D. LUIZ DE ATAIDE CONDE DE ATOUGUIA VICE-REI.

O Idalcaõ naõ perdeo o animo. Resolveo fazer hum esforço, e tentar a passagem por diferentes bairros. Ouviraõ tocar a caixa Real, que naõ toca nunca se naõ quando marcha o Principe em pessoa. Entraram na Ilha, chamada de Joaõ Rangel, e no Paço de Mercantor, até sinco mil homens. O Vice-Rei da sua parte fez marchar a sua gente como convinha, e em pouco tempo teve mais de 2ꝏ homens de baixo das armas. Combateraõ sobre a terra, e na agoa até aos peitos, e no espaço de duas legoas naõ se via por toda a parte mais que huma terrivel imagem da morte. O Idalcaõ era expectador da acçaõ de sima d'hum outeiro, blasfemava contra Mafoma, deitava por terra o seu turbante, e o pizava aos pés como hum furioso. Em

fim

Ann. de J. C. 1571.

D. SEBASTIAÕ REI

D. LUIZ DE ATAIDE CONDE DE ATOUGUIA VICE-REI.

fim os inimigos depois de terem ganhado honra nesta jornada, se retiraraõ depois de terem perdido muita gente. Hum dos cunhados de Idalcaõ, e Solimaõ Aga ficaraõ entre os mortos. O Santo Bispo de Malaca, Jorge de Santa Luzia, Religioso de S. Domngos, tinha predicto distinctamente esta victoria ao Vice-Rei poucos dias antes.

O Cerco da Ilha de Goa se continuou no inverno hum pouco mais vagarozamente, naõ se passou nada consideravel d'huma parte, nem da outra, se naõ que os Portuguezes tinhaõ sempre huma pouca de vantagem, e mais felicidade nos seus corsos. O Idalcaõ tentou tambem huma diversaõ, fazendo solicitar a Rainha de Garcopa para dar sobre Onor, e enviando-lhe para este effeito dois mil homens, conduzidos por Chitigaõ seu sobrinho. A Rainha da sua parte tinha 3ꝯ. A praça foi investida, e forçada de perto. porque o successo dependia da diligencia. A' primeira noticia que d'isso teve o Vice-Rei, fez partir Antonio Fernandes de Challe, com duas galeras, e 8 fustas. Em sinco dias Fernandes chegou a Onor, e de concerto com Jorge de Me-

Moura, Governador d'esta praça, deo sobre os inimigos, e os pôz em fugida, e depois de fazer huma grande mortandade, se fez Senhor do seu campo, da sua artilheria, e das suas bagagens. Antonio Fernandes de Challe era hum Indio Malabar, que se tinha feito Christaõ. Destinguio-se tambem em todas as occasioens no serviço da Coroa de Portugal, que ElRei o honrou com o habito de Christo, que elle mereceo por commandar muitas vezes os mesmos Officiaes Portuguezes, que naõ se injuriavaõ de lhe serem subordinados.

Ann. de J. C. 1571.

D. SEBASTIAÕ REI

D. LUIZ DE ATAIDE CONDE DE ATOUGUIA VICE-REI.

As diversoens que fez Nizamaluco da sua parte, naõ lhe foraõ proveitozas. As tropas que enviou contra o forte de Caranja, onde commandava Duarte Prestrelo, e contra as Fortalezas de Damaõ, e de Baçaim, foraõ sempre desbaratadas, ou voltaraõ sem fazer nada. Tambem foi em vaõ que solicitou os Mogols do Reino de Cambaia, e os Reis de Coles, e de Sarcette para se juntarem com elle, para molestar estas praças, ou procurar toma-las.

A diversaõ que fez entaõ o Samorim, foi muito mais consideravel, e muito mais importuna, porém naõ teve

Ann. de J. C. 1571.

D. Sebastião Rei

D. Luiz de Ataide Conde de Atouguia Vice-Rei.

ve melhor ſucceſſo em quanto D. Luiz ſervio. Eſte Principe naõ tinha ainda feito nada para ſatisſazer á obrigaçaõ que tinha contratado de entrar na liga', e de marchar peſſoalmente. As correrias de D. Diogo de Menezes o tinhaõ conſervado como em diſgraça por toda a primavera. Em fim eſte Principe ſe pôz em campo perto do fim do mez de Junho, e foi citiar o forte de Challe, diſtante duas legoas da Cidade Capital. O ſeu exercito era tambem de 100ф. homens, entre os quaes havia hum grande numero de beſteiros. Tomou os ſeus quarteis em torno da praça, bateo-a furioſamente com 40 peças de artilheria de bronze, e ſe aplicou a fechar as paſſagens a todos os ſoccorros. A entrada da barra eſtava tambem defendida pelas ſuas battarias á flor d'agoa, que o primeiro ſoccorro enviado por D. Antonio de Noronha Governador de Cochim naõ pôde entrar, e foi obrigado a tornar para tras. Fernando de Souſa, que conduſio hum de Cananor, foi mais atrevido; porém o ſoccorro era pequeno. O Vice-Rei naõ teve noticia d'eſte cerco ſe naõ no mez d'Agoſto: fez partir logo D. Diogo de Menezes, que naõ pôde tomar

mar

Ann. de J. C. 1571.

D. SEBASTIAÕ REI

D. LUIZ DE ATAIDE CONDE DE ATOUGUIA VICE-REI.

mar ſe naõ duas galeras em Goa com as quaes foi procurar outras deſaſete para 18 em diverſas partes, e com toda a diligencia que fez, naõ pôde chegar ſe naõ no fim de Setembro. Em o tempo que chegou, padeciaõ fome na praça, e de quaſi 700 peſſoas que tinha o Governador D. Jorge de Caſtro, naõ havia mais do que ſeſſenta em eſtado de pegar em armas.

Como a dificuldade conſiſtia em paſſar por entre as battarias, Menezes determinado a vence-la, fez meter em hum grande battel viveres para dois mezes, e 50 bons ſoldados com todas as ſortes de muniçoens de guerra. Diogo d'Azambuja o devia preceder com a ſua galera. Antonio Fernandes de Challe, e D. Liuz de Menezes o deviaõ levar a reboque com as ſuas fuſtas, em quanto as outras embarcaçoens eſtavaõ fora da barra. A coiſa ſe fez como a tinhaõ projectado. O ſoccorro entrou em alto dia a traves d'hum diluvio de balas. D. Luiz de Menezes foi o primeiro que ſaltou em terra ſeguido de Fernando de Mendonça, ſobrinho de D. Diogo o qual commandava os 50 ſoldados, e ſoſtentado por huma ſortida que fez Franciſco de Souſa, que dando

ſo-

Ann. de J. C. 1571.

D. SEBASTIAÕ REI

D. LUIZ DE ATAIDE CONDE DE ATOUGUIA VICE-REI.

fobre os inimigos matou perto de 600. Os que tinhaõ introdufido o foccorro foraõ obrigados com tudo a retirar-fe bem de preça pelo mefmo caminho, e com o mefmo perigo, fem ter podido tirar do forte as bocas inuteis conforme a ordem que tinha do Vice-Rei. D. Antonio Fernandes de Challe teve tempo de levar fua mulher para fua infelicidade; porque fahindo da barra perdeo ella a cabeça por huma bala d'artilheria. Naõ morreraõ mais que 40 Portuguezes na paffagem das tres embarcaçoens.

Os Citiantes de Chaul ganhavaõ fempre terreno pouco a pouco. Foraõ obrigados a abandonar-lhe fucceffivamente muitos poftos, tiraraõ-lhe alguns outros. Meteraõ no fundo a galera que tinha levado D. Jorge de Menezes Baroche, a que chamavaõ a Batarda do Vice-Rei. Os combates de maõ eraõ mais frequentes. Havia mais de 400 Portuguezes mortos, e ainda que as perdas de Nizamaluco foffem mais confideraveis em fi, ellas o eraõ muito menos refpectivamente. Finalmente em 29 de Junho efte Principe refolveo dar hum affalto Geral a todos os poftos, para imitar o que tinha feito o Idalcaõ. Todas as fuas

tro-

tropas foraõ com effeito em movimento n'aquelle dia; porém isto naõ foi propriamente se naõ hum vaõ apparato, que naõ deixou com tudo de lhe custar 120. homens. A acçaõ começou no outro dia cedo. Durou huma parte do dia. Fizeraõ-se belas acçoens d'ambas as partes; porém em fim os Mouros deixando perto de 4000 homens estendidos no campo, foraõ obrigados a tocar á retirada, e a se retirarem bem desbaratados.

Ann. de J. C. 1571.

D. SEBASTIAÕ REI

D. LUIZ DE ATAIDE CONDE DE ATOUGUIA VICE-REI.

Depois da batalha mandaraõ pedir a licença de levarem os seus mortos; o que lhes concederaõ, e nesta especie de tregoa requereraõ „ „ Que era huma mulher que tinha „ combatido na sua frente, disendo „ que elles lhe tinhaõ visto fazer pro„ digios de valor, e que teriaõ gran„ de disgosto de que a matassem. „ Outros diziaõ, „ Que a tinhaõ visto „ toda brilhante com huma luz que os „ cegava, ajuntando que era esta appa„ rentemente a *Dama Marlan*. „ Assim he que chamaõ á Santa Mai do Nosso Redemptor, á qual estes Indios Musulmanos tinhaõ huma grande veneraçaõ, por causa da protecçaõ que lhe tinhaõ visto dar aos Portuguezes em muitas occasioens. Nesta occaziaõ muitos

se

Ann. de J. C. 1571.

D. Sebastiaõ Rei

D. Luiz de Ataide Conde de Atouguia Vice-Rei.

ſe converteraõ, e ſe fizeraõ Chriſtaõs ſem outro motivo, depois de levantado o cerco; Aſſim o dizem os Autores Portuguezes.

Depois d'eſta ultima acçaõ, Nizamaluco cuidou ſeriamente na paz, e naõ cuidou em outra coiſa, que de a tratar d'hum modo que ſalvaſſe a ſua honra. Eu creio com tudo que a iſſo o naõ obrigou, tanto perda que tinha tido entaõ, como as ſuſpeitas que concebeo do Idalcaõ, que elle ſabia ter ſido ſolicitado pelos outros Principes do Reino de Decaõ para ſe ligar com elles contra elle, e prezumia que houveſſe ſempre alguma eſpecie de negociaçaõ declarada com o Vice-Rei. Porque ainda que o Idalcaõ foi certamente ſempre fiel a alliança que tinha contractado, com tudo como eſtes Principes eſtavaõ em huma deſconfiança continua huns dos outros, e faziaõ commumente eſcrupulo de faltar á ſua palavra, naõ era precizo mais que a menor ſuſpeita para os fazer mudar.

Em quanto as coiſas tomavaõ huma taõ boa marcha em Chaul, os inimigos affectavaõ eſpalhar em Goa falſas noticias da ſua tomada, e de tempos em tempos lhes viaõ fazer eſpecies

Ann. de J. C. 1571.

D. SEBASTIAÕ REI

D. LUIZ DE ATAIDE CONDE DE ATOUGUIA VICE-REI.

cies de festa para fazerem acreditar estes falsos rumores, que afligiaõ tanto mais o Vice-Rei, que tinha sido só do parecer de defender esta praça. Isto dava bom motivo ás murmuraçoens dos seus invejozos, e do povo que se emancipava tanto mais para rebentar em satiras, por padecer fome, estando redusido a viver d'hum pouco de peixe pescado com grandes riscos, e com humas poucas d'ervas pelo aperto de Vice-Rei; o qual tendo cheios os seus celeiros, usava d'huma grande economia por precauçaõ para o futuro.

O Idalcaõ, que naõ ignorava os justos motivos de inquietaçoens que devia haver d'este descontentamento Geral, lhe preparava ainda outra intriga; a qual teria acabado a guerra com vantagem sua, se tivesse tido exito. Porque elle tinha praticado huma intelligencia em Goa para lançar fogo ás polvoras, e aos armazens. As polvoras tinhaõ começado a faltar, e o Vice-Rei para enganar o Idalcaõ, havia fingido ter huma grande abundancia. E para fazer acreditar este engano, tinha feito encher muitos barris d'area em modo de polvora com muito segredo d'huma parte, e publi-

Ann. de J. C. 1571.

D. Sebastiaõ Rei.

D. Luiz de Ataide Conde de Atouguia Vice-Rei.

blicidade pela outra, para lhe poder impôr. D. Luiz foi muito bem servido para descubrir a nova intriga do inimigo. Este fez procurar os culpados, achou dois que fez enforcar; para os outros, cujo crime naõ foi inteiramente verificado, contentou-se de os meter nas galeras, e deo ordem ao Ciero que vela-se na segurança da Cidade, e que redobra-se a guarda dos armazens.

D. Luiz da sua parte preparava novas battarias, para dar que fazer ao Idalcaõ, e para o occupar por outra parte. Porque em quanto elle se mostrava muito frio sobre as negocios da paz que hiaõ sempre caminhando, elle a dezejava com hum extremo ardor, e fazia tudo o que podia para obrigar o Idalcaõ a procura-la por si mesmo. O rodeio que tomou lhe aproveitou. Isto servio de pôr em movimento os Principes herdeiros do Rei de Narsinga, que o Idalcaõ tinha vencido. Naõ se dirigio ao mais moço que a visinhança do Idalcaõ tinha em respeito, e que o temor tinha obrigado a fazer-se seu vassallo. Recorreo ao mais velho, que era mais poderoso, e que naõ tinha nunca feito tratado com o Idalcaõ victoriozo.

Pa-

Ann. de J. C. 1571.

D. SEBASTIAÕ REI

D. LUIZ DE ATAIDE CONDE DE ATOUGUIA VICE-REI.

Para melhor cobrir esta negociaçaõ, o homem de que o Vice-Rei se servio, passou para o campo do Idalcaõ como desertor, e de lá a Bisnaga, onde as suas proposiçoens foraõ recebidas com cubiça. O Idalcaõ o soube. Pouco depois teve a noticia da retirada do cerco de Chaul, e que Nizamaluco tinha feito a sua paz. Entaõ começou a tomar as suas medidas para se retirar sem ter feito a sua. Executou este projecto com muito artificio, dando ordem a fazer partir toda a sua artilheria, e suas bagagens sem estrondo, em quanto Angostaõ, Rumecaõ, e Moratecaõ serviaõ a cobri-los, ficando nos seus quarteis onde faziaõ de modo a guerra, que continuavaõ sempre as suas negociaçoens para á paz: porém o Vice-Rei a quem esta partida do Idalcaõ naõ podia ser occulta, embaraçou-se pouco em concluir esta paz, esperando achar-se bem de pressa em estado de a dar como Senhor.

Assim se terminou o maior esforço d'esta conjuraçaõ, que tinha tido o Vice-Rei suspenso quasi dez mezes, nos quaes se pode dizer que elle sustentou só d'algum modo o Estado decadente das Indias, sem perder hum pal-

Ann. de J. C. 1571.

D. Sebastiaõ Rei.

D. Luiz d'Ataide Vice-Rei.

palmo de terra. Os Principes ligados pelo contrario tiveraõ grandes perdas, inevitaveis em huma taõ grande multidaõ, e em hum taõ longo tempo. Ellas foraõ menores com tudo que a da sua reputaçaõ, naõ tendo por assim dizer podido avançar hum passo com taõ grandes forças contra hum inimigo taõ fraco em comparaçaõ, e de que toda a força consistia quasi em huma só cabeça.

Porém o victorioso D. Luiz naõ se pôde aproveitar das suas vantagens, nem gozar do fructo dos seus trabalhos. Quatorze dias depois da retirada do Idalcaõ, D. Antonio de Noronha, que eu suspeito ser hum neto de D. Affonso, como tambem o outro D. Antonio, que estava actualmente Governador de Cochim chegou de Portugal, donde tinha partido neste anno com as provisoens da Corte, para lhe succeder na mesma qualidade de Vice-Rei. D. Luiz que o recebeo em Goa, lhe entregou na maõ o Governo, e foi embarcar-se a Cochim para Lisboa, onde ElRei o recebeo com grandes honras, e lhe deo a direita superior a elle de baixo do palio na prociſsaõ solemne, que foi feita em acçaõ de graças das grandes felicidades que tinha tido nas Indias.

D. Antonio de Noronha Vice-Rei.

Se-

Ann. de J. C. 1572.

D. SEBASTIAÕ REI.

D. ANTONIO DE NORONHA VICE-REI.

Se Noronha chegou muito tarde para tirar a D. Luiz d'Ataide a gloria de ter feito fugir o Idalcaõ, teve a confolaçaõ de fazer com elle a paz com condiçoens vantajozas. Porém apenas foi ella regulada, e affignada, que os navios, que o novo Vice-Rei acabava de mandar a corfo, violaraõ efta paz fem razaõ, tomando dois navios d'efte Principe, que vinhaõ de Meca, e naõ tinhaõ querido moftrar os feus paffaportes. D. Henrique de Menezes que commandava a frota, pagou muito caro a culpa que nifto cometeo. A tempeftade tendo-o levado para hum dos portos do Idalcaõ, alli foi feito prefioneiro, e tranfportado a Bilgaõ, onde o Idalcaõ o confervou em hum carcere, e cuftou muito a receber o feu refgate, depois d'hum longo, e rigorofo cativeiro. As outras embarcaçoens defta frota cahiraõ nas maõs dos Malabares, que os obrigaraõ a fe render, depois de cuftar a vida a Manoel de Mafcarenhas, a Fernando de Soufa Coutinho, e a alguns outros Officiaes pela fua imprudente temeridade.

A confolaçaõ que pôde ter Noronha de ter feito a paz com o Idalcaõ, foi bem agoada pelo difgof-

Ann. de J. C. 1572.

D. Sebastiaõ Rei.

D. Antonio de Noronha Vice-Rei.

to que teve de naõ ter podido ſoccorrer a tempo a Fortaleza de Challe. Elle lhe tinha no principio deſtinado dois ſoccorros differentes, que foraõ empregados em outra parte, porque D. Diogo de Menezes tornando ſobre eſtas circunſtancias, alli foi enviado com mais de 1$500. homens. Porém já o negocio eſtava feito. D. Jorge de Caſtro enfraquecido pela ſua idade de 80 annos, vencido pelas lagrimas d'huma eſpoza moça, e das outras mulheres da praça, as quaes ſe naõ acharaõ com o valor das de Diu, excitado tambem pela fraqueza de muitos Officiaes, ſempre muito prudentes para proverem na ſua ſegurança, naõ comettendo ſe naõ a gloria d'outro, tinha já entregado a praça por capitulaçaõ, antes que nella tiveſſem feito alguma brecha, deshonrando aſſim as ſuas cans, e a ſua Naçaõ, por huma tacha tanto mais infame, e tanto mais ſenſivel, por naõ haver ainda igual exemplo nas Indias.

D. Diogo de Menezes recolheo eſte infelis velho, e a ſua fraca guarniçaõ, que o Rei de Tanor tinha recebido na ſua caſa. Conduſios depois a Cochim, onde trouxe a má noticia d'eſta entrega. Menezes

e

Ann. de J. C. 1572.

D. SEBASTIAÕ REI

D. ANTONIO DE NORONHA VICE-REI.

e Mathias d'Albuquerque tendo repartido a sua frota entre si, se dividiraõ para hir andar a corso, e se ajuntaraõ depois para attacarem, e demolirem hum forte, que hum Naique vassallo do Idalcaõ tinha levantado na embocadura do pequeno rio de Sanquiser. Elles o conseguiraõ: porém custou a vida ao celebre Antonio Fernandes de Challe, cujo corpo foi transferido a Goa, onde foi sepultado com honras quasi similhantes ás que faziaõ aos Vice-Reis.

Novos cuidados impediraõ o Vice-Rei de se vingar do Samorim d'huma taõ grande afronta como a tomada de Challe, e o chamaraõ para o Reino de Cambaia, onde tinha succedido huma nova revoluçaõ. Gelaled Mahamed Hecbar Pat-cha Rei dos Mogols, se tinha assenhoreado d'elle, chamado por Itimiticaõ, que lhe tinha entregado a pessoa do Rei, que tinha feito, ou porque este fosse seu filho, como dizem, ou porque este fosse o filho do ultimo Rei, como elle mesmo o dizia, ou alguma outra personagem, que lhe substituhio. Naõ se sabe qual foi o motivo que o levou a este extremo. As relaçoens, e as memorias d'estes tempos come-

 çaõ

ANN. de J. C. 1572.

D. SEBASTIAÕ REI.

D. ANTONIO DE NORONHA VICE-REI.

çaõ a faltar. Como quer que seja Imiticaõ julgou achar alli a sua felicidade, e tinha feito o seu tratado para governar o Reino em qualidade de Vice-Rei.

Hecbar Senhor d'um taõ poderoso Estado, sem ter quasi tirado a espada, quiz reunir os pedaços que lhe tinhaõ sido desmembrados, e veio acampar-se na visinhança de Damaõ, e de Baçaim com hum poderoso exercito. D. Luiz d'Almeida Governador d'esta primeira praça, avisou disto logo o Vice-Rei, que alli voou com huma belissima frota. A presença de Noronha fez mudar de parecer a Hecbar. Julgou este que convinha melhor aos seus negocios viver hem com os Portuguezes.; fez com elles a sua paz, e tornou para Amadaba, onde acabou de assegurar-se do Reino, fazendo cortar a cabeça a Imiticaõ, que recebeo assim da maõ d'hum ingrato o justo castigo das suas ingratidoens a respeito dos seus Soberanos.

As duas disgraças que tinha tido o Rei d'Achem nas duas ultimas vezes em que se tinha empenhado a hir sitiar Malaca, o tinhaõ impedido de ajudar os Principes alliados, e de estar em campo no mesmo tempo que elles conforme o seu ajuste. Naõ podiaõ

diaõ imputar-lhe que tinha faltado por seu gosto. Trabalhava em reparar as suas perdas; e tanto que elle esteve pronto, partio com huma frota taõ numerosa como as primeiras quasi no mesmo tempo, que o Idalcaõ, e Nizamaluco, cansados dos seus esforços inuteis, se retiraraõ com disgosto, e com a vergonha de naõ terem conseguido os seus projectos.

Ann. de J. C. 1572.

D. SEBASTIAÕ REI

D. ANTONIO DE NORONHA VICE-REI

No mesmo dia que elle chegou, desembarcou perto de 700 homens de tropas. Lançou fogo á povoaçaõ d' Ilher, a qual se teria queimado toda se naõ houvesse huma chuva que o apagou. Fez igualmente diligencia para queimar os navios do arcenal, e naõ o podendo conseguir, estabeleceo os seus quarteis, e entrou a bater a Cidade furiosamente. Faltavaõ homens, viveres, muniçoens, e geralmente tudo. A consternaçaõ era grande. Apenas pensavaõ em se defender do outro modo, se naõ com rogativas, procissoens, e lagrimas com que esta Cidade procurava abrandar a colera de Deos, e implorar a sua misericordia, que ella naõ merecia: porque era huma verdadeira Babylonia pelo excesso dos vicios. Nestas tristes circunstancias chegou Tristaõ da Veiga

Ann. de J. C. 1572.

D. Sebastião Rei

D. Antonio de Noronha Vice-Rei

——ga com hum unico navio que voltava das Ilhas de Sunda. Toda a Cidade recorreo a elle mesmo como ao seu Anjo tutelar. Que a Providencia lhes enviou para os fazer esperar contra toda a esperança. Tristaõ cheio de valor, e de fé tomou a commissaõ, fez preparar nove, ou dez embarcaçoens velhas, e podres, que estavaõ no arcenal, e tendo alli distribuido 300 homens, que faziaõ compaixaõ pela sua desnudez, molestias, e fome que tinhaõ padecido, foi procurar a frota inimiga, que achou no belo rio. E com huma resoluçaõ heroica, descendo em huma galiota, depois de ter confiado o governo do seu navio a outro, foi o primeiro que attacou a Capitania. Todos os outros Officiaes o ajudaraõ perfeitamente. O combate foi cruento. Em fim pôz esta numerosa frota em fugida, tomou quatro galeras, e sete fustas, meteo muitas ao fundo, matou 700 inimigos, e livrou assim Malaca, para onde voltou victorioso, e onde custava a crer huma tal victoria.

Malaca padecia sempre, em parte por razaõ da distancia do Indostam, em parte tambem hum pouco por culpa dos Vice-Reis, e Governa-

nadores Geraes das Indias, que muito occupados com as praças, que tinhaõ na ſua viſinhança, entereſſavaõ-ſe menos nas que eſtavaõ mais diſtantes, ou porque d'ellas tiraſſem menos proveito, ou porque tomaſſem por pretexto as guerras, que elles meſmos tinhaõ que ſuſtentar. Que ſe ſegundo as occaſioens faziaõ algum esforço nas neceſſidades urgentes, entaõ ou os ſoccorros que elles enviavaõ chegavaõ muito tarde, ou eraõ muito fracos. Aſſim Malaca ſe vio ſempre em temor da parte dos inimigos que a cercavaõ: inimigos que podiaõ bem humilhar; porém que naõ podiaõ abater. Com iſto eſta Cidade criminoza naõ ceſſava de merecer as vinganças de Deos, e era o theatro da cubiça, e da luxuria.

Ann. de J. C. 1572.

D. SEBASTIAÕ REI

D. ANTONIO DE NORONHA VICE-REI.

Para obviar eſte primeiro mal, ElRei D. Manoel tinha querido limitar o poder dos Governadores das Indias, cuja eſphera era muito vaſta, e tinha repartido as ſuas conquiſtas do novo mundo em differentes Governos independentes. Porém iſto tinha ſido mal ſuccedido, como já vimos. El-Rei D. Sebaſtiaõ capacitado d'eſta primeira idea, e perſuadido da ſua neceſſidade quiz practicala, e fez tres Governos. O primeiro deſde o Cabo

das

ANN. de J. C. 1572.

D. SEBASTIAÕ REI

D. ANTONIO DE NORONHA VICE-REI.

das Correntes na Africa oriental, até ao de Guardafu; o ſegundo deſde eſte ultimo Cabo até ao de Comorim; e o terceiro deſde o Golpho de Bengala até á China. Fazendo eſta diviʒaõ, enviou D. Antonio de Noronha á India com o titulo de Vice-Rei, e nomeou para os outros dois Governos Franciſco Barreto para o primeiro, e Antonio Monis Barreto para o ſegundo, ambos com o ſimples titulo de Governadores.

Antonio Monis Barreto tendo chegado a Goa, obrigou o Vice-Rei a expedi-lo para o ſeu Governo, ſegundo as ordens que tinha da Corte, e fez no meſmo tempo propoziçoens muito exorbitantes. O eſtado das Indias naõ ſupportava certamente que tiveſſem reſpeito aos ſeus requerimentos principalmente ſobre o fim da guerra' que acabavaõ de ſuſtentar, e que naõ eſtava ainda bem extincta. O Vice-Rei fez quanto pôde para o perſuadir da razaõ, e obrigar a moderar as ſuas pretençoens. Barreto ſe picou', recuſando partir com os ſoccorros que lhe queriaõ dar, e eſcreveo occultamente á Corte cartas cheias de fel, e de amargura: deſte modo ficou Malaca ſem ſoccorro por mais d'hum anno.

Só

Ann. de J. C. 1573.

D. SEBASTIAÕ REI

D. ANTONIO DE NORONHA VICE-REI.

Só ſobre a Carta de Barreto, enviou a Corte ordem de depôr o Vice-Rei. Franciſco de Souſa, que commandava a frota partida do Reino, mal póz pé em terra, foi levar os deſpachos d'ElRei ao Arcebiſpo D. Gaſpar, a quem ſe dirigiraõ. Eſte homem reſpeitavel pelas ſuas cans, e ſua dignidade; porém ſimplez, e ignorante nos negocios do mundo, cometeo entaõ hum erro enorme, que ſe naõ devia nunca eſperar da ſua idade, do ſeu caracter, nem da ſua virtude. Porque em lugar de tomar conſelho, tendo principalmente nas cartas da Corte coiſas, que ſe podiaõ interpretar benignamente, tranſportado d'hum zelo imprudente, e pode ſer tambem que liſongeado com a vaidade de ter para executar huma ordem d'eſta importancia, ajuntou todos os corpos na ſua Igreja, e fez ler por hum Alcaide as ordens que lhe tinhaõ vindo, e entrega, a Antonio Monis Barreto proviſoẽs para ſucceder a Noronha.

Depois deſte terrivel eſtrondo com o meſmo paſſo, e com a meſma imprudencia, o Arcebiſpo ſeguido de todo eſte Conſelho tumultuoſo, foi ler ao Vice-Rei a Sentença da ſua depoſiçaõ. Noronha ouvio com huma conſ-

ANN. de J. C. 1573.

D. SEBASTIAÕ REI

D. ANTONIO DE NORONHA VICE-REI.

constancia que enternecia aquelles mesmos que a ouviaõ, e que lhe faziaõ a justiça de crer que elle naõ a merecia. Com tudo elle, sua esposa, e D. Fernando Alvares de Noronha morreraõ de disgosto no navio que os trazia para Porrugal. O Ministro que tinha enviado da Corte a ordem precipitada, e inconsiderada, concebeo d'isto tambem tanto disgosto, que morreo igualmente. O Arcebispo, e Barreto deveriaõ morrer de vergonha, e de arrependimento, o que lhes naõ aconteceo. Bela instrucçaõ sobre a vaidade das coisas humanas, onde se vê a vida, e a fortuna d'hum homem de merecimento, e de grande dignidade depender ao mesmo tempo da paixaõ d'hum homem enteressado na sua propria causa, falso, e violento nas suas informaçoens, e da furia d'hum Ministro inconsiderado, e pouco acautelado, e da simplicidade, ou da vaidade d'hum beato sem luzes.

Depois deste exemplo de terror de que Barreto era de alguma sorte o autor, e o executor mesmo: que naõ julgava que devesse fazer mais impressaõ nelle, do que em outro qualquer, e inspirar-lhe medo d'huma Corte, que mostrava tanta severidade só pe-

ANN. de J. C. 1573.

D. SEBASTIAÕ REI

ANTONIO MONIS BARRETO GOVERNADOR.

pela falta de respeito devido ás suas ordens? Elle se achava justamente no mesmo caso que lhe tinha feito parecer o seu culpado. Elle era Governador Geral, e Senhor. D. Leonel Pereira lhe succedeo no Governo de Malaca. Barreto tinha recebido ordens para o proverem, ainda mais fortes do que tinhaõ sido as de Noronha em seu favor. Tinha noticia de que Malaca estava de novo reduzida a grandes extremidades. Ella estava muito mais precizada por terem deixado de lá hir no anno passado. A India naõ se achava em huma situaçaõ taõ má, como a em que se tinha achado, quando os seus mais poderosos Principes estavaõ armados contra ella, assim como estavaõ na chegada de Noronha. Pereira fazia requerimentos muito mais moderados, e se contentava com muito menos. Naõ obstante isto Barreto teve animo de recusar a Pereira tudo o que elle pedia, e a Corte, a quem naõ deixaraõ de fazer queixas muito vivas, posto que muito mais offendida por esta reincidencia de desobediencia, naõ ousou proceder contra este, que era muito mais criminoso que o seu predecessor; de quem tinha elle mesmo tanto exagerado a cul-

ANN. de J. C. 1574.

D. SEBASTIAÕ REI

culpa, porque ella tinha uſado de muito rigor a reſpeito daquelle que menos o merecia, ou que inteiramente o naõ merecia. Eſtranha fraqueſa, e prova ſenſivel que muitas vezes os homens naõ ſaõ, ou naõ paſſaõ por culpados, ſe naõ como o parecem aquelles de quem dependem.

ANTONIO MONIS BARRETO GOVERNADOR.

D. Jorge de Caſtro foi d'ſto tambem huma prova no anno ſeguinte; porém triſte. A Corte eſtava ainda no goſto da ſeveridade. Ella mandou que lhe fizeſſem o ſeu proceſſo, por ter entregado a Fortaleza de Challe ao Samorim; e a eſte infelis velho foy a cabeça cortada em hum cadafalſo na praça publica de Goa. Podiaõ certamente deſculpa-lo, ou deviaõ fazer o proceſſo aos outros que o aconſelharaõ taõ mal. O miniſterio moſtrou ter penſado aſſim, ſem o que ſe fazia rediculo, enviando no anno ſeguinte proviſcens para lhe confiar outro Governo.

A' medida que Malaca ſentia augmentar a ſua fraqueſa pelo deſemparo em que a deixavaõ os que eſtavaõ encarregados de proverem na ſua ſalvaçaõ, via crecer o numero dos ſeus inimigos. A Rainha de Japara alli enviou primeiro

ro que ninguem 15$. Javas, com huma poderosa frota de 80. Juncos, e mais 220. Calaluses. Tristaõ Vaz da Veiga, que depois da sua victoria tinha continuado a sua derrota para ás Ilhas do Sunda, estava de retorno para Malaca, e o povo lhe tinha rogado, que quisesse entrar em posse do Governo vago por morte de D. Francisco Henriques. Vaz foi tambem o Anjo tutelar d'esta pobre Cidade com algum soccorro, que a providencia lhe enviou, teve a gloria de triumphar de toda esta numerosa armada.

Ann. de J. C. 1594.

D. SEBASTIAÕ REI

ANTONIO MONIS BARRETO GOVERNADOR.

Os Javas tinhaõ formado hum cerco regular, e estabelecido suas estancias. Joaõ Pereira que Vaz enviou, lhes tomou huma com sete peças d'artilheria. Depois d'este primeiro ensaio Pereira foi lançar fogo á frota d'elles, que pegou de modo, que consumio 30 Juncos, e huma maquina, que elles tinhaõ preparado para tomarem hum dos bastioens da Fortaleza. Pereira tendo-se depois metido em emboscada com a sua pequena frota para lhes cortar os viveres, os Javas enfraquecidos, por huma parte por huma molestia, que fez morrer perto de metade, da outra pela fome que padeciaõ, depois que Pereira tinha occu-

Ann. de J. C. 1575.
D. Sebastiaõ Rei

Antonio Monis Barreto Governador.

cupado todos os eſtreitos fazendo corſo, ſe tornaraõ a embarcar com precipitaçaõ. Pereira os ſeguio, e lhes deſbaratou a ſua ultima linha. Fizeraõ a ſua retirada precipitada em menos de tres horas. Tendo durado o cerco tres mezes.

Tanto que eſte exercito fugitivo deſapareceo, viraõ vir o do Rei d'Achem, que era ainda mais formidavel, que os precedentes. Triſtaõ Vaz reduſido á neceſſidade pela falta de viveres, tinha enviado Joaõ Pereira para ſe apoderar d'huma paſſagem com tres embarcaçoens, e facilitar os comboios de viveres. A frota inimiga cahio ſobre elles. Em pouco tempo os tres Capitaens foraõ mortos com 72 dos ſeus, 40. foraõ feitos preſioneiros, ſinco ſómente ſe ſalvaraõ a nado. Eſta perda pôz a Cidade nos ultimos extremos: naõ reſtavaõ alli mais que 150. Portuguezes, a maior parte em eſtado de naõ pegarem em armas. A polvora, e os viveres lhes faltavaõ. Todo o ſeu recurſo eſtava em Deos, que moſtrou querer ainda ſalvar milagroſamente eſta Cidade criminoſa. Porque o ſilencio, que alli havia por falta de polvora, e a conſternaçaõ em que todos eſtavaõ, tendo feito temer ao Rei d'A-

d'Achem alguma ſurpreſa, ou algum engano de guerra, poſſuido d'eſte terror panico, eſte Principe levantou o cerco com huma precipitaçaõ extraordinaria, e deixou a preſa, quando a tinha já entre as maõs.

Ann. de J. C. 1576.

D. SEBASTIAÕ REI

O Governador Geral tinha alguma empreſa na idéa, e entrou na precisaõ de fazer os preparativos. A fim de ſe juſtificar com á Corte das recuſaçoens, que tinha feito a D. Leonel Pereira dos ſoccorros, que lhe tinha pedido para Malaca, pela neceſſidade em que ſe achavaõ as Indias, tomou por empreſtimo do Senado de Goa 20ф pardáos. Porém nam tendo cauçaõ para dar, lhe obrigou ſeu filho Duarte Monis de idade de oito annos. O Senado tratou mal o Governador neſta occaſiaõ, em comparaçaõ ao modo de que tinha uſado com D. Joaõ de Caſtro, ao qual elle envioú os cabellos da ſua barba, que lhe ſerviaõ de penhor, e deo-lhe mais do que elle pedia: em lugar que naõ concedendo a eſte ſe naõ o empreſtimo, que elle pedia, aceitou o penhor. Eſta diferença de procedimento, fazendo ſentir a que faziaõ d'homem, a homem picou tanto mais Barreto, que ſe liſongeava de que com elle uſariaõ me-

ANTONIO MONIS BARRETO GOVERNADOR.

Ann. de J. C. 1576.

D. Sebastiaõ Rei

melhor. He verdade que a incerteza em que estavaõ sobre o modo com que a Corte julgaria da sua conducta a respeito de D. Leonel Pereira, deveo influir muito em hum procedimento taõ pouco decente, e pouco obrigatorio.

Antonio Monis Barreto Governador.

Nos naõ vemos que houvesse alguma consequencia d'este emprestimo, nem que Monis Barreto fizesse alguma empresa consideravel no seu Governo. Nos achamos sómente que Joaõ da Costa com duas galeras, e 24 fustas correndo a Costa do Malabar abateo o Rei de Tolar, e o Samorim, queimando muitas das suas povoaçoens. Carregou a sua vingadora maõ mais particularmente sobre este, arruinando-lhe absolutamente a Ilha de Challe, e hum pouco mais longe huma das suas cazas de recreio, onde o seu sobrinho, Principe herdeiro 'foi morto; o que lhe custou infinitamente mais do que todas as outras perdas.

Foi quasi naquelle tempo, que quatro Religiosos da ordem de S. Francisco, que tinhaõ por Prelado hum santo homem chamado o Padre Alfaro, entraraõ na China para pregarem o Evangelho. Ficaraõ algum tempo em Cantaõ, onde trabalharaõ com muito

to zelo na converſaõ das almas; porém vendo que o fructo naõ reſpondia aos ſeus trahalhos, tornaraõ para Macáo.

Ann. de J. C. 1576.

A diviſaõ dos Governos tendo ſido muito mal ſuccedida da parte de Malaca, foi ainda muito mais infelis, poſto que em outro genero, no da Africa. ElRei D. Sebaſtiaõ obrigado pelo ſeu conſelho a fazer eſta repartiçaõ, tinha tido por objecto neſta fazer-ſe Senhor das Minas de Monomotapa, que lhe affirmavaõ ſer huma fonte inxaurivel de riqueſas immenſas, e huma empreſa facil.

D. SEBASTIAÕ REI

ANTONIO MONIS BARRETO GOVERNADOR

O Imperio do Monomotapa ou Benomotapa comprehende huma grande parte da Ethiopia baixa, deſdo Imperio dos Abexins até ao Cabo de Boa Eſperança, Norte, e Sul; e da Coſta de Zanguebar até aos Paizes dos Negros, e Reinos d'Angola, e de Congo, Eſte, e Ueſte. He regado por muitos rios grandes, e contem 25 Reinos, que lhe rendem vaſſalagem. Os habitantes naõ ſaõ todos barbaros, como os Huttentoens, e outros povos da Coſta da Cafraria. Poſto que negros, ſaõ mais eſpiritozos, e mais induſtrioſos, e tem huma forma de Religiaõ mais aſſignala-

Ann. de J. C. 1576.

D. SEBASTIAÕ REI

ANTONIO MONIS BARRETO GOVERNADOR.

da, de que parece que o Imperador he o Chefe. Efte Principe he refpeitado como huma efpecie de Divindade. Os feus vaffallos naõ lhe falaõ fe naõ de joelhos; elle, e as fuas mulheres, faõ fervidos pelos filhos dos Principes, e dos Reis feus vaffallos, que eftaõ lá como em refens até a idade de vinte annos, paffaõ depois aos primeiros empregos. O Palacio d'efte Principe he rico, e tudo alli refpira o ar d'huma Naçaõ bem policiada, as infignias da fua dignidade faõ huma fouce, e duas flexas. Ainda que efteja em paz, tem com tudo fempre em pé hum exercito muito numerofo. Tem entre as fuas tropas hum povo de mulheres guerreiras, que pertendem ter nafcido das antigas Amazonas da Libya. O que efte Principe tem de mais particular, he o fogo fagrado, que conferva, e que manda renovar cada anno em todos os Eftados dos Principes feus feudatarios. Suas terras faõ ferteis, e abundantes, ricas em Elephantes, e em animaes; porém principalmente por eftas ruinas, que pertendem fer o Ophir de Salomaõ.

Havia alguns annos que o Imperador que reinava entaõ, tinha tef-

te-

temunhado dezejar a alliança dos Portuguezes. O Vice-Rei das Indias alli enviou o Padre Gonçalo da Silveira Jesuita, que baptisou este Principe com a Imperatriz sua may, e trezentos dos principaes Senhores da sua Corte. Porém os Mouros tendo-lhe voltado o animo, elle fez cortar a cabeça a este Padre. Pouco depois elle se arrependeo, e fez o mesmo aos seus calumniadores.

ANN. de J. C. 1576.

D. SEBASTIAÕ REI

ANTONIO MONIS BARRETO GOVERNADOR

O zelo de estender a Religiaõ naquelle paiz, e o desejo de se aproveitar das suas riquesas, determinou ElRei D. Sebastiaõ a enviar-lhe Francisco Barreto com tres navios, e perto de mil homens. Era para admirar que Barreto, que tinha sido Governador Geral das Indias, se quisesse encarregar d'huma taõ pobre commissaõ. Porém os grandes homens attendem mais á obediencia que devem aos seus Principes, que á differença dos postos. Além d'isto Barreto se tinha arruinado pelo serviço do Estado. ElRei com tudo pertendeo honra-lo, pondo-o a par com o Vice-Rei das Indias, e lhe deo de mais o titulo de Conquistador das Minas.

Contarei aqui fielmente o que diz Manoel de Faria na sua historia. Este

Ann. de J. C. 1576.

D. Sebastiaõ Rei

Antonio Monis Barreto Governador.

Autor conta, que o Rei encarregando Francisco Barreto desta expediçaõ, lhe ordenou no mesmo tempo, que naõ fizesse nada, se naõ pelo conselho do Padre de Monclaros Jesuita, em que se naõ sabe admirar muito, ou a docilidade d'hum grande Capitaõ em se submeter a hum Religioso ignorante no ministerio da guerra, ou este Religioso Santo na sua pessoa, e cheio de zelo que sahia tanto da sua esfera, e do seu estado. Monclaros estabelecendo bem o seu credito, se portou como mestre, tudo para á gloria de Deos, e começou a usar de sua auctoridade na escolha de dois caminhos por onde podiaõ entrar no Monomotapa. Só, e contra o parecer de todos, fez tomar aquelle por onde era precizo passar pela visinhança de alguns Mouros, que pensaraõ em fazer morrer este exercito, envenenando-lhe as agoas. Barreto naõ deixou com tudo d'avançar caminho. Enviou os seus Embaixadores á Corte do Imperador, e alcançou o que pedia, offerecendo-lhe a sua alliança contra o Rei de Mongar rebelde. Costeou o rio Zambeza sómente com 23 cavallos, e 500 para 600 homens armados de arcabuzes. Marchou em boa ordem

com

com a ſua artilheria, e a ſua bagagem no centro, e com eſta pequena tropa desfez muitas vezes milhares d' homens pouco accoſtumados ao eſtrondo da artilheria, de ſorte que o Rei de Mongar foi obrigado a pedir-lhe paz.

ANN. de J. C. 1576.

D. SEBASTIAÕ REI.

Neſtas circunſtancias Franciſco Barreto foi obrigado a tornar para Moçambique, onde Antonio Pereira Brandaõ, hum dos que ſe tinhaõ diſtinguido muito nas Molucas pelos ſeus crimes, e que em caſtigo eſtava degradado em Africa, e tinha requerido por preferencia, de ſer da expediçaõ das Minas, tinha cauſado terriveis movimentos. Porque eſte homem, ainda que de idade de 85 annos, naõ desmentia nunca da ſua primeira conducta. Barreto lhe tinha confiado a Fortaleza, e eſte ingrato procurou fazer-ſe Senhor d'ella, e atropelar Barreto, que elle ofuſcava na preſença d'ElRei á força de calumnias ſuppoſtas, e de cartas, que eſcrevia á Corte. Eſtando Barreto de retorno para Moçambique, Brandaõ ſe deitou a ſeus pés, e lhe pedio perdaõ. Barreto lho concedeo com grande generoſidade abraçando-o ternamente com as lagrimas nos olhos; e tendo confia-

ANTONIO MONIS BARRETO GOVERNADOR.

do

Ann. de J. C. 1576.

D. Sebastiaõ Rei

Antonio Monis Barreto Governador.

do a praça a outro, tornou a partir para o exercito. Apenas elle chegou o padre Monclaros deixando-se transportar d'hum zelo intempestivo, lhe mandou que abandonasse a empresa, dizendo-lhe, „ Que elle era a causa „ da perda de toda a sua gente, e „ que elle d'isso daria huma conta ter- „ rivel a Deos, e a ElRei a quem ti- „ nha enganado. „ Barreto tomado deste attaque morreo dois dias depois de disgosto.

Vasco Fernandes Homem, que succedeo a Barreto por ordem da Corte, em cazo de morte, foi muito bom para obedecer ao Padre de Monclaros neste ponto, e voltou para Moçambique; porém tendo-se hum pouco deixado abrir os olhos sobre os motivos d'huma obediencia taõ cega, deixou lá este Padre, e tornou a tomar a sua expediçaõ, a qual foi com tudo muito infeliz. Os naturaes do paiz o enganaraõ, e tanto fizeraõ com os seus enganos, que a maior parte dos Portuguezes morreo, e os que poderaõ sobreviver á sua miseria, voltaraõ sem acharem as minas, d'onde os tinhaõ sempre maliciosamente apartado. Esta expediçaõ começada em 1569. durou até perto do fim de 1576.

O

Ann. de J. C. 1576.

D. SEBASTIAÕ REI.

ANTONIO MONIS BARRETO GOVERNADOR.

O Padre Francisco de Sousa, ou porque julgou o Padre Monclaros innocente d'este facto, ou porque tivesse respeito á sua Religiaõ para o tratar como culpado, como se fosse huma mancha, que em hum corpo taõ numeroso se achasse hum homem, que se deixasse condusir de hum zelo mal entendido, intentou justifica-lo, e diz Manoel de Faria, que elle naõ nomea, ou fora mal informado, ou deo muitas largas ao seu genio critico, e mordaz. Pode dizer-se, que o Autor foi mal informado, principalmente em hum tempo em que attribuiaõ aos Jesuitas muitas coisas nas quaes naõ tinhaõ parte. Os outros Escriptores que nos seguimos até ao prezente, nos faltaõ, e naõ condusiraõ a sua historia até a este tempo, onde Faria se acha ser o unico Annalista das Conquistas dos Portuguezes. Eu creio com tudo dever fazer justiça a este Autor. He verdade que elle he livre, atrevido em dizer o seu parecer; porém pareceo-me veridico, e no que toca aos Jesuitas, fala d'elles em tantos lugares com huma estimaçaõ, e affeiçaõ taõ singular, que naõ posso crer que n'isto tenha falado por paixaõ, naõ tendo, segundo creio, entéres-

Ann. de J. C. 1578. 1579.

D. Sebastiaõ Rei

resse algum em fazer apparecer o Padre Monclaros culpado longo tempo depois da morte d'este Padre. A fidelidade que eu devo á verdade da historia, naõ me permitio omitir esta reflexaõ, nem de naõ fazer justiça ao merecimento deste Escriptor, dizendo o que serve para a sua justificaçaõ.

Ruy Lourenço de Tavora nomeado Vice-Rei.

Ruy Lourenço de Tavora, que vinha para succeder a Antonio Moniz Barreto, e que era honrado com a qualidade de Vice-Rei, morreo em Moçambique. D. Diogo de Menezes, achando-se nomeado nas successoens, tomou o Governo, e o conservou por dois annos, sem que d'isto ficasse algum vestigio por falta de memorias d'aquelles tempos. Elle tinha servido bem, e era digno do posto a que foi ellevado. Faltou menos sem duvida ás occasioens de fazer grandes acçoens, do que as occasioens lhe faltaraõ.

Diogo de Menezes Governador.

D. Luiz d'Ataide Conde de Atouguia Vice-Rei pela segunda vez.

D. Luiz d'Ataide Conde d'Atouguia voltou pela segunda vez ás Indias para lhe tirar o bastaõ das maõs. ElRei D. Sebastiaõ tinha nomeado este grande homem Generalissimo da armada, que este Principe devia condusir pessoalmente á Affrica. Elle o tinha escolhido por preferencia sobre a sua al-

alta reputaçaõ, e principalmente por causa da intrepidez, e valor que conservava nos maiores perigos, e de quem contaõ muitas acçoens singulares. Porém tanto este valor lhe agradou, quanto foi contrariado da sua prudencia, e dos conselhos que elle lhe deo muito contrarios ao seu natural belicoso, e impetuoso, como se a prudencia naõ devesse hir de acordo com o valor. Para se desfazer d'elle com honra, mudou-lhe o destino com o pretexto da precizaõ das Indias, e o fez partir repentinamente, só com dois navios, e huma caravela, na má sezaõ, e sem respeito a Ruy Lourenço de Tavora, que tinha enviado Vice-Rei, naõ havia ainda hum anno, e que esta afronta teria matado de disgosto, se a molestia se naõ anticipara.

Ann. de J. C. 1579.

D. SEBASTIAÕ REI

D. LUIZ DE ATAIDE CONDE DE ATOUGUIA VICE-REI. PELA SEGUNDA VEZ.

O Conde d'Atouguia com tudo fez huma felicissima viagem, e chegou a Goa no fim de Agosto de 1579. A sua chegada fez tremer os inimigos da Naçaõ Portugueza. A lembrança do passado fez cahir as armas das maõs aos que poderiaõ pensar manejalas. Teve sómente que castigar, a perfidia de Melique Tocar, Tanadar, ou Administrador da Alfandega de Dabul pelo Idalcaõ, que no Governo prece-

ce-

Ann. de J. C. 1579.

D. Sebastião Rei

D. Luiz d'Ataide Conde de Atouguia Vice-Rei pela segunda vez.

cedente tinha cometido huma grande traiçaõ a reſpeito de alguns Officiaes Portuguezes das eſquadras, que faziaõ a carreira para o Norte. Eraõ quatro Capitaens, D. Jeronimo Maſcarenhas D. Diogo, e D. Antonio da Silveira, e Franciſco Peſſoa. Tendo eſtes vindo ancorar a Dabul para tomarem refreſcos á ſombra da paz, o Tanadar os recebeo muito bem, e tendo-os convidado para virem a terra comer a ſua caſa, os fez degolar por traiçaõ, á excepçaõ com tudo de Maſcarenhas, que moſtrou ter preſentido o perigo, e recolheo alguns dos que eſcaparaõ da conjuraçaõ. Humas das primeiras coiſas que fez o Vice-Rei, foi enviar D. Pedro de Menezes para caſtigar eſte traidor, e elle meſmo apertou de modo o Idalcaõ, que o obrigou a fazer-lhe juſtiça.

Chegaraõ com effeito a hum ajuſte, e convieraõ em que o Tanadar ſeria deſterrado de Dabul, e do ſeu territorio. Porém pouco depois o Vice-Rei, ſabendo que o Tanadar eſtava ainda no exercicio do ſeu cargo, eſta infracçaõ que teve por hum inſulto, tendo-o porvocado, reſolveo proceder por meios mais efficaces. D. Paulo de Lima Pereira, que enviou com dez Navios

vios, lhe deo ſobre iſto huma ampla ſatisfaçaõ, tendo ido a Dabul, onde queimou dois navios do Idalcaõ, fez grandes deſtruiçoens nas povoaçoens ao redor, e desbaratou bem dois corſarios Malabares, que o Tanadar tinha chamado em ſeu ſoccorro.

ANN. de J. C. 1579.

C. SEBASTIAÕ REI

Aconteceo entaõ huma nova revoluçaõ nos Eſtados do Idalcaõ, o qual foi morto por hum moço Pagem, a quem quiz fazer violencia. Elle naõ tinha filhos. Hum dos ſeus ſobrinhos lhe ſuccedeo. Porém foi logo deſapoſſado por hum vaſſallo rebelde, e poderoſo, que ſe ſublevou, e ſe fez Senhor da Capital, e da peſſoa d'elle. A guarda Abexinia d'eſte novo Tyrano o deſpojou dos ſeus Eſtados, e da vida. Os tres Chefes Abexins autores d'eſta revolta ſe dividiraõ entre ſi, e hum d'elles ficou Senhor. O Vice-Rei ſe teria ſem duvida aproveitado d'eſtas conjuncturas, ſe naõ ſe tiveſſe matado elle meſmo em Goa para naõ ſobre viver ás diſgraças da ſua Naçaõ. Porque foi entaõ que o Reino de Portugal ſe vio como opprimido pela morte d'ElRei D. Sebaſtiaõ, que morreo na ſua expediçaõ d'Africa, e pela do Cardial Infante D. Henrique, que naõ tendo o Sceptro ſe naõ an-

D. LUIZ DE ATAIDE CONDE DE ATOUGUIA VICE-REI, PELA SEGUNDA VEZ.

1580. 1581.

Ann. de J. C. 1581.

anno, e meio, ſem ter tomado alguma medida para ſegurar a ſucceſſaõ a eſta Cora, deo lugar a Philipe ſegundo Rei de Eſpanha para ſe aſſenhorear d'ella.

D. Henrique Rei.

D. Fernando Telles de Menezes Governador.

Philipe I. de Portugal II. de Hespanha.

A noticia d'eſta grande cataſtrophe ſendo enviada ás Indias pelos Regentes do Reino, D. Fernando Telles de Menezes, que ſe julgava no emprego de Governador pelas ſucceſſoens, alli fez reconhecer o Rei D. Philipe d'Auſtria em todas as praças, ſem achar a menor oppoſiçaõ. Teve niſto tanto maior merecimento por ter relaçoens particulares, e razoens fortes de ſer afecto ao Principe D. Antonio de Portugal, que diſputava eſta Coroa, de que ſe julgava herdeiro. ElRei Philipe ignorando o ſerviço que Telles lhe fazia, e ſupondo D. Luiz d'Ataide ainda vivo, eſtava muito inquieto ſobre a diſpoziçaõ em que eſtariaõ nas Indias a ſeu reſpeito. Neſta inquietaçaõ he que fez partir D. Franciſco de Maſcarenhas, o que tinha defendido Chaul com tanta gloria contra Nizamaluco, com o titulo de Vice-Rei. Honrou-o tambem com o titulo de Conde de Santa Cruz, e ajuntou á ſua dignidade grandes privilegios motivados pelo dezejo de o

ad-

adquirir, e da efperança de que elle lhe fubmeteria as Indias. E a fim de que D. Luiz d'Ataide naõ tiveffe dificuldade de lhe entregar o Governo o fazia Marquez da Villa de Santarem. Mafcarenhas quando chegou achou tudo feito. Ataide tinha hido gozar das recompenças do Ceo, mais folidas, e menos cegas que as dos Reis da terra. Mafcarenhas gozou das que lhe tinhaõ concedido em confideraçaõ dos feus ferviços futuros; e Fernando Telles de Menezes, a quem El-Rei d'Hefpanha devia tudo, foi defapoffado, e ficou fem recompença: affim procede o mundo.

Ann. de J. C. 1581.

PHILIPPE I. DE PORTUGAL II. DE HESPANHA.

FRANCISCO DE MASCARENHAS VICE-REI

Efta he a Epoca em que julguei dever acabar efta obra. Portugal mudando de Senhor pareceo perder tudo. Fazendo parte da Coroa de Efpanha, foi, fegundo dizem, de alguma forte a victima da politica d'efta Monarchia, e o objecto da cubiça de todos os feus inimigos. O Conde Duque d'Olivares, primeiro Miniftro de Philipe IV. he acufado por alguns de ter pofto toda a fua attençaõ em diminuir as forças d'hum Eftado, onde temiaõ fempre huma revoluçaõ em favor dos feus legitimos Principes, ainda que fem atribuir eftas intençoens preverfas a ef-

PHILIPE III. REI.

PHILIPE IV. REI.

D. JOAÕ IV. REI.

Ann. de J. C. 1581. D. João IV. Rei.

este Ministro, seria mais natural dizer, que tendo huma muito vasta extenção de paiz a manter contra tantas potencias inimigas, pôz menos cuidado em conservar o que era dos Portuguezes, do que o que pertencia aos Castelhanos, bem que elle tivesse dezejo de conservar tudo. Com tudo Portugal, que antes tinha sempre estado quieto, sem tomar parte nas guerras da Europa, se achou entaõ embaraçado, porque pertencia entaõ a huma potencia, que causava ciume a todas as outras, e que era accusada de pertender a Monarchia universal.

As Conquistas dos Portuguezes se resentiraõ logo, e em quanto os Mogols se fizeraõ Senhores do Indostaõ, e o poder dos Reis da Persia hia crusando da parte da Arabia, os Inglezes, e Hollandezes começaraõ a perturbar o commercio de Africa, e a correr sobre as Colonias Portuguezas. Os primeiros se uniraõ a Arabia, e por fim lhes fizeraõ perder Ormuz. Os segundos lhe tomaraõ Malaca, e os expulsaraõ de quasi todos os seus estabelicimentos na Ilha de Ceilaõ, e nas de Sunda, ajudados pelo odio dos naturaes do paiz, muito justamente irritados dos excessos dos particula-

lares aos quaes a Corte de Portugal naõ tinha posto em ordem.

Ann. de J. C. 1581.

PHILIPPE III. REI.

PHILIPPE IV. REI.

D. JOAÕ IV. REI.

Os Hollandezes naõ fizeraõ menos esforços para tomarem o Brasil. Este paiz quasi sempre desprezado de Portugal, e que lhe vale hoje hum Peru, deve toda a obrigaçaõ da sua conservaçaõ, em primeiro lugar a Mathias d'Albuquerque, que o sustentou muito tempo, contra as afectadas negligencias do Conde Duque d'Olivares, o qual parecia, dizem, ter-lhe determinado a perda, e em segundo lugar ao incomparavel Joaõ Fernandes Vieira, que vendo-se abandonado de ElRei D. Joaõ IV. muito occupado em se sustentar em Portugal contra as armas de Hespanha, depois da Revoluçaõ, que restituio a Casa de Bragança ao Trono, na pessoa d'este Principe, declarou guerra aos Holandezes no seu proprio, e privado nome, e a continuou por longo tempo contra a vontade do seu Soberano, que vendo-o favorecido da fortuna, reconheceo em fim as grandes obrigaçoens que lhe devia, no mesmo tempo que todo o universo aplaudindo a grandeza do seu valor, a sua invencivel constancia, a sua heroica fidelidade, o consideraraõ como hum dos maio-

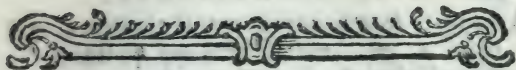
ANN. de J. C. 1581.

D. JOAÕ IV. REI.

maiores homens que a Providencia fez naſcer para o bem, e honra de Portugal.

Exaqui o que como Hiſtoriador fiel procurei contar com toda a ſinceridade poſſivel. E certamente naõ ha ninguem que reflectindo ſobre o que a Naçaõ Portugueza fez nas extremidades do mundo por trabalhos immenſos, perigos ſem numero, acçoens de valor eſpantoſas, e algumas vezes incriveis, domando, e ſubjugando Naçoens numeroſas, humilhando os Reis mais ſoberbos, e levando a toda a parte a fé de Jeſus Chriſto, com o favor dos ſeus deſcubrimentos, e dos ſeus progreſſos, ella adquirio huma gloria, que a ſerie dos tempos nam poderá a pagar, e pela qual ſe pôem a par, ou ainda excede muito as conquiſtas mais celebres da antiguidade.

*Fim do decimo quarto, e ultimo livro.*

IN-

# INDEX

Das coizas notaveis, que contém o I. II. III. e IV. Tom. desta Historia.

ADEM

AIA-

ço-

AL-

AN-

ATAI-

For-

Dio-

ſeus

terra

CA-

CAS-

CHI-

Cou-

## D

até

## E



## F



Fal-

Jor-

Fran-

## G

ca-

Gi-

H.

po,

lou-

## J.

Jsv-

LAR,

vas-

MAI-

hum

con-

ca-

MEN-

ti-

ME-

e

Mo-

ver-

N.

faz-

pon-

Ni-

No-

to-

Rei

de

O

ta-

Pe-

Ee

4.

por

## R

o

do

## S.

de

fau-

fauces do mar Roxo, e naõ pôde vingar-se da perfidia do Cheque de Aden, encontra Diogo da Silveira na Costa de Cambaia, entrega-lhe o Governo e parte para Portugal comandando a frota de transporte 123. e seguintes.

SAMARAÕ, liga-se com Tristaõ de Attaide, contra o Rei Tabarija e Pate Saranguet t. 3. 103. separa-se dos enteresses dos Portuguezes, e entra na conjuraçaõ geral feita contra elles 105.

SAMPAIO, ( Lopo Váz de ) assignala-se no cerco de Benastarin t. 2. 75. Governador de Cochin, he deixado por Vasco da Gama por Governador Geral até a abertura das successoẽs 401. avisa D. Henrique de Menezes da sua promoçaõ ibid. conteve no seu dever D. Duarte e D. Luiz de Menezes ibid. Envia Francisco de Sá ao estreito do Sunda t. 3. 7. 12. suas intrigas com Affonso Mexia, para tirar o Governo a Pedro Mascarenhas nomeado pelas successoẽs 8. expede muitos Officias para diversos Postos, 9. elle mesmo parte para Bacanor, e desbarata o Cutial ou Almirante do Çamorin ibid. e seguintes. faz huma viagem a Ormus em favor de Diogo de Melo seu parente, e ali restabelece os negocios 13. torna para a India e perde a occasiaõ de tomar Diu 14. ali envia Heitor da Silveira sem

So-

Sou-

Sou-

# T



Pu-

TA-

bu-

TER-

To-

TRANS-

dos

vi-

zi-

X.

Z.

*Fim do Index de toda a obra.*